

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
INSTITUTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

ESTER PEREIRA DE ALMEIDA SANTOS

**Percepção brasileira sobre a China:** Um estudo baseado em pesquisas de opinião pública (2010-2020)

São Paulo  
2023

ESTER PEREIRA DE ALMEIDA SANTOS

Percepção brasileira sobre a China: Um estudo baseado em pesquisas de opinião pública  
(2010-2020)

Versão Corrigida

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Relações Internacionais.

Área de Concentração: Política Externa e Instituições

Orientador: Prof. Dr. Feliciano de Sá Guimarães

São Paulo  
2023

Catálogo na publicação  
Seção Técnica de Biblioteca  
Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo

Santos, Ester Pereira de Almeida

Percepção brasileira sobre a China: um estudo baseado em pesquisas de opinião pública (2010-2020) / Ester Pereira de Almeida Santos ; orientador: Feliciano Guimarães. – São Paulo, 2023.

162 p.

Dissertação (Mestrado) – Instituto de Relações Internacionais. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

1. Opinião pública 2. China 3. Brasil 4. Barômetros 5. Análise de dados  
I. Guimarães, Feliciano, orient. II. Título

CDD – 303.380951

Nome: SANTOS, Ester Pereira de Almeida

Título: Percepção brasileira sobre a China: Um estudo baseado em pesquisas de opinião pública (2010-2020)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Relações Internacionais.

Aprovado em: 05/12/2023

Banca Examinadora

Prof. Dr.

Instituição:  
Paulo

Feliciano de Guimarães

Instituto de Relações Internacional da Universidade de São

  
Prof. Feliciano Guimarães (IRI-USP)

Julgamento:

Aprovada

Prof. Dra.

Instituição:

Julgamento:

Elia Cia Alves

Universidade Federal da Paraíba

gov.br

Documento assinado digitalmente

ELIA ELISA CIA ALVES

Data: 30/01/2024 08:59:13-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Aprovada

Prof. Dr.

Instituição:

Julgamento:

Ivan Filipe de Almeida Lopes Fernandes

Universidade Federal do ABC

Aprovada

## **AGRADECIMENTO**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001, projeto 88882.461730/2019-01. Sem os 9 meses de apoio, este trabalho não seria possível.

Agradeço a minha mãe, Lucineia, por não ter desistido de mim, nem permitido que eu desistisse de mim mesma. Também sou grata ao meu pai, Amorim, que apesar de não entender o que eu faço, porque eu faço, sempre encontra alguma palavra de apoio e força. Agradeço todo o apoio da minha família e amigos, que sempre torceram para que eu realizasse um bom trabalho de pesquisa, em especial minha irmã Edissa, e meus amigos Pamela Apariz, Guilherme Sigmund e Lucas Cerqueira que são alicerces muito fortes na minha vida. Também agradeço ao meu orientador, Feliciano de Sá Guimarães, por toda a paciência e suporte, principalmente nos momentos mais difíceis e delicado desta entrega. Agradeço à Universidade de São Paulo por fornecer as ferramentas necessárias para esta jornada, com professores e equipe de pós-graduação muito bem qualificados. Um agradecimento especial aos amigos feitos durante a pós-graduação, Rita Feodrippe, Gabriela Oliveira, Ricardo Esteves, Thomaz Delgado que sempre estiveram dispostos a me ouvir chorar por conta das dificuldades encontradas durante o processo de pesquisa e escrita deste trabalho.

Agradeço meu psiquiatra, Ygor Guedes, por toda a paciência, cuidado e trabalho excepcional na luta pela estabilidade que travo há alguns anos. Por fim, agradeço também minha psicóloga, Antonia Silverio por me ajudar a trilhar o caminho para o autoconhecimento e por acreditar que eu pudesse me tornar uma pessoa melhor e mais estável.

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho à minha família que lutou por mim quando eu não mais podia.

## EPÍGRAFE

*“The only thing that separates women of color from anyone else is opportunity.”*  
– Viola Davis (“67th Primetime Emmy Awards”, 2015).

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo explorar um conjunto de bases de dados de dois projetos de opinião pública latino-americanos, o *Corporación Latinobarómetro* e o *Latin American Public Opinion Project*, o LAPOP. Usando de duas variáveis independentes – a saber percepção econômica e satisfação democrática – se intentou descobrir qual a percepção dos brasileiros em relação à China e o governo chinês entre os anos de 2010-2020. A principal contribuição deste trabalho se encontra nos dois modelos estatísticos modelados para cada uma das duas bases de dados e a revisão sistemática de literatura que tentou explorar o máximo de trabalhos encontrados no Web of Science e Scopus que exploram a percepção sobre a China de diversos continentes. Os dados analisados nos forneceram possibilidades de exploração finitas e a deliberação nos levou a escolher como melhor opção de modelagem a regressão linear múltipla para relacionar as variáveis preditores acima mencionadas e as variáveis controle – sexo, faixa etária, etnia, religião, região e educação. No primeiro modelo as variáveis explicativas percepção econômica e satisfação democrática foram utilizadas para prever a percepção brasileira sobre o país China. O segundo modelo utilizou mesmas variáveis explicativas – percepção econômica e satisfação democrática – mas dessa vez para prever a percepção brasileira sobre o governo chinês. Os resultados desse modelo mostram que quanto pior a percepção sobre a economia do respondente pior será a percepção deste sobre a China e seu governo. Quanto à variável dependente satisfação com a democracia, foi possível rejeitar a hipótese nula de que esta variável não possui impacto sobre a opinião do respondente sobre a China apenas para os dados *Latinobarómetro*. Para os dados LAPOP, a satisfação democrática não possui efeito na percepção do respondente sobre o governo chinês.

**Palavras-chave:** Opinião pública; China; Brasil; Barômetros; Análise de dados.



## ABSTRACT

The aim of this study is to investigate a set of datasets from two Latin American public opinion projects, namely the *Corporación Latinobarómetro* and the Latin American Public Opinion Project (LAPOP). By utilizing two independent variables – namely economic perception and democratic satisfaction – the objective is to determine the perception of Brazilians regarding China and the Chinese government between the years 2010-2020. The main contribution of this study lies in the two statistical models developed for each of the two datasets and the systematic literature review aimed at exploring as many works as possible found in the Web of Science and Scopus databases, focusing on the perception of China across various continents. The analyzed data provided finite exploration possibilities, and deliberation led us to choose multiple linear regression as the best modeling option to relate the a forementioned predictor variables and control variables – gender, age group, ethnicity, religion, region, and education. In the first model, the explanatory variables of economic perception and democratic satisfaction were used to predict the Brazilian perception of China. The second model used the same explanatory variables – economic perception and democratic satisfaction – but this time to predict the Brazilian perception of the Chinese government. The results of this model indicate that the worse the perception of the respondent regarding the economy, the worse their perception of China and its government. Regarding the dependent variable satisfaction with democracy, it was possible to reject the null hypothesis that this variable has no impact on the respondent's opinion about China only for the *Latinobarómetro* data. For the LAPOP data, democratic satisfaction has no effect on the respondent's perception of the Chinese government.

**Keywords:** Public opinion; China; Brazil; Barometers; Data analysis.

## ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

### FIGURAS

Figura 1 – Artigos de opinião pública sobre a China (2010-2022) .....	24
Figura 2 – Produção de artigos por país .....	25
Figura 3 – Mapa estrutural conceitual das palavras-chave mais relevantes .....	26
Figura 4 – Opinião pública sobre a China em seis nações africanas (2013) .....	29
Figura 5 – Percepções positivas de países do Leste Asiático sobre a China .....	33
Figura 6 – Percepção geral sobre a China países Europa Central e Oriental .....	37
Figura 7 – Percepções dos estadunidenses sobre a China (2005-2020) .....	45
Figura 8 – Classificação da imagem do país (em negrito países dos focus group) .....	48
Figura 9 – Porcentagens que respondentes que concordam que “a China está a fazer mais bem do que mal na região” .....	50
Figura 10 – Visões latino-americanas sobre o modelo de desenvolvimento.....	51
Figura 11 – China como modelo preferido de desenvolvimento.....	53
Figura 12 – Densidade das distribuições de kurtosis.....	64
Figura 13 – Distribuição das variáveis do modelo Latinobarómetro .....	68
Figura 14 – Correlação entre as variáveis Latinobarómetro.....	71
Figura 15 – Distribuição das variáveis do modelo LAPOP.....	81
Figura 16 – Correlação entre as variáveis LAPOP .....	83
Figura 17 – Opinião pública sobre a China (2011-2020) .....	85
Figura 18 – Opinião pública sobre o governo chinês (2012-2019) .....	85
Figura 19 – Percepção Econômica versus Percepção Governo Chinês (Latinobarómetro) .....	89
Figura 20 – Satisfação Democrática versus Percepção Governo Chinês (Latinobarómetro) .....	90
Figura 21 – Percepção Econômica versus Percepção Governo Chinês (LAPOP) .....	94

### TABELAS

Tabela 1 – Triagem Web of Science & Scopus.....	22
Tabela 2 – Questões sobre a China no Latinobarómetro.....	56
Tabela 3 – Latinobarómetro ondas utilizadas.....	58
Tabela 4 – Variáveis de interesse Latinobarómetro .....	58
Tabela 5 – Amostra dos dados de 2011 Latinobarómetro .....	59

Tabela 6 – Amostra dos dados de 2020 Latinobarómetro .....	60
Tabela 7 – Testes ANOVA, AIC e BIC_Latinobarómetro .....	62
Tabela 8 – VIF Variáveis Explicativas e Controles Latinobarómetro.....	65
Tabela 9 – Estatísticas descritivas Latinobarómetro .....	66
Tabela 10 – Questões sobre a China no LAPOP .....	72
Tabela 11 – LAPOP ondas utilizadas .....	73
Tabela 12 – Variáveis de interesse LAPOP.....	74
Tabela 13 – Amostra dados onda de 2012 LAPOP .....	75
Tabela 14 – Amostra dados coletados em 2019 .....	75
<i>Tabela 15 – Amostra dados corrigidos e mesclados .....</i>	<i>76</i>
Tabela 16 – Testes ANOVA, AIC e BIC_LAPOP.....	78
Tabela 17 – VIF Variáveis Explicativas e Controles LAPOP .....	79
Tabela 18 – Estatísticas descritivas LAPOP.....	80

## **GRÁFICOS**

Gráfico 1 – Projetos BRI em áreas estratégicas na Ásia .....	41
--	----

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>2. REVISÃO DA LITERATURA.....</b>	<b>21</b>
2.1. África: Mídia de massa, investimentos e neocolonialismo .....	27
2.2. Ásia: Parceria e insegurança entre vizinhos .....	32
2.3. Europa: Desconfiança e interesse no continente .....	35
2.4. Oceania: O medo e a ganância dos australianos.....	39
2.5. Américas: Conflitos ideológicos no Norte, parceira econômica-comercial no Sul .....	42
2.5.1. Opinião pública de brasileiros sobre a China .....	54
<b>3. METODOLOGIA: MODELOS E VARIÁVEIS.....</b>	<b>56</b>
3.1. Modelo 1 – Latinobarómetro: Opinião pública sobre a China (2011-2020).....	56
3.1.1. Apresentação das bases de dados .....	57
3.1.2. Seleção das variáveis de interesse .....	58
3.1.3. Comparação entre os modelos e testes do modelo .....	61
3.1.4. Estatísticas descritivas e distribuição dos dados (2011-2020).....	66
3.1.5. Correlação das variáveis de interesse .....	70
3.2. Modelo 2 – LAPOP: Opinião pública sobre o governo chinês (2012-2019).....	72
3.2.1. Apresentação das bases de dados .....	73
3.2.2 Seleção das variáveis de interesse .....	74
3.2.3. Comparação entre os modelos e testes do modelo .....	77
3.2.4. Estatísticas descritivas e distribuição dos dados.....	80
3.2.5. Correlação das variáveis de interesse .....	82
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>85</b>
<b>5. CONCLUSÃO.....</b>	<b>97</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>99</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>117</b>
ANEXO A – DADOS SOBRE A ÁFRICA – NÍVEL PAÍS E INDIVÍDUO.....	117

ANEXO B – CODEBOOK LATINOBARÓMETRO 2011 .....	119
ANEXO C – CODEBOOK LATINOBARÓMETRO 2013 .....	122
ANEXO D – CODEBOOK LATINOBARÓMETRO 2015 .....	125
ANEXO E – CODEBOOK LATINOBARÓMETRO 2016.....	129
ANEXO F – CODEBOOK LATINOBARÓMETRO 2017 .....	132
ANEXO G – CODEBOOK LATINOBARÓMETRO 2018 .....	136
ANEXO H – CODEBOOK LATINOBARÓMETRO 2020 .....	139
ANEXO I – CODEBOOK LAPOP 2012 .....	143
ANEXO J – CODEBOOK LAPOP 2014.....	145
ANEXO K – CODEBOOK LAPOP 2017 .....	147
ANEXO L – CODEBOOK LAPOP 2019 .....	151
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>155</b>
APÊNDICE A – ZONA DE INFLUÊNCIA DA CHINA POR PROXIMIDADE GEOGRÁFICA .....	155
APÊNDICE B – CODEBOOK LATINOBARÓMETRO (2011-2020) EDITADO	156
APÊNDICE C – CODEBOOK LAPOP (2012-2019) EDITADO .....	159

## 1. INTRODUÇÃO

*[...] No final, o que a China pensava sobre si mesma não importava tanto. O que importava era o que o mundo pensava da China (RAMO, 2007, p. 10–11).*

No campo de estudo da opinião pública há uma escassa literatura sobre como brasileiros veem a China e quais são os possíveis determinantes da percepção brasileira sobre nosso principal parceiro comercial. O objetivo deste trabalho é verificar se a opinião pública brasileira sobre a China é afetada por duas variáveis distintas, a saber, percepção econômica do respondente sobre seu país e a satisfação democrática do respondente sobre o Brasil. Este trabalho se propõe a oferecer explicações teóricas e exploratórias que possam explicar mais um aspecto da formação da opinião pública brasileira sobre a China e seu governo.

A fim de atingir o objetivo proposto, esta pesquisa será realizada em duas etapas: 1) a revisão da literatura a partir de uma análise bibliométrica do campo de estudo da opinião pública sobre a China e 2) a verificação do impacto das variáveis explicativas na variável resposta em dois modelos estatísticos distintos com dados do Brasil. Ao nos aprofundarmos em nosso arcabouço conceitual, investigando como a literatura está distribuída e quais suas características de acordo com a região em que está localizada, podemos trazer nossas considerações para o campo de estudos no Brasil, seus achados e suas lacunas.

A revisão da literatura nos permitiu constatar que a opinião pública brasileira sobre a China é estudada a partir 1) do impacto econômico chinês no Brasil, 2) se o modelo de desenvolvimento chinês é atraente para os brasileiros e 3) se a ideologia política (esquerda-direita) afeta a percepção dos respondentes sobre a China. Tendo em mente estas contribuições realizadas, identificamos duas variáveis que podem contribuir para o debate brasileiro sobre opinião pública sobre a China: a percepção do respondente sobre o status econômico do Brasil e sua satisfação com a democracia brasileira.

As hipóteses nulas ( $H_0$ ) e hipóteses alternativas ( $H_A$ ) levantadas para cada uma das variáveis explicativas seguem:

- Percepção sobre a situação econômica do país:
  - $H_0$  ( $p \leq 0,05$ ) → Não há relação entre a percepção da economia nacional com a percepção brasileira sobre a China e seu governo;

- $H_A$  ( $p \geq 0,05$ ) → Quanto pior a percepção da economia nacional, pior é a percepção sobre a China e seu governo.
- Satisfação com a democracia:
  - $H_0$  ( $p \leq 0,05$ ) → Não há relação entre a satisfação democrática do respondente brasileiro com sua percepção sobre a China e seu governo;
  - $H_A$  ( $p \geq 0,05$ ) → Quanto mais insatisfeito com a democracia, pior a opinião do respondente sobre a China e seu governo.

Os achados mostram que ambas as variáveis independentes – percepção econômica e satisfação democrática – possuem influência na formação da opinião pública sobre a China. O que encontramos são coeficientes pequenos, pouco expressivos, mas modelos significantes que explicam nossa realidade de alguma forma. Nesse trabalho também foi possível verificar algumas variáveis controle (ideologia, sexo, educação) já investigadas no campo de estudo da opinião pública brasileira sobre a China e não foi obtido nenhum outro resultado que já não estivesse descrito na bibliografia.

Assim, o trabalho aqui apresentado está organizado em cinco capítulos sendo o capítulo 1 uma pequena introdução sobre o tema e o campo de estudo da opinião pública sobre a China. O capítulo 2 apresenta a revisão sistemática da literatura do escopo temático do nosso campo de estudo, contando com a revisão de textos de cinco continentes – África, Ásia, Europa, Oceania e Américas – com um destaque especial para o campo da opinião pública brasileira sobre a China. O capítulo 3 apresenta a metodologia utilizada para a execução do trabalho, como foram construídos os modelos e como foram selecionadas as variáveis independentes e as variáveis controle. O capítulo 4 apresenta os resultados e a discussão sobre os achados encontrados quando da regressão e por fim, o capítulo 5 apresenta a conclusão deste trabalho.

\*.\*.\*

Há pelos menos três décadas analistas internacionais têm previsto que a ascensão econômica e geopolítica da República Popular da China (RPC) resultará no declínio dos Estados Unidos (EUA) (IKENBERRY, 2008; SCHWELLER; PU, 2011; SHIFRINSON; BECKLEY, 2012; HAMNETT, 2018). Em parte, a insegurança para com o governo chinês advém da comparação feita entre a Alemanha do início do século XX e a China

pós-reformas estruturais iniciadas nos anos 70 (RAMO, 2007; ALLISON, 2017). A revolta, a humilhação e a arrogância dessas duas nações – culturalmente diferentes e injustiçadas em contextos diversos por um pequeno grupo de países – são alguns dos motivos pelos quais os discursos apaziguadores da China atingiram uma plateia desinteressada e incrédula (CHAN; СТИВ, 2021).

A construção da imagem chinesa como um ator mais responsável no sistema internacional pode interferir diretamente em sua capacidade de estabelecer relações amistosas com a comunidade internacional, implicando no estabelecimento de acordos comerciais e parcerias econômicas e estratégicas (DISDIER; MAYER, 2007; GUIISO; SAPIENZA; ZINGALES, 2009; KLEINBERG; FORDHAM, 2010; CHUNG, 2015a; HA et al., 2021). Apesar de os discurso de Zheng Bijian<sup>1</sup> tentarem construir uma comunicação clara para com o ocidente, a tradução dos discursos bem como a interpretação do público não garantiram que a comunidade internacional visse a posição do governo chinês com legitimidade (ZHENG, 2005; RAMO, 2007).

Com o crescimento da economia chinesa ao longo das últimas três décadas, contudo, se passou a discutir se a RPC poderia comprar sua legitimidade com países vizinhos e da periferia global (FONG; SAKIB, 2021b; FENG; ZENG, 2022; AN; FENG, 2022; MCCAULEY; PEARSON; WANG, 2022a). Os investimentos externos, parcerias estratégicas e ajudas externas se mostraram capazes de melhorar a imagem chinesa de forma gradual, ao contrário da propaganda governamental – como a estratégia voltada para a expansão econômica das estatais chinesas, a “*China Going Global*”<sup>2</sup>. É nesse contexto que no início dos anos 2000, a teoria do “*China Threat*” ganhou ainda mais força, período no qual a economia e ideologia ocidental sentiam uma crescente ameaça vinda dos avanços chineses na economia política internacional (ROY, 1996; GRIES, 1999; GERTZ, 2000; BROOMFIELD, 2003; PAN, 2004; YANG; LIU, 2012; GOODMAN; GOODMAN, 2021). Sob a visão realista, ao ascender, a potência emergente tentará revisar ou derrubar a atual ordem internacional, assim, o papel da

---

<sup>1</sup> Zheng Bijian é um intelectual e político chinês que teve diferentes cargos dentro do governo, atualmente é presidente do *China Institute for Innovation & Development Strategy* (CIIDS) que tem como objetivo explorar a ascensão e desenvolvimento pacífico da China por meio de estudos de “inovação científica e tecnológica desenvolvimento econômico, governança social, avanço cultural, relações através do Estreito e estratégia internacional.” (CIIDS, [s.d.], [s.d.]).

<sup>2</sup> Estratégia adotada durante a liderança de Jian Zemin no Partido Comunista Chinês (PCCh) – entre 1989 e 2004. Graças a Jian, a RPC foi incluída na Organização Mundial do Comércio (OMC) no ano de 2001, um dos primeiros passos da política internacional chinesa que alterou a “*Open Door Policy*” de Deng Xiaoping (1978-1989) para uma estratégia com visão de expansão global das estatais chinesas.



potência hegemônica desafiada é o de restaurar o equilíbrio do sistema, enfraquecendo – e até eliminando – a potência em ascensão (AI, 2017; GUIMARÃES, 2021).

A fim de dirimir a percepção negativa impregnada na imagem ocidental da China, intelectuais e formuladores de política externa chineses passaram a investigar a opinião pública estrangeira sobre a China. Ao analisar as percepções estrangeiras sobre a RPC, o governo chinês obtém informações que podem auxiliar no desenvolvimento de estratégias regionais para aprimorar a imagem do país. Para tanto, desde meados dos anos 2010 o governo chinês vem trabalhando seu *soft power*<sup>3</sup> em quatro frentes distintas, a saber “1) diplomacia, 2) política doméstica, 3) econômica, 4) cultural” (YANG, 2010, p. 9–10). A construção de uma diplomacia pública chinesa com foco na promoção dos valores, língua e cultura chineses atinge principalmente países da Ásia-Pacífico e países que são foco de estratégias chinesas nas regiões da África e da América Latina e Caribe (GLASER; MURPHY, 2009).

Apesar da estratégia de *soft power* com características chinesas ter pouco mais de uma década de desenvolvimento, ajustes e aplicação, a expansão do poder econômico-militar contribui para que haja diferentes percepções sobre a China. Com o aumento de barômetros ao redor do mundo, como o *Afrobarometer*, o *Asian Barometer* o *Eurobarometer* e o *Americas Barometer* relatórios sobre a opinião pública em diferentes regiões possibilitaram o estudo da imagem chinesa a partir dos olhos estrangeiros. As contribuições para o campo da opinião pública e política externa nos permitiu verificar que a China é percebida de formas positivas e negativas, dependendo de seu impacto nas diferentes regiões onde os questionários foram aplicados (LINLEY; REILLY; GOLDSMITH, 2012; ALDRICH; LU, 2015a; ALDRICH; LU; KANG, 2015a; KIM; MEUNIER; NYIRI, 2017b; XU; ZHANG, 2020; EICHENAUER; FUCHS; BRUECKNER, 2021; MCCAULEY; PEARSON; WANG, 2022c).

No continente africano, as opiniões públicas dos respondentes são constantemente associadas ao impacto econômico e midiático do governo chinês. A ajuda externa também é uma variável que se apresentou com frequência em artigos que analisam as percepções africanas sobre a China (PARK, 2013; ZHANG; MWANGI, 2016; SAVINO, 2018; WASSERMAN; MADRID-MORALES, 2018a; XU; ZHANG, 2020; MCCAULEY;

---

<sup>3</sup> Aqui cabe mencionar que o conceito de *soft power* com características chinesas propõe diferente ao conceito original de Joseph Nye Jr. de fazer com que outros países queiram o mesmo que o poder hegemônico quer, chamado também poder co-optivo (1990a, 1990b). Focando principalmente em desenvolvimento, estabilidade e harmonia universal – entre humanos, a natureza e todos os seres vivos (GLASER; MURPHY, 2009, p. 14–15)

PEARSON; WANG, 2022c). Por sua vez, o continente asiático possui percepções sobre a China voltadas para o desenvolvimento econômico, militar e sua ascensão ao status de potência regional. A insegurança decorrente do fenômeno China e as oportunidades criadas pelo advento da econômica chinesa são percebidos e influenciam as opiniões públicas da região (PRIMIANO; RICE; KUDEBAYEVA, [s.d.]; TANEJA, 2014; ZHAI, 2019a; XI; PRIMIANO, 2020; OH, 2021; SONODA, 2021a).

Na Europa, as percepções sobre a China variam entre a curiosidade e a incerteza entre os países do continente. Enquanto os investimentos chineses são bem-vistos pela população europeia, a troca de tecnologia em áreas estratégicas é preocupante e deve ser evitada (TURCSÁNYI, 2017; TURCSANYI et al., 2019; KIM; MEUNIER; NYIRI, 2017b; SUETYI; YIDONG, 2021a; SIMALCIK, 2021). Com o advento da COVID-19, a percepção de países do oeste europeu sobre a China piorou consideravelmente (TURCSÁNYI et al., 2020; JERDEN et al., 2021; SUMMERS et al., 2022). No continente americano conseguimos identificar um padrão de opiniões públicas mais negativas ao Norte, neutras no Centro-América e majoritariamente positivas ao Sul. Questões ideológicas e morais perpassam a opinião de americanos e principalmente canadenses, e econômicas nos demais países da região (SYED, 2010a; MIRILOVIC; KIM, 2017a; LI; KUANG; ZHANG, 2019; PARIS, 2020; LI, 2021; YEH; WU; HUANG, 2021a).

As percepções da América Central tendem a ser influenciadas pelas oportunidades e riscos potenciais, o que as puxa pelo poder exercido na região pelos EUA e os investimentos estratégicos que a China tem a oferecer (ARMONY; VELÁSQUEZ, 2016; CARRERAS, 2017; EMMANUEL, 2021; FENG; ZENG, 2022). Na América do Sul, por fim, encontramos opiniões públicas dirigidas pelo interesse nas oportunidades que a China oferece aos países em desenvolvimento, apesar disso, a ideologia e o modelo de desenvolvimento chinês não possuem aderência na maioria dos países da região (ALDRICH; LU, 2015a; RATIGAN, 2021b; MORGENSTERN; BOHIGUES, 2021a; EICHENAUER; FUCHS; BRUECKNER, 2021).

A opinião pública brasileira sobre a China, porém é pouco estudada. Dentre os artigos de pesquisadores brasileiros ou estrangeiros que abordam a temática, pudemos verificar que as relações econômicas sino-brasileiras e a ideologia do respondente podem nos indicar como a percepção brasileira sobre a China é construída. Dentre as abordagens encontradas, identificamos que as percepções brasileiras em relação a China são dirigidas pela admiração tecnológica e desenvolvimento científico dos chineses, mas que a cultura,

a produção cultural e sua projeção nas Américas é vista de forma negativa pelos brasileiros (ARMONY; VELÁSQUEZ, 2016, p. 25–26).

Uma das possibilidades apontadas por Oliveira e Onuki (2018) sobre as atitudes de brasileiros para com a China tem relação com a forma afastada que a população do Brasil entende as ideias de hegemonia, poder internacional e concentração de poder. Essa ideia de clivagem é encontrada em um dos relatórios produzidos pela equipe do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP) que nos aponta que “os brasileiros têm atitudes ambivalentes – ao mesmo tempo de desconfiança e admiração – em relação às potências mundiais”, tanto para os EUA quando para a RPC (ALMEIDA et al., 2018, p. 51). Essa percepção ambivalente entre as duas maiores potências mundiais indicam um “equilíbrio suave” da opinião pública brasileira em relação à China e aos EUA (FERNANDES; FREITAS; ONUKI, 2021, p. 9–10).

Levando em consideração os artigos encontrados sobre a temática, o estudo da opinião pública brasileira sobre a China tem se tornado um tipo de análise que nos permite compreender o impacto político, econômico e cultural da China na percepção do indivíduo brasileiro. Dentre os países latino-americanos, a escolha do Brasil se deu por sua longa parceria com a China em assuntos econômicos e estratégicos (RAFTOPOULOS; RIETHOF, 2016; SANTORO, 2022; ARBACHE; CONDI, 2023). As relações sino-brasileiras têm se mantido estáveis e promissoras no campo econômico com a exportação de *commodities* como a soja, petróleo e minério de ferro para a China e a importação de uma variedade de produtos chineses para o Brasil – desde equipamentos para telecomunicações a adubos, fertilizantes e acessórios para veículos.

Em caráter regional, o Brasil não só é o maior país em território como em população e por décadas foi visto como um *player* regional que possui capacidade econômica e militar de grande expressão quando comparada aos demais países da América Latina (GARDINI, 2016). Por essa razão, o Brasil foi um dos primeiros países latino-americano com o qual a China estabeleceu uma parceria estratégica regional já em 1993 (GONÇÁLVES; BRITO, 2010). Além disso, ambos os países possuem posições que se assemelham no que toca grandes temas da política internacional, constituindo um novo polo de influência para a comunidade internacional, em particular os países em desenvolvimento (OLIVEIRA, 2004).

Destarte, o que os brasileiros pensam sobre a China e quais os dados que temos para investigar a percepção do respondente médio são questões que serão respondidas ao longo deste trabalho. Para tanto, se faz necessário explorar os dados colhidos por

institutos de pesquisa de opinião pública que abrangem o Brasil, assim, trabalharemos com os dados da *Corporación Latinobarómetro*, e do *Latin American Public Opinion Project* (LAPOP). Através da Regressão Linear Múltipla (RLM) será possível construir dois modelos – um para cada instituto – e assim comparar os resultados obtidos.

A partir dos artigos já publicados sobre opinião pública brasileira sobre a China, seria interessante analisar quais as correlações que podemos fazer entre a variável dependente opinião sobre a China e as variáveis independentes de percepção econômica e satisfação democrática. A utilização da percepção econômica do respondente como ferramenta de análise macropolítica não é recente no campo da opinião pública, servindo para explorar os impactos que a economia transfere para a opinião pública (CONOVER; FELDMAN, 1986; EVANS; ANDERSEN, 2006a). A satisfação com a democracia, por sua vez, é muito utilizada em pesquisas de opinião pública sobre apoio político, mas aqui usaremos como variável independente para determinarmos se há impacto na opinião pública sobre a China, principalmente considerando que os chineses são vistos como residentes de um país sem democracia (FERRÍN, 2016; FONG; SAKIB, 2021b; SINGH; MAYNE, 2023).

O conjunto de variáveis independentes é utilizado para compreender o impacto na variável resposta. Em conjunto com as variáveis independentes também rodaremos os modelos com as variáveis controle sexo, faixa etária, escolaridade, etnia e religião, escolhidas a partir do método *forward selection* que possibilita a acresção das variáveis uma a uma até que o modelo esteja próximo do que desejamos – “uma aproximação plausível da realidade” (BROWNE, 2000, p. 110). Tendo isso em mente, esta pesquisa tem um caráter exploratório, investigando a percepção brasileira sobre a China sem se aprofundar nas causas da formulação dessa percepção.

## 2. REVISÃO DA LITERATURA

*Para a profunda consternação dos líderes chineses, parece haver lacunas significativas entre as expectativas chinesas e como a China é realmente percebida pelo público estrangeiro (XIE; PAGE, 2013, p. 856).*

A fim de mapear como a percepção pública internacional sobre a China é apresentada nos diferentes periódicos ao redor do mundo, uma revisão sistemática de literatura (SLR, em sua sigla em inglês) se faz necessária. A SLR aqui apresentada nos fornece um panorama sobre nosso objeto de pesquisa na última década – perpassando os anos de 2010 a 2022 – a partir de artigos coletados nas bases do *Web of Science* e *Scopus*. Os artigos escolhidos foram baixados em formato *BibTeX*<sup>4</sup> para que o tratamento pela ferramenta *bibliometrix*<sup>5</sup> fosse realizado (ARIA; CUCCURULLO, 2017). Foram analisados 123 documentos de cinco continentes – África, Américas, Ásia, Europa e Oceania (só foram encontrados artigos que abrangem a Austrália). Antes de analisarmos os resultados encontrados, contudo, se faz necessária expor o protocolo de coleta dos artigos ao utilizar o *Web of Science* e *Scopus*.

---

<sup>4</sup> Software de gerenciamento de referências que formata listas e citações em texto usando um sistema de composição tipográfica, o LaTeX. Por ser um arquivo em texto e qualquer editor de texto ser capaz de acessá-lo, o BibTeX se tornou “um dos formatos padrão para armazenar e compartilhar dados bibliográficos.” (PAPERPILE, 2022).

<sup>5</sup> “Ferramenta de código aberto para pesquisas quantitativas em cienciométrica e bibliometria que inclui todos os principais métodos bibliométricos.” (ARIA; CUCCURULLO, 2023).

Tabela 1 – Triagem Web of Science &amp; Scopus

<b>Web of Science</b>									
<i>Caixa de pesquisa</i>	<i>de</i>	<i>Descritores</i>	<i>Booleanos</i>	<i>Filtros</i>	<i>Nº de resultados encontrados</i>	<i>a</i>	<i>Nº de referências coletadas</i>	<i>Nº de referências adicionadas manualmente</i>	<i>Total de referências coletadas</i>
Topic		“public opinion” OR “public attitudes” OR “public perception” OR “public image”	AND	2010 a 2022	62		45	18	<b>63</b>
Topic		“image” OR “perceptions” OR “attitudes” OR “sentiments” OR “view”	AND						
Topic		“on China” OR “about China” OR “toward China” OR “towards China”							
<b>Scopus</b>									
<i>Caixa de pesquisa</i>	<i>de</i>	<i>Descritores</i>	<i>Booleanos</i>	<i>Filtros</i>	<i>Nº de resultados encontrados</i>	<i>a</i>	<i>Nº de referências coletadas</i>	<i>Nº de referências adicionadas manualmente</i>	<i>Total de referências coletadas</i>
TITLE-ABS-KEY		“public opinion” OR “public attitudes” OR “public perception” OR “public image”	AND	2010 a 2022	101		69	44	<b>113</b>
TITLE-ABS-KEY		“image” OR “perceptions” OR “attitudes” OR “sentiments” OR “view”	AND						
TITLE-ABS-KEY		“on China” OR “about China” OR “toward China” OR “towards China”							

Fonte: Elaborado pela autora.

A triagem seguiu a ordem de pesquisa dos próprios sites das bases. No *Web of Science* a caixa de pesquisa foi preenchida a partir de tópicos, o meio menos limitante de busca da base. Nos descritores foram utilizadas um conjunto de palavras-chave que podem ser observadas na tabela acima, a ideia ao utilizar essa estratégia foi a de delimitar muito bem o escopo da pesquisa realizada, já excluindo textos que poderiam não se enquadrar na avaliação de elegibilidade. Com essa escolha também se assumiu o risco de excluir possíveis textos que fossem interessantes, mas que não possuíam palavras-chave tão específicas quanto as escolhidas para a pesquisa.

O booleano<sup>6</sup> “*and*” foi escolhido a fim de limitar as pesquisas às palavras-chave escolhidas, e o filtro delimitou quais seriam os anos buscados na base, perpassando pouco mais de uma década e condizendo com o período escolhido para analisar a opinião pública sobre a China. Com essa estratégia foram encontrados 62 artigos. Desses 62 resultados, 45 passaram na avaliação de elegibilidade (leitura do resumo) e foram incluídos na pasta de favoritos. As referências adicionadas manualmente foram artigos encontrados a partir daqueles já selecionados – artigos relacionados – e os artigos foram baixados em uma pasta comprimida em formato .bib<sup>7</sup>.

No *Scopus* a triagem foi semelhante, na caixa de pesquisa foi escolhida a opção de pesquisar por título, resumo e palavras-chave. Como na base anterior, aqui se optou por delimitar o escopo da pesquisa realizada e ao adicionar o booleano “*and*” essa delimitação ficou ainda mais clara. Também foram adicionados os filtros de ano para que a triagem dos artigos ficasse o mais próximo possível dos nossos objetivos de análise. Este método nos rendeu 101 resultados, dos quais apenas 69 foram aprovados no teste de elegibilidade. Da mesma forma que a base de pesquisa anterior, os artigos nos direcionaram a outros trabalhos semelhantes, que também passaram pelo teste de elegibilidade. Os artigos selecionados foram adicionados à pasta de favoritos e o download do arquivo em formato .bib foi realizado.

Com dois arquivos .bib salvos, chegou a hora de analisá-los no RStudio. Ao incluir os arquivos no software, a primeira ação é de unir os dois arquivos em busca de duplicatas, ao mesclar os dois arquivos .bib 176 citações foram encontradas, contudo, ao remover as

---

<sup>6</sup> Os booleanos são utilizados principalmente na ciência da computação para combinar as palavras-chave escolhidas, normalmente são utilizados o “*and*” para incluir todas as palavras-chave na busca, limitando o número de resultados. O “*or*” inclui qualquer palavra-chave na busca, aumentando o número de resultados. Por fim o “*not*” exclui palavras-chave dos resultados da busca, também diminuindo o número de resultados. O Google, por exemplo, permite a inclusão de booleanos para melhorar os resultados e pesquisa do usuário.

<sup>7</sup> Extensão de arquivo BibTex.

duplicatas, sobraram 123 citações. Removidas as citações repetidas, agora partimos para a análise dos dados. A partir dos dados mesclados, cria-se um arquivo .csv<sup>8</sup> na ordem de autor, título do documento, nome da publicação, tipo de documento – artigo, capítulo de livro etc. – palavras-chave do autor, palavras-chave associadas ao *Scopus* ou *Web of Science*, resumo, DOI<sup>9</sup>, quantas vezes foi citado, ano de publicação e língua.

Na etapa de processamento dos dados são analisados os resultados obtidos pela *biblioAnalysis* que gera um resumo dos resultados no console do RStudio. Com esse resumo podemos elaborar gráficos com os dados mais básicos da análise bibliométrica – como as referências mais citadas – até os mais complexos – como a estrutura conceitual das palavras-chaves dos autores. Segue alguns dos resultados encontrados a partir da

Figura 1 – Artigos de opinião pública sobre a China (2010-2022)



Nota: Entre os anos 2016 e 2020 houve uma certa variação entre o número de publicações de opinião pública sobre a China, mas a partir de 2020 há um salto considerável de 10 publicações para 22 publicações. Se entende que a COVID-19 seja o motivo mais acertado para o aumento das publicações, principalmente considerando as conjecturas iniciais sobre a responsabilidade chinesa em relação à Pandemia de C-19.

Na figura 1 podemos observar que o tema da nossa pesquisa experimentou aumento de publicações ao longo da última década, saindo de 2 artigos publicados em 2010 para 25 publicações em 2022. O campo de estudo em pesquisa de opinião pública foi alterado na virada do século XIX, adicionando outros países interessados no impacto da opinião pública na política externa dos países. Enquanto o cenário acadêmico fora dominado pelos Estados Unidos e Inglaterra durante as décadas de 1930 a 1980, no início

<sup>8</sup> *Comma-separated values* ou valores separados por vírgula, é um tipo de arquivo que pode ser aberto no software Excel, nesse tipo de arquivo, ao invés das informações serem armazenadas em colunas os dados são apresentados separados apenas por vírgulas.

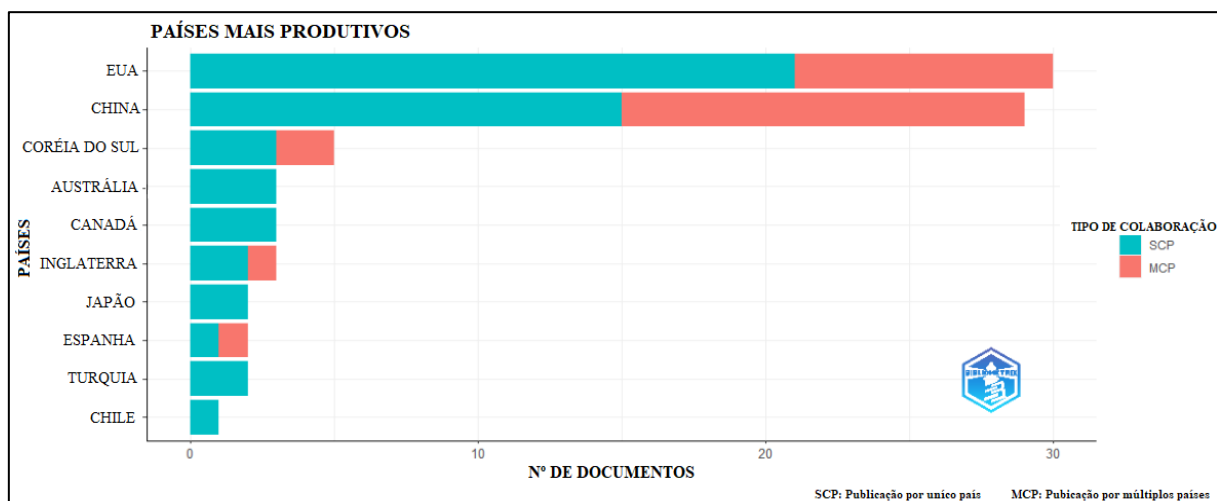
<sup>9</sup> O *Digital Object Identifier* foi criado pela Organização Internacional de Padronização e é um padrão de números e letras que identificam um objeto digital.



dos anos 2000 países como a China, Coreia do Sul, Canadá e Turquia passaram a figurar no *ranking* de artigos publicados em revistas especializadas em pesquisa de opinião pública. É nesse mesmo período que a opinião pública sobre a China também passou a ser investigada por países como Estados Unidos e Austrália, uma vez que o despontamento político, econômico e militar chinês geravam preocupação e análises constantes sobre seus impactos eram necessárias.

As análises negativas e com desconfiança de vizinhos e demais membros da comunidade internacional fizeram com que o governo chinês também investisse em pesquisas de opinião pública sobre seu próprio país e governo – mais precisamente visando entender como o nacionalismo chinês é percebido pelos chineses e pelo público internacional (ZHAO, 2013; WANG; WANG, 2014; XIAOLIN, 2017; WEISS, 2019). O jornal mais relevante para nosso objeto de pesquisa é chinês, o *Journal of Contemporary China*, com 12 publicações no *ranking* de mais relevantes, seguido pelo *Chinese Sociological Review* (3) e o *East Asia* (3) que publica trabalhos que abordam a China, Japão, Coreia do Sul e outros países da costa do Pacífico.

Figura 2 – Produção de artigos por país



Nota: SCP: Publicações por único país; MCP: Publicação por múltiplos países.

Fonte: Elaborada pela autora.

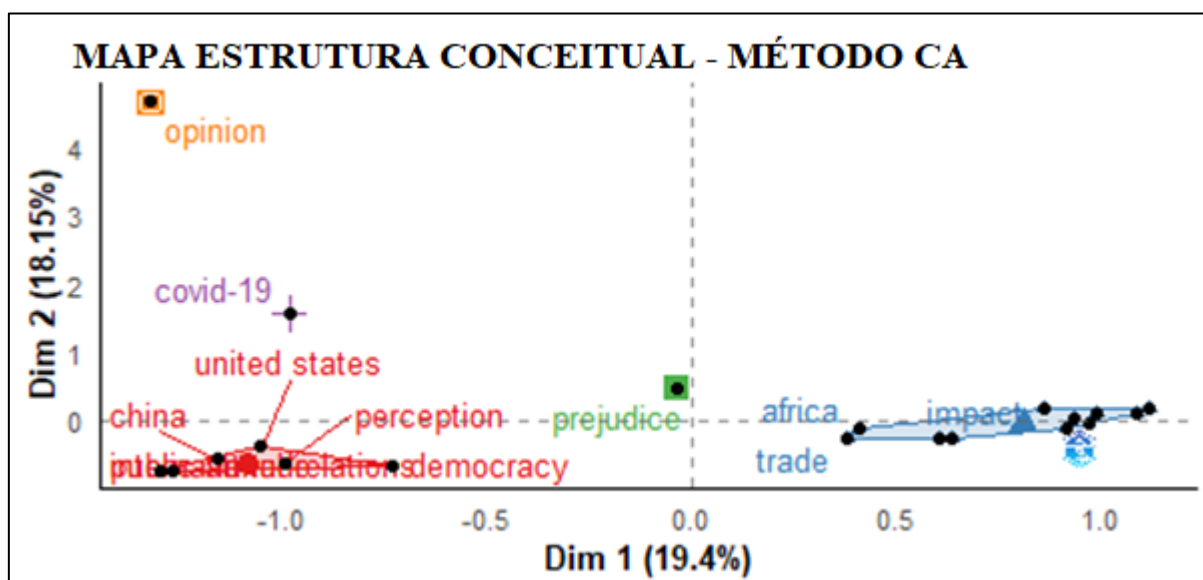
Como podemos ver na figura acima, há uma discrepância visível entre os países que mais publicam sobre opinião pública sobre a China. O primeiro país que mais publica é os Estados Unidos, não é uma surpresa considerando o histórico do país com pesquisas de opinião pública e sua relação delicada com a China. A China é o segundo país que mais produz sobre opinião pública sobre a China o que pode indicar que o país não só

está produzindo sobre a percepção de outros países sobre si mesma, como pode usar os resultados para criar estratégias para a política externa do país (YANG, 2010).

Com a COVID-19 houve um aumento de pesquisas de opinião pública sobre a China e seu papel para a aparição do vírus que alteraria a medicina e a noção de liberdade individual em diferentes países. Os diferentes trabalhos encontrados que colocam opinião pública, C-19 e China no mesmo artigo (SCITA, 2020; TURCSÁNYI et al., 2020; YUAN, 2020; AMEYAW-BROBBEY, 2021a; LIN, 2021; HE; ZHANG; XIE, 2022) abordam desde questões de diplomacia cultural a crimes de ódio contra asiáticos e turismo para a China. Questões das relações internacionais entre os países também são abordadas, principalmente no que tange ao comércio e a diplomacia pública e cultural chinesa para países como Inglaterra, Estados Unidos e Brasil (JIA; LU, 2021a; RODRIGUES DE ANDRADE et al., 2021; SUMMERS et al., 2022).

Dentre as principais palavras-chave encontradas no grupo de artigos reunidos, foram criados cinco agrupamentos diversos que ligam os artigos ao tema de análise da opinião pública sobre a China por países estrangeiros, como segue:

Figura 3 – Mapa estrutural conceitual das palavras-chave mais relevantes



Nota: No mapa de estrutura conceitual, os resultados são apresentados baseados nas posições dos pontos e em sua distribuição criada por meio da análise de correspondência (CA, em sua sigla em inglês) que utiliza a distância qui-quadrado entre os pontos de cada um dos dados analisados na tabela de contingência criada como entrada para a análise dos dados qualitativos – palavras-chave.

Fonte: Elaborada pela autora.

De acordo com a análise CA apresentada no mapa acima, as palavras que possuem distribuição semelhante são representadas como pontos mais próximos umas das outras no mapa (ARIA; CUCCURULLO, 2017). Os pontos dispersos, representados pelas

palavras “*prejudice*”, “*opinion*” e “*covid-19*” mostram poucas palavras-chave semelhantes na distribuição das publicações. Quanto aos agrupamentos, em azul<sup>10</sup> temos o agrupamento mais relevante que nos dá indícios do que veremos com a revisão da literatura a partir dos artigos recolhidos sobre a opinião pública sobre a China. Já o agrupamento em vermelho<sup>11</sup>, formado nos quadrantes negativos do mapa conceitual, aparecerão na revisão em contextos bem específicos, normalmente relacionados a artigos das relações entre China e Estados Unidos.

As próximas subseções serão dedicadas às percepções sobre a China em cinco diferentes regiões do mundo – África, Ásia, Europa, Oceania e Américas. Compreender como a percepção estrangeira da China é construída é importante para que saibamos como a imagem externa da RPC é criada – as variáveis que possuem maior significância em cada um dos continentes e se é possível criar um paralelo entre o que é encontrado em outros países com o que já foi investigado no Brasil.

### **2.1. África: Mídia de massa, investimentos e neocolonialismo**

Dentre as pesquisas publicadas que remetem à percepção africana sobre a China, duas tendências são bem delineadas em pesquisas de opinião pública sobre a China, a saber 1) o impacto da mídia governamental chinesa na formação das percepções dos respondentes em países africanos e 2) o impacto dos investimentos e comércio chineses na região e suas consequências para a economia local. A tendência chinesa para investimentos comerciais em países africanos é comumente apontada por alguns estudos ocidentais como determinante para a formação da opinião pública das nações do continente sobre a China (XIE; PAGE, 2013; KANG, 2015; XIE; JIN, 2022a). Como veremos em breve, há outros fatores tão importantes quanto o comércio para determinar a percepção dos respondentes de diferentes nações africanas.

Dentre os artigos reunidos que abordam a percepção africana sobre a China, questões ligadas ao impacto da mídia na formação da opinião pública dos respondentes, questões econômicas – comércio, investimento e ajuda externa – religiosas, políticas e de imigração são as principais tendências encontradas. A tendência em verificar o impacto da mídia na formação da opinião dos respondentes se dá pela presença midiática chinesa

---

<sup>10</sup> Composto pelas palavras-chave mais relevantes, “*trade*”, “*África*” “*impact*”, “*diplomacy*”, “*perceptions*”, “*attitudes*”, “*policy*”, “*foreign policy*”, “*direct investment*” e “*rise*”.

<sup>11</sup> É composto por “*perception*”, “*China*”, “*United States*”, “*public attitude*”, “*international relations*” e “*democracy*”.

desde 2006 por meio de um dos planos de ação colocados em prática no âmbito do Fórum de Cooperação China-África (FOCAC<sup>12</sup>). Durante a terceira reunião do Fórum, o governo chinês propôs uma estratégia de *soft power* que possui diferentes frentes de influência<sup>13</sup>, entre eles o de mídia de massa (BAILARD, 2016).

A estratégia de mídia implementada pelo governo chinês nos países que compõem o FOCAC trouxe resultados positivos: indivíduos entrevistados em dezenove países africanos<sup>14</sup> demonstraram saber mais sobre o impacto chinês em seus países do que sobre o impacto que países da União Europeia (UE) possuem na região. O conhecimento dos respondentes sobre a China permitiu que respondessem mais claramente sobre suas percepções a respeito da potência asiática e as pesquisas de opinião pública realizadas se mostraram capazes de condensar a percepção sobre a China nos países estudados (BAILARD, 2016; KEULEERS, 2016).

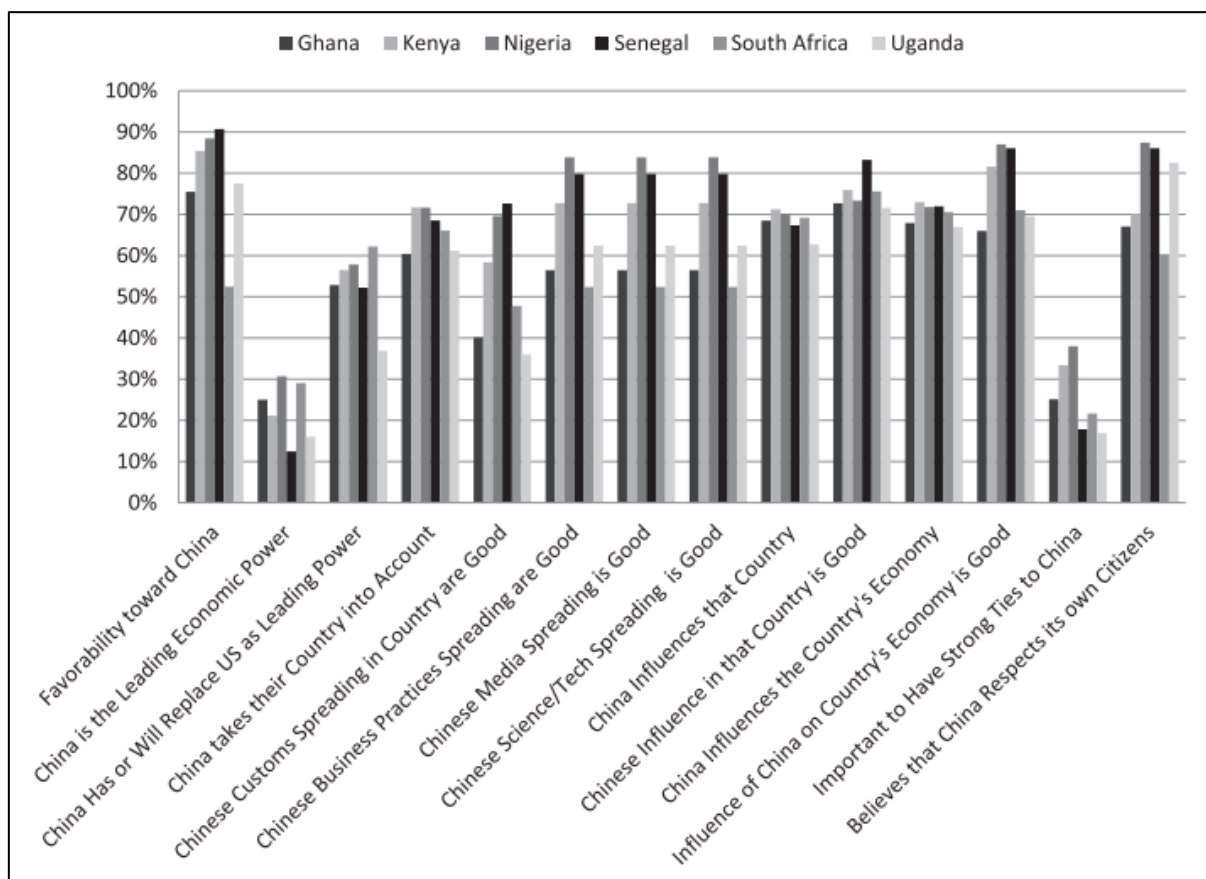
---

<sup>12</sup> O FOCAC é um mecanismo de cooperação político-econômico entre a China e 53 nações africanas – Essuatíni é o único país que ainda não participa do Fórum. Criado em 2000, o FOCAC promove encontros a cada três anos entre China e os países africanos membros para o desenvolvimento de um plano de ação a ser executado de forma bilateral entre o governo chinês e os governantes africanos. Os planos de ação podem ser explorados em cinco áreas específicas, 1) Política, com o aumento da cooperação entre os países, 2) Desenvolvimento, com o estímulo de pesquisas conjuntas, aumento de oportunidades sociais para africanos com a distribuição de bolsas de estudos, por exemplo; 3) Economia, com a promoção e estreitamento dos laços comerciais, e desenvolvimento de programas da FAO; 4) Cultura, com a promoção do turismo e intercâmbio de estudantes entre os membros; 5) Cooperação em segurança militar, ações antiterrorismo e outros crimes transnacionais (FOCAC, 2004).

<sup>13</sup> As outras estratégias chinesas discutidas durante a reunião de 2006 giram em torno da cooperação econômica, investimento em infraestrutura e relações “*people-to-people*” que visam o estabelecimento de diálogos entre o governo chinês e os governos africanos – principalmente por meio da implementação de Institutos Confúcio, e aumento de viagens de cidadãos africanos para a China e vice-versa (BAILARD, 2016, p. 2).

<sup>14</sup> A saber, África do Sul, Benin, Botswana, Burkina Faso, Cabo Verde, Lesoto, Libéria, Madagascar, Malawi, Mali, Moçambique, Namíbia, Nigéria, Quênia, Senegal, Tanzânia, Uganda, Zâmbia, Zimbábue foram os países trabalhados por Floor Keuleers (2016); Catie Snow Bailard (2016) investigou os países de África do Sul, Gana, Quênia, Nigéria, Senegal e Uganda.

Figura 4 – Opinião pública sobre a China em seis nações africanas (2013)



Fonte: BAILARD, 2016, p. 12

A contribuição de Catie Snow Bailard (2016) sobre a percepção de seis países africanos sobre a China utilizou dados do *Pew Research Project* de 2013, explorando não só a percepção sobre a China, mas sobre a presença chinesa nesses países e a ideia de que os laços com a RPC são importante para os respondentes. Gostaria de chamar atenção particular para a questão “*Favorability toward China*” – favorabilidade para com a China – e as respostas apresentadas no artigo. Como podemos observar os respondentes de Senegal, Nigéria e Quênia possuem opiniões sobre a China muito favoráveis – acima dos 80%.

Dentre os países com mais percepções positivas sobre a China se encontram Mali e Tanzânia com 92% de aprovação dos respondentes, seguidos de Quênia e Senegal com 81%, e Nigéria com 75% - de acordo com dados do *Pew Research Project* de 2007 (REBOL, 2010, p. 3525). As relações comerciais entre os países supracitados e a China, bem como o papel da mídia governamental chinesa nos países dos respondentes justificam taxas altas de aprovação à potência asiática. Dando destaque para a mídia de massas – tv, rádio e jornais – os esforços chineses em investir na mídia local, investimentos em infraestrutura de telecomunicações foram realizadas e com o acesso do

público à notícias sobre a China, se pode verificar uma tendência à percepções positivas em relação à China nos países que receberam mais investimentos em telecomunicações (BAILARD, 2016; ZHANG; MWANGI, 2016).

As percepções menos positivas – não caracterizada como negativas porque ainda estão muito acima da média de outras regiões do mundo<sup>15</sup> – são do Togo e Gana, com 42% e 55% dos entrevistados respondendo positivamente à questão “você está satisfeito com a atual relação entre a China e seu país?” (AWOONOR; FORSON, 2020, p. 22). A África do Sul também figura entre os países com opiniões menos positivas, com pouco mais de 50% dos entrevistados sendo favoráveis à China (BAILARD, 2016, p. 12). No nível individual, a juventude camaronesa veem imigrantes chineses como uma ameaça, principalmente por preocupações econômicas, concorrência empresarial e o aumento do desemprego no país (NSHOM; ARZAMASTSEVA, 2021, p. 10) .

Os estudos de percepção sobre a China de Kris L. Inman (2016) investiga 20<sup>16</sup> países africanos através de dados disponibilizados pela 4ª onda do *Afrobarometer*. No Lesoto a população vê a crescente presença de imigrantes chineses na região de forma negativa, o que pode ser explicada pelo baixo nível de valores compartilhados entre a China e o Lesoto, o que faz os lesotianos a verem a crescente presença da China e de chineses na região como uma ameaça (INMAN, 2016, p. 12).

Para contornar a disparidade de valores entre a China e países africanos, os chineses empreenderam diversas campanhas de mídia para projetar, por meio da mídia local, uma imagem positiva sobre a China. Muitos dos estudos encontrados sobre a presença chinesa na África conseguem estabelecer uma relação entre a presença da mídia de massa chinesa e as percepções dos países africanos estudados (BAILARD, 2016; MANO, 2016; NASSANGA; MAKARA, 2016; WASSERMAN; MADRID-MORALES, 2018b; MELNYK, 2021). O aumento no consumo de notícias sobre a China nos jornais locais, programas de TV, canais no YouTube etc., demonstra que os esforços chineses geraram resultados positivos à imagem da China.

Torna-se imediatamente claro que existe uma consideração esmagadoramente positiva por parte da imprensa relativamente à China em África: 94% dos comunicados de imprensa de publicações argelinas, 100% de publicações

---

<sup>15</sup> Em pesquisa realizada pelo *Pew Research Project* no ano de 2013 foi revelado que cerca de 72% dos africanos entrevistados tinham uma opinião positiva sobre a China, contrastando com 37% dos estadunidenses, 43% dos europeus, 45% de respondentes do Oriente Médio, 58% dos respondentes da região Ásia-Pacífico e 58% dos latino-americanos que possuem uma posição favorável à China (JONKER; ROBINSON, 2018 apud PEW RESEARCH CENTER, 2013).

<sup>16</sup> Benim, Botsuana, Burkina Faso, Cabo Verde, Gana, Quênia, Lesoto, Libéria, Madagáscar, Malawi, Mali, Moçambique, Nigéria, Namíbia, Senegal, África do Sul, Tanzânia, Uganda, Zâmbia e Zimbabué.

egípcias, 64% e 74% de publicações nigerianas, 92% de publicações sul-africanas, 94% de 82% das publicações da Zâmbia e do Malawi eram notícias positivas. Algumas exceções incluem o jornal queniano, onde apenas 39% foram positivos, mas outros 39% foram neutros, com apenas 22% negativos; e nos Camarões, uma publicação foi majoritariamente negativa nos relatórios, enquanto a outra foi positiva (JONKER; ROBINSON, 2018, p. 4).

Cabe aqui mencionar a presença no continente africano da CCTV Africa – *China Central Television* – estabelecida em 2012 e envolve a promoção de uma narrativa positiva sobre a atividade chinesa no continente africano, tentando combater a visão de que a China seria a mais nova colonizadora do continente. A CCTV Africa também tem como objetivo compartilhar os valores e cultura chineses de forma a atrair o público africano e seus esforços começaram por Nairobi, expandindo o alcance para a África do Sul e Quênia por meio da televisão, rádio AM e FM, e jornais de notícias (LESLIE, 2016).

O impacto comercial sobre a formação da opinião pública de 36 nações africanas<sup>17</sup> estudadas demonstra que a população tende a se dividir entre os espectros positivos e negativos da presença econômica chinesa. Os consumidores tendem a ver a presença de produtos chineses como algo positivo, contudo, a qualidade dos produtos tende a gerar percepções negativas relacionadas à China. Outras práticas comerciais chinesas que tendem a gerar percepções negativas giram em torno do envolvimento de empresas chinesas em extração de recursos de forma ilegal, bem como a fama de a China usar países africanos como lixeira de produtos falsificados oriundos da China (MORGAN, 2019).

As percepções equatoguinesas divergem a depender do público: o governo da Guiné Equatorial tende a ver como positivo o investimento econômico chinês na região, apesar dos efeitos colaterais. A população, por sua vez, salienta como principais efeitos colaterais aos investimentos chineses as violações trabalhistas das empresas chinesas, a constante imigração de chineses para o país e os prejuízos causados pelos produtos chineses aos pequenos empresários (ESTEBAN, 2010). Preocupações quanto a posse de terras por empresas chinesas se tornaram frequentes e apesar de o Investimento Externo Direto (IED) ser visto como positivo, as críticas quanto aos impactos chineses na extração de recursos não passa despercebida pela sociedade civil (REBOL, 2010; CHEN; HAN, 2021; MCCAULEY; PEARSON; WANG, 2022b).

---

<sup>17</sup> Morgan (2019) utiliza dados da sexta onda do *Afrobarometer* para realizar a pesquisa, à época, o barômetro foi aplicado aos países África do Sul, Argélia, Benin, Botsuana, Burkina Faso, Burundi, Camarões, Cabo Verde, Costa do Marfim, Egito, Gabão, Gana, Guiné, Lesoto, Libéria, Madagascar, Malawi, Mali, Maurício, Marrocos, Moçambique, Namíbia, Níger, Nigéria, Quênia, São Tomé e Príncipe, Senegal, Serra Leoa, Sudão, Suazilândia (atual Essuatíni), Tanzânia, Togo, Tunísia, Uganda, Zâmbia, Zimbábue (AFROBAROMETER, 2016).

Utilizando dados da quarta onda do *Afrobarometer*<sup>18</sup>, Kris L. Inman (2016) investiga qual a opinião dos países africanos sobre os Estados Unidos e China<sup>19</sup>. Os achados mostram que respondentes muçulmanos tendem a sustentar opiniões negativas sobre ambos os países, mas a ideologia partidária afeta negativamente somente as percepções sobre a China. Os respondentes que apoiam os governos de seus países tendem a ver a China de forma mais positiva, bem como respondentes mais ricos e com mais alto nível educacional. O comércio também se mostra como uma variável que tende a implicar percepções positivas nos respondentes dos países, apesar das críticas de alguns membros da sociedade civil quanto a práticas ilegais chinesas na região.

No geral, a imagem chinesa na maioria dos países africanos é positiva – a ajuda externa e os investimentos são as principais causas de os governos e as sociedades civis africanas verem o impacto chinês na região como sumariamente benéfico. As questões de exploração ilegal de minérios, violação das leis trabalhistas e inundação dos mercados locais com réplicas baratas e de má-qualidade dos produtos africanos tendem a ser as principais queixas encontradas. Para os países pequenos, os impactos da imigração chinesa também tendem a ser uma questão negativa, principalmente por sentirem que estão sendo invadidos pela China, o que tende a fazer com que as percepções fiquem mais negativas (LESLIE, 2016; ZHANG, 2017; MORGAN, 2019; MATINGWINA, 2020; HUAN; DENG, 2021).

## 2.2. Ásia: Parceria e insegurança entre vizinhos

O impacto econômico chinês é claramente percebido pelos países em sua zona de influência<sup>20</sup>, sendo uma tendência nas pesquisas de opinião pública no continente asiático (KOCH, 2013; CHEN, 2015; CHUNG, 2015b; FONG; SAKIB, 2021a; PRIMIANO; RICE; KUDEBAYEVA, 2022). A tendência mais explorada pelas pesquisas de opinião pública tem ligação com uma possível ameaça militar (ZHAI, 2015; JUNG; JEONG, 2016; KIM, 2016; CHUNG, 2017; ZHAI, 2019b; CHEN; GÜNTHER, 2020) e geopolítica na região – esta última ligada ao desenvolvimento da *Belt and Road Initiative*<sup>21</sup> – BRI (ERGENC, 2015; MUTTARAK, 2017; ZHENG, 2019).

<sup>18</sup> Realizada em 2008, a quarta onda do *Afrobarometer* foi composta por 20 países, a saber, Benin, Botswana, África do Sul, Burkina Faso, Gana, Lesoto, Libéria, Madagascar, Malawi, Mali, Moçambique, Namíbia, Níger, Nigéria, Quênia, Senegal, Tanzânia, Zâmbia e Zimbábue (AFROBAROMETER, 2008).

<sup>19</sup> Os resultados da variação entre os níveis país e individual podem ser visualizados no [Anexo A](#).

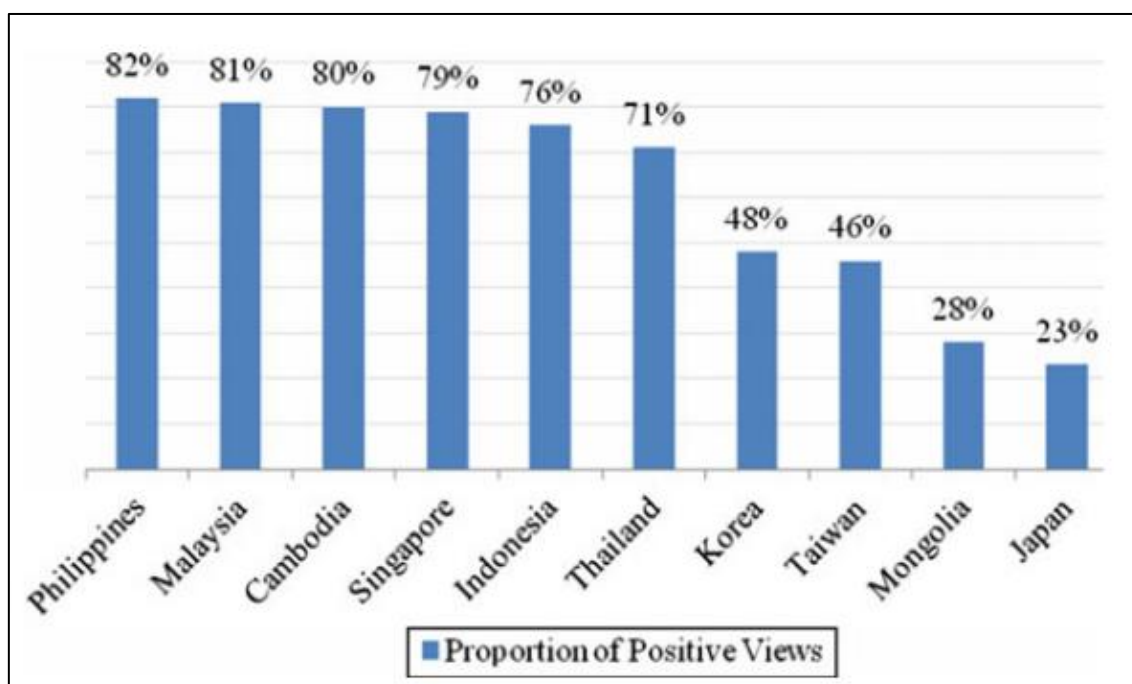
<sup>20</sup> Uma figura exemplificando os países sob a influência sobre a China se encontra no Apêndice A.

<sup>21</sup> Em 2015, ao ser anunciada pelo governo chinês, por meio do documento “*Vision and actions on jointly building Belt and Road*” a Iniciativa é definida como um projeto que visa “promover a conectividade dos



As percepções do Leste Asiático tendem a ser alteradas de acordo com a proximidade territorial e cultural do país do respondente com a China. Dentre os 12 países avaliados<sup>22</sup>, metade deles possuem as percepções mais positivas em relação à China, a saber Singapura (81%), Filipinas (73%), Camboja (71%), Tailândia (67%), Indonésia (64%) e Malásia (59%) (WELSH; CHANG, 2015). Os investimentos chineses tendem a ser vistos com bons olhos, apesar de a influência militar chinesa na região não passar despercebida, contudo, os países supracitados ainda veem a ação chinesa de forma mais positiva por conta da ajuda externa estendida aos seus governos (CHAN, 2010; CHU; KANG; HUANG, 2015).

Figura 5 – Percepções positivas de países do Leste Asiático sobre a China



Nota: Dados apresentados pelo autor a partir da coleta da terceira onda do *Asian Barometer Survey* (ABS).  
Fonte: (CHU; KANG; HUANG, 2015, p. 10).

Países mais próximos da zona de influência chinesa tendem a se sentir mais ameaçados pelo crescente poder econômico, político e militar da China. Sustentando as atitudes menos favoráveis em relação à China se encontram Japão (23%), Mongólia (28%) e Coreia do Sul (48%), o que pode ser observado na figura 5 (CHU; KANG; HUANG, 2015). A percepção negativa de alguns dos países em relação à China gira em torno de

---

continentes asiático, europeu e africano e seus mares adjacentes” a fim de “estabelecer redes de conectividade multidimensionais” que ajudarão a “explorar o potencial mercado nesta região, promover o investimento e o consumo, criar demandas e oportunidade de trabalho, melhorar as trocas culturais *people-to-people* [...]” entre outros vários benefícios (REPÚBLICA POPULAR DA CHINA, 2015).

<sup>22</sup> Coreia do Sul, Filipinas, Hong Kong, Indonésia, Japão, Malásia, Mongólia, Singapura, Tailândia, Taiwan e Vietnã.

sua assertividade militar, suas ambições geopolíticas e como o crescimento da influência econômica chinesa pode representar uma ameaça aos mercados nacionais da Ásia. As tensões crescentes contra os Estados Unidos também influenciam nas percepções de países democráticos que mantêm relações mais estreitas com o governo estadunidense (CHU; KANG; HUANG, 2015; CHUNG, 2015b; WELSH; CHANG, 2015; CHUNG, 2017; ZHAI, 2019b; SON, 2020).

As disputas territoriais entre China e Japão pelas Ilhas Senkaku (Diaoyu)<sup>23</sup>, são capazes de moldar as percepções dos respondentes japoneses sobre a China ainda hoje (CHU; KANG; HUANG, 2015). O fato de a China ser considerada uma ameaça ao território japonês faz com que a aliança entre Japão e Estados Unidos seja considerada como a melhor alternativa na região. Os Estados Unidos não possuem conflitos territoriais com o Japão e a perspectiva de estreitar as relações com o governo dos EUA torna os respondentes japoneses menos favoráveis à China e sua ascensão regional. Cabe mencionar que as percepções japonesas sobre a China sofreram uma piora desde as últimas disputas pelas Ilhas ocorridas em 2010, desde então, o nível de respondentes que sustentam opiniões positivas para com a China tem se mantido baixo, não passando de 14% (IGARASHI, 2018; GONG; NAGAYOSHI, 2019; SONODA, 2021b).

As percepções sul-coreanas são especialmente formadas pelo aumento da influência econômica chinesa no país, vista como positiva e tendo poucas oscilações ao longo do tempo. No país, o crescimento econômico chinês é sentido de forma direta ou indiretamente, tanto por conta do aumento do comércio bilateral, quanto pelo influxo do turismo. A dependência econômica do país para com a China é uma preocupação crescente, no entanto, principalmente para agricultores e trabalhadores de baixa-renda, a ascensão econômica chinesa é vista como uma ameaça aos seus empregos e causa de uma possível estagnação salarial. No geral, sul-coreanos não veem o Japão com confiança e compartilhar a animosidade com os chineses fez com que as percepções para com o

---

<sup>23</sup> Chamadas pelos japoneses de Sensaku-Shoto, e pelos chineses de Diaoyutai Liedao (Ilhas Sensaku e Ilhas Diaoyu, respectivamente), são uma formação de oito pequenas ilhas localizadas no Mar da China Oriental. Cinco das oito ilhas são consideradas habitáveis, mas o valor das ilhotas cresceu consideravelmente quando a Comissão Econômica das Nações Unidas para a Ásia e o Extremo Oriente (UNECAFE) apontou que as ilhas possuem grandes reservas de petróleo. As ilhas pertenciam originalmente à China, que durante o século XIX e início do século XX enfrentou a expansão do ocidente sobre seu território. Nesse período, o Japão também ascendeu economicamente e aproveitando-se da conjuntura regional tomou as ilhas da China sem muito esforço. A partir da década de 1970, contudo, tanto a China quanto Taiwan passaram a reivindicar a soberania sobre as ilhas, dando início às disputadas que perduram até hoje contra o Japão (ITOH, 2017; IGARASHI, 2018).

governo chinês se tornassem levemente mais positivas (CHU; KANG; HUANG, 2015; KIM, 2016; CHUNG, 2017).

Ao contrário do Leste Asiático, onde os países tendem a escolher entre os modelos de desenvolvimento chinês ou estadunidense, na Ásia Central encontramos uma tendência interessante. Dentre 10 países<sup>24</sup> colocados como opções de modelos a serem seguidos, a maioria dos respondentes do Uzbequistão (46,7%), Quirguistão (37,9%) e Cazaquistão (30,1%) escolheram a opção “meu país deve seguir seu próprio modelo”. Por uma diferença muito pequena, o Afeganistão escolheu o Japão (20%) em detrimento ao seu próprio modelo de desenvolvimento (19,1%). Apesar de optarem por seu próprio caminho, os respondentes reconhecem a influência chinesa na região – econômica, política e principalmente geopolítica (KOCH, 2013; CHEN, 2015; CHEN; GÜNTHER, 2020).

Países do Leste e Centro Asiáticos tendem a sustentar percepções divergentes sobre a ascensão político-econômica e militar da China. O Leste Asiático está dividido entre o medo e a ambição, medo de uma China como potência militar, que pode ser capaz de mudar a geopolítica da região e os benefícios econômicos inegáveis trazidos pela ascensão chinesa, principalmente para aqueles que desejam abrir opções para além dos Estados Unidos. Por outro lado, os países centro-asiáticos tendem a ver a ascensão econômica chinesa como benéfica, mas ainda assim desejam seguir modelos de desenvolvimentos próprios, sem estabelecer ligações restritivas entre os EUA ou a RPC. Aceitam de bom grado os investimentos chineses em infraestrutura, mas não desejam oferecer lealdade ao governo chinês, principalmente por estarem ligados à Rússia (KOCH, 2013; CHU; KANG; HUANG, 2015; ZHAI, 2015; CHUNG, 2017; PRIMIANO; RICE; KUDEBAYEVA, 2022).

### **2.3. Europa: Desconfiança e interesse no continente**

As tendências dos artigos europeus encontrados giram em torno das relações econômico-comerciais com a China e as tentativas do governo chinês em investir em empresas de energia na Alemanha, Eslováquia, França, República Tcheca e Polônia (HUOTARI, 2015; TURCSÁNYI, 2017). Apesar de verem os benefícios econômicos das relações com a China, em nível individual há discussões sobre a perda de empregos que

---

<sup>24</sup> A saber, Arábia Saudita, China, Coréia do Sul, Estados Unidos, Índia, Japão, Malásia, Rússia, Singapura e Turquia.

as empresas chinesas proporcionam nos locais em que se instalam; discussões sobre a segurança nacional dos países também é presente, principalmente quando perguntados sobre a possibilidade de a China substituir os Estados Unidos como potência hegemônica (COPSEY, 2016; KIM; MEUNIER; NYIRI, 2017a; CHANG; PIEKE, 2018; XU; CAO, 2019; SUETYI; YIDONG, 2021b)

A pesquisa de Soo Yeon Kim, Sophie Meunier e Zsolt Nyiri (2017) visa abordar a percepção de 11 países<sup>25</sup> europeus sobre a China. Os achados apontam para o fato de que a percepção positiva dos cidadãos europeus em relação à China está diretamente relacionada a um sentimento de antiamericanismo. Apesar disso, os resultados apresentados na pesquisa de opinião pública, apontam que ao considerar a China como um possível líder rival na economia mundial, os cidadãos europeus consideram a liderança dos EUA mais desejável. Os resultados também mostram que os cidadãos europeus consideram os EUA como uma ameaça militar maior do que a China, assim, as opiniões dos cidadãos europeus sobre o poder econômico da China não parecem ser estatisticamente significantes – comparada às opiniões dos europeus sobre os EUA (KIM; MEUNIER; NYIRI, 2017a).

Respondentes de Portugal, Polônia e França tendem a ver a China como uma ameaça econômica para seus países – 69%, 70,9% e 72,5%, respectivamente. Por outro lado, respondentes dos Países Baixos (73,4%), Romênia (63,2%) e Reino Unido (57,3%) tendem a ver o crescimento econômico chinês como uma oportunidade para a economia de seus países (KIM; MEUNIER; NYIRI, 2017a). Durante o *Brexit*, as atitudes dos respondentes britânicos sobre a China sofreram uma melhora: 40% possuíam perspectivas neutras – que podem ser atribuídas duas possibilidades: 1) grande número de respondentes britânicos não possuem opinião sobre a China, ou 2) os respondentes não acham que a China é relevante para eles. Depois das percepções neutras, as percepções negativas foram as maiores, com 37%, uma queda de 5 pontos percentuais desde 2017. A ascensão militar chinesa, contudo, ainda é uma grande preocupação para os respondentes britânicos – 46% deles acreditam que o poder militar chinês deveria ser motivo de preocupação (CHOW; HAN; LI, 2019).

Durante a pandemia, as percepções dos britânicos sobre a China sofreram uma queda impressionante: 62% dos entrevistados demonstraram sentimentos negativos ou muito negativos para com a China – perdendo apenas para a Rússia e Coreia do Norte.

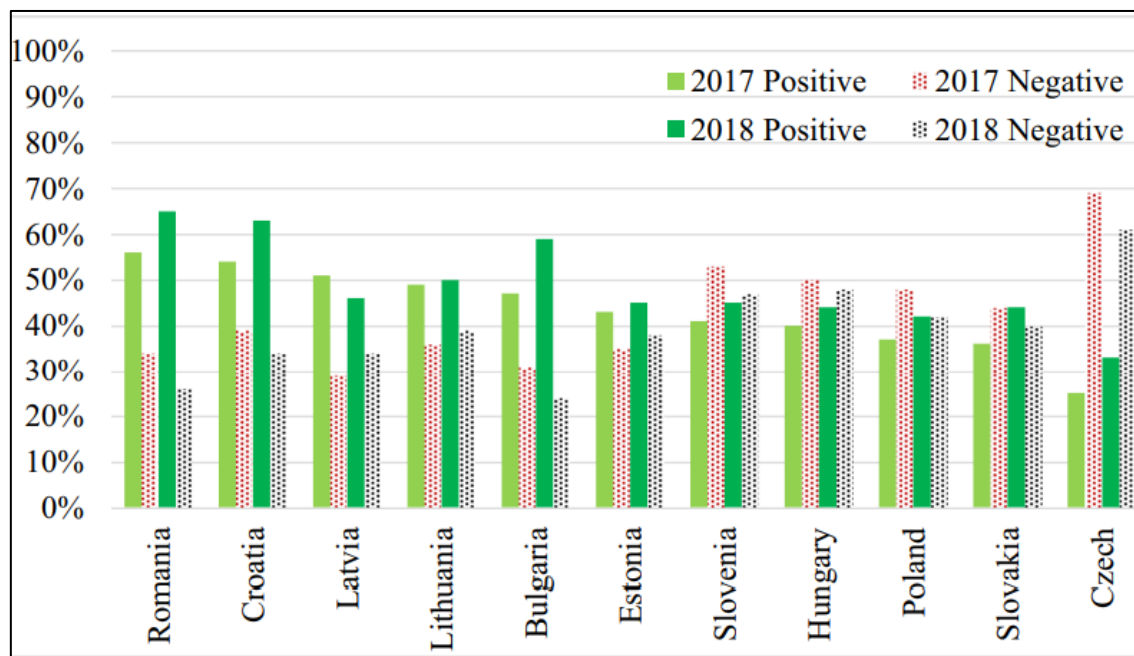
---

<sup>25</sup> Alemanha, Bulgária, Eslováquia, Espanha, França, Itália, Países Baixos, Portugal, Polônia, Reino Unido e Romênia.

Quase metade dos respondentes britânicos acreditavam que a COVID-19 surgiu por conta “do povo chinês comer morcegos e animais selvagens” ou por meio de uma tentativa deliberada do governo chinês em criar o vírus em laboratório<sup>26</sup>. O comércio do Reino Unido com a China também recebeu percepções negativas; o aumento do poder militar chinês, o impacto ambiental das explorações chinesas e a influência da potência asiática na democracia de outros países também foram temáticas apontadas como as mais preocupantes para os britânicos (SUMMERS et al., 2021).

As percepções dos países da Europa Central e Oriental<sup>27</sup> fora classificada em quatro categorias por Lai Suety e Cai Yidong (2021b), a saber, 1) “amigável à China”, 2) “China-neutro”, 3) “polarizado pela China” e 4) “céticos da China”. Dentre os países que se enquadram na categoria amigáveis se encontram Romênia, Croácia e Bulgária, com as percepções mais positivas em relação à China. Já entre os países céticos em relação à China se encontram República Tcheca, Eslováquia e Hungria, como pode ser observado na imagem a seguir:

Figura 6 – Percepção geral sobre a China países Europa Central e Oriental



Fonte: LAI SUETY E CAI YIDONG (2021b, p. 14).

<sup>26</sup> Este fenômeno pode ser interpretado como uma variação momentânea que pode ser alterada conforme o tempo passa e as opiniões ficam cada vez mais localizadas. Para ter certeza sobre o efeito momentâneo desse fenômeno, novas pesquisas devem ser investigadas sobre a opinião pública de britânicos sobre a China.

<sup>27</sup> A Europa Central e Oriental composta pelos países europeus Alemanha, Áustria, Bélgica, Bulgária, Chipre, Croácia, Dinamarca, Eslováquia, Eslovênia, Espanha, Estônia, Finlândia, França, Holanda, Hungria, Irlanda, Itália, Luxemburgo, Letônia, Lituânia, Malta, Portugal, Polónia, República Tcheca, Reino Unido, Romênia (SUETYI; YIDONG, 2021b).

Para tchecos e eslovacos, apesar de a China proporcionar crescimento econômico na região, investimentos na área de energia nuclear são considerados como ameaça para a segurança nacional dos países. Apesar de a sociedade civil ter mais acesso a notícias que abarcam a Rússia e os Estados Unidos, a maioria das notícias que mencionam sobre a China são negativas. Isso pode explicar as respostas no espectro negativos: quando perguntados sobre a possibilidade de a China ascender pacificamente, a maioria dos respondentes tchecos não concordou com a afirmação, apontando para certa insegurança quanto à potencial ameaça chinesa. A maioria dos respondentes tchecos também vê como negativa a possibilidade de a China se tornar o país mais poderoso no âmbito militar – em uma escala de 1 a 10, onde 1 é negativo e 10 é positivo, 88,7% dos respondentes deram notas entre 1 e 5 (CHEN; HAO, 2020; ŠIMALČÍK, 2021).

A mídia tcheca tende a ser mais negativa quanto às temáticas ligadas aos impactos dos investimentos chineses na região, a mídia eslovaca tende a ser sumariamente neutra, com 68% dos artigos focando na divulgação de taxas de crescimentos dos investimentos chineses. Apesar disso, dentre as abordagens positivas e negativas, artigos que abordam a China de forma negativa são a maioria (26%), o que pode ter influenciado as percepções tchecas sobre a China. Dentre positivo, neutro e negativo, a maioria da mídia eslovaca é neutra (41%), seguida pelas percepções negativas (36%) e por último as positivas (23%). Apesar de a China ter tentado aumentar as atitudes positivas na Eslováquia, os esforços não foram recompensados, e isso se deve principalmente a escolha dos meios para promover a imagem chinesa<sup>28</sup> (ŠIMALČÍK, 2021).

Reunindo reportagens do *The Times*, *Le Figaro* e *Der Spiegel* entre os anos de 2000 a 2015, os achados de Jian Xu e Yongrong Cao (2019) mostram que a maior parte das coberturas midiáticas realizadas pelos jornais eram negativas. De acordo com os achados, a ideologia parece ser uma variável que influencia a imprensa investigada, uma vez que questões sobre corrupção, policiamento chinês e violações de direitos humanos tendem a ser publicadas com teor mais negativo. Além disso, palavras como “comunista” e “autoritário” aparecem com frequência, principalmente no *Der Spiegel*. Por outro lado, trocas de líderes do governo chinês e eventos tendem a ser tratados de forma neutra, artigos que tendem a receber teor positivas são relacionados à cultura e arquitetura chinesas (XU; CAO, 2019).

---

<sup>28</sup> Mídias e figuras públicas que intentam aumentar as atitudes pró-China tendem a não ser confiáveis para o público, uma vez que caminham junto com visões políticas de extrema direita ou extrema esquerda (ŠIMALČÍK, 2021)

Apesar de as percepções europeias serem ambivalentes em relação à China, a mídia se mostrou capaz de influenciar negativamente as percepções de tchecos, eslovacos e britânicos (JERDÉN et al., 2021; SIMALCIK, 2021; YAO; LYU, 2021). As relações econômico-comerciais sino-europeias tendem a ser consideradas positivas se a China não se mostrar uma ameaça à ordem internacional. Com a Pandemia de COVID-19, o fenômeno observado nos Estados Unidos – preconceito contra descendentes e imigrantes asiáticos – aumentou também na Europa já que a mídia aproveitou esse período para cobrir sobre a doença de uma perspectiva preconceituosa contra os chineses (AMEYAW-BROBBEY, 2021b; ARSENTYEVA, 2021; JERDÉN et al., 2021; YAO; LYU, 2021; YING, 2021). A piora das percepções públicas sobre a China nesse período foi percebida principalmente com a propagação do discurso que a China criara o vírus em laboratório como forma de dominação mundial (JERDÉN et al., 2021; SUMMERS et al., 2021).

#### **2.4. Oceania: O medo e a ganância dos australianos**

Como apontado por Liu Kang (2015) e Yu Xie Yongai Jin (2022a), países classificados como desenvolvidos tendem a considerar mais do que a ascensão econômica chinesa, no caso da Austrália não é diferente. As tendências então foram divididas em ganância e medo<sup>29</sup>, uma vez que os benefícios econômicos proporcionados pelas relações entre Austrália e China cria um paradoxo com a crescente assertividade militar chinesa na região do Mar do Sul da China, gerando oscilações nas percepções dos australianos (BISLEY, 2018; CHUBB; MCALLISTER, 2020, 2021).

[O] investimento chinês foi inicialmente recebido como essencial para fornecer capital para desenvolver a indústria, à medida que as empresas chinesas começaram a visar infraestrutura de eletricidade, telecomunicações, recursos e terras agrícolas, a oposição à compra desses ativos estratégicos tornou-se mais forte [...] Em fevereiro de 2018, o governo [australiano] anunciou restrições à propriedade estrangeira de terras agrícolas, e em junho de 2018, uma empresa chinesa foi impedida de construir um cabo de telecomunicações das Ilhas Salomão para a Austrália em meio a preocupações de segurança nacional (CHUBB; MCALLISTER, 2020, p. 144).

Historicamente os australianos sempre sustentaram percepções de ameaça aos vizinhos asiáticos, o que pôde ser percebido ao longo das décadas na construção da política externa e política de defesa da Austrália. Com a virada do século XXI e o crescimento econômico da região asiática, a elite australiana passou a cobiçar estreitar

---

<sup>29</sup> Os termos ganância (*greed*) e medo (*fear*) aparecem em algumas publicações sobre a relação da Austrália com seus vizinhos asiáticos, em particular com a China (BISLEY, 2018; ZHIXIN, 2018; CHUBB; MCALLISTER, 2021).

relações comerciais com seus vizinhos, não só para desfrutar da onda de crescimento, mas com receio de que, ao se manter longe, se tornaria um alvo; o medo nunca diminuía, na verdade aumentara com a possibilidade de um “século asiático” (MILLER; TAYLOR, 2017, p. 3).

Os dados apresentados na pesquisa de Charles Miller e Helen Taylor (2017) mostram que, apesar de os interesses econômicos para com a China esteja presente nas respostas respondentes, a insegurança e o medo são ainda maiores em relação à crescente dependência da Austrália dos investimentos chineses. A crescente força militar chinesa também não passa despercebida, principalmente com o aumento das tensões entre China e Japão pelas Ilhas Sensaku (Diaoyu) e os treinamentos militares chineses no Mar do Sul da China apesar do aumento das tensões com os Estados Unidos (HUANG, 2021; XUANZUN, 2021).

Enquanto o tom positivo para com a China geralmente tende a estar ligado à dimensão econômica da *Belt and Road Initiative*, sobre os benefícios que a economia australiana recebe ao ser integrada ao BRI, a mídia escrutina o governo chinês. Após os escândalos de doações chinesas aos partidos australianos e questões de direitos humanos nos campos de reeducação em Xinjiang, a cobertura da mídia australiana sobre o governo chinês piorou consideravelmente. Sobre a BRI a cobertura se mostra tendenciosa, e sumariamente negativa – 43,9% das notícias possuem tom negativo, 29,8% tom neutro e 26,2% tom positivo (ZHIXIN, 2018). Nesse período o governo chinês, por sua vez, foi comparado ao governo alemão nazista da Segunda Guerra, por ser considerado uma ameaça à democracia e à segurança nacional australiana, e pelo fato de o ocidente fechar os olhos para o potencial perigo que a China representa (JIANG, 2019).

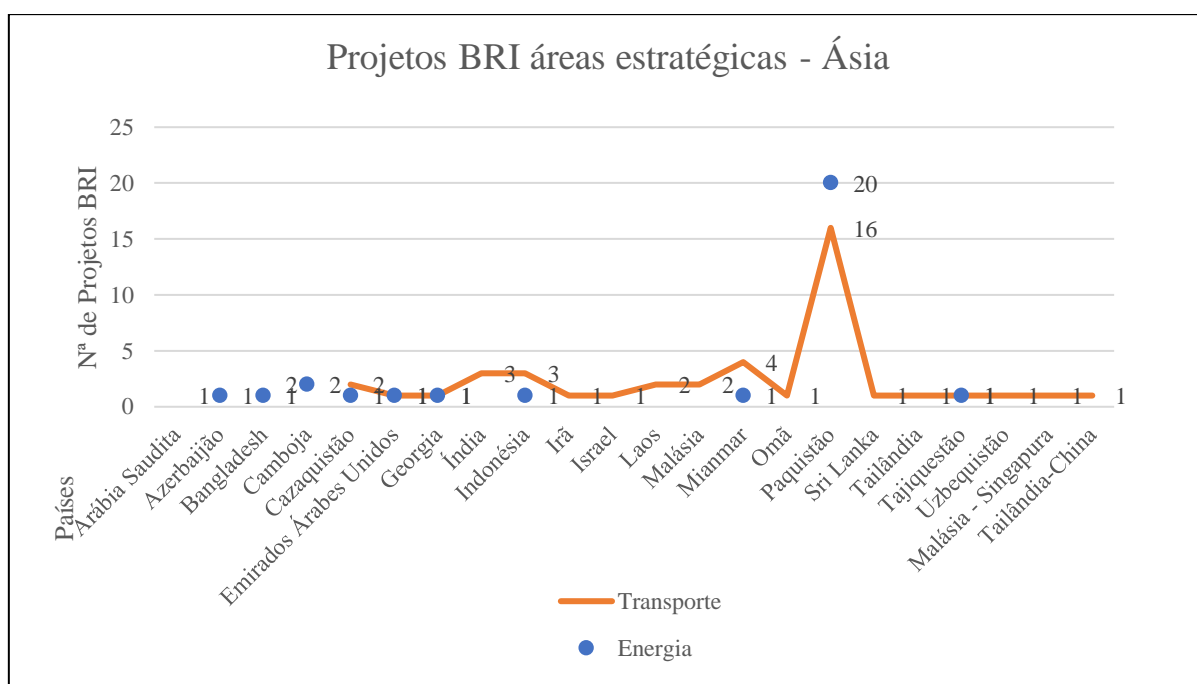
As percepções negativas sobre a China tendem a girar em torno de três principais pontos, a saber 1) o controle geoeconômico chinês da região da Ásia-Pacífico, 2) a redistribuição geopolítica da região nas mãos da China e 3) o crescimento militar chinês na região. Na perspectiva econômica, a BRI é responsável por projetos para desenvolvimento de Zonas Econômicas Especiais (ZEE), construção de parques industriais, desenvolvimento urbano e atração turística. Os investimentos chineses nessas áreas são proeminentes em países asiáticos como o Paquistão (8 ZEE), Malásia (2 projetos de desenvolvimento urbano), Indonésia (1 projeto de desenvolvimento urbano e 1 projeto



de promoção ao turismo), Cazaquistão (1 ZEE), Índia (1 projeto de desenvolvimento urbano) e Sri Lanka (1 projeto de desenvolvimento urbano)<sup>30</sup>

Os políticos e a mídia australiana temem as possíveis intenções geopolíticas chinesas em criar rotas que interligam diversas regiões do planeta. “É relatado que a China está utilizando o BRI como alavanca para controlar a Eurásia e se tornar o centro do mundo”, e a preocupação da Austrália é que países em desenvolvimento da região troquem “seu próprio controle independente de infraestrutura por ganhos econômicos de curto prazo.” (ZHIXIN, 2018, p. 443). Os receios australianos são alimentados quando investimentos são realizados aos montes em países asiáticos, fenômeno que pode ser observado principalmente no Paquistão, como segue:

Gráfico 1 – Projetos BRI em áreas estratégicas na Ásia



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados reunidos e disponibilizados por Sebastian Ibold (2020).

No gráfico 1, podemos observar a expansão chinesa através da Iniciativa Cinturão e Rota (BRI). As observações australianas acompanham o desenvolvimento chinês de linhas de transporte e meios de energia, duas frentes geopolíticas importantes para o estabelecimento de uma potência regional e internacional. Os projetos BRI estão por toda a Ásia, parte do Oriente Médio e África e preocupam algumas frentes políticas e poderes regionais menores, como a Austrália. Na mídia de massa local, a cobertura de notícias sobre a BRI tende a ser negativa, com 72 reportagens com teor negativo, cerca de (43,90%)

<sup>30</sup> A lista detalhada de projetos pode ser encontrada no blog “Belt and Road Initiative”, organizado por Sebastian Ibold (2020) <<https://www.beltroad-initiative.com/projects/>>. Acesso em 25/02/2022.

do total. Reportagens com teor neutro são 49 (29,88% do total) e 43 reportagens positivas (26,22%) (ZHIXIN, 2018, p. 440).

O crescimento militar da China na região é observado com atenção por países que possuem fronteira com a China<sup>31</sup>, e a insegurança australiana em relação à um possível conflito militar com a China encontra outras justificativas. Aqueles respondentes que se identificam com a direita política tendem a ver a China como uma ameaça à Austrália, bem como os respondentes que possuem nível educacional elevado. Esse fenômeno pode estar ligado ao fato de que os respondentes que frequentaram o Ensino Superior possuem mais acesso às informações que abordam as implicações geopolíticas da ascensão da China. Enquanto o conhecimento possibilita que o preconceito contra chineses diminua, maior conhecimento sobre o governo chinês tende a aumentar as preocupações com a segurança nacional e internacional (MILLER; TAYLOR, 2017, p. 17).

Apesar de se encontrar dividida entre se integrar aos investimentos chineses na região da Ásia-Pacífico, ou se isolar para evitar uma futura investida geopolítica chinesa, a Austrália se encontra distante de seu principal parceiro, os Estados Unidos. Apesar de tentar conter os avanços da BRI em seu território, os países asiáticos estão de braços abertos para os investimentos chineses e a proposta de conexão das principais rotas de comércio do mundo. A elite australiana parece estar principalmente dividida entre os benefícios e as ameaças que a China figura na região, e os discursos da mídia não ajudam a opinião pública a manter uma opinião positiva para com a China (MILLER; TAYLOR, 2017; BISLEY, 2018; ZHIXIN, 2018; JIANG, 2019; CHUBB; MCALLISTER, 2020, 2021).

## **2.5. Américas: Conflitos ideológicos no Norte, parceira econômica-comercial no Sul**

Dentre os artigos coletados, 25 abordam a América do Norte e 10 se restringem à América Latina<sup>32</sup>. Dentre as tendências mais frequentes, se pode perceber que a América do Norte, em sua maioria, possui atitudes positivas em relação à China no quesito

---

<sup>31</sup> São 14 países que fazem fronteira com a China, a saber, Afeganistão, Butão, Cazaquistão, Coreia do Norte, Índia, Laos, Mianmar, Mongólia, Nepal, Paquistão, Quirquistão, Rússia, Tajiquistão e Vietnã. As fronteiras marítimas chinesas são com Brunei, Coreia do Sul, Filipinas, Indonésia, Japão, Malásia e Taiwan (REPÚBLICA POPULAR DA CHINA, [s.d.]).

<sup>32</sup> Apesar de a região ser tratada como América Latina, a SLR aqui apresentada fora construída dentro dos conceitos geográficos – América do Norte, América Central e América do Sul – principalmente por conta das discussões acerca da nomenclatura da América Latina (MIGNOLO, 2009; TENORIO-TRILLO, 2017) e para mostrar como países mais próximos da zona de influência dos Estados Unidos tendem a divergir em relação à países mais distantes .

economia e comércio. As percepções negativas tendem a girar em torno de temáticas sobre a defesa dos direitos humanos, o estabelecimento de melhores práticas ambientais, a perda de emprego para os chineses, as divergências culturais entre a China e o país do respondente, o crescimento militar chinês e a possibilidade de a China substituir os Estados Unidos como poder hegemônico (ALDRICH; LU; KANG, 2015b; CHUNG, 2019; XIE; JIN, 2022a).

Nos Estados Unidos, a defesa do liberalismo econômico, faz com que o comércio com a China seja, em sua maioria, valorizado entre os respondentes. A percepção de que a competição com os produtos chineses traz benefícios para a economia, promove visões positivas quanto à ascensão da China como potência econômica. A presença de Institutos Confúcio nos EUA, e a realização de eventos voltados para o conhecimento da China, torna os respondentes mais dispostos a manter relações amistosas com a China no âmbito econômico-comercial. Por outro lado, há percepções em nível individual que veem a competição dos produtos e empresas chinesas como uma ameaça aos seus empregos e temem que a ordem internacional seja corrompida pela substituição dos Estados Unidos pela China no sistema econômico mundial (LIAO; MALHOTRA; NEWMAN, 2020; WANG et al., 2021; YEH; WU; HUANG, 2021b; JIN; DORIUS; XIE, 2022).

Enquanto as relações econômico-comerciais entre EUA-RPC são vistas como positivas pela maioria dos estadunidenses, o *soft power* chinês não possui capacidade de dirimir a percepção de que a ascensão militar chinesa representa uma ameaça para os EUA. A movimentação militar da China nas Ilhas do Mar do Sul da China<sup>33</sup> não passou despercebida à opinião pública dos EUA, na verdade, a maioria dos respondentes defende que a ascensão militar chinesa deva ser contida pelo poder militar estadunidense. Normalmente essas percepções sobre uma Ameaça Chinesa seja mais comum em respondentes conservadores, principalmente por conta dos republicanos estarem mais preocupados com questões militares do que os liberais/democratas (MIRILOVIC; KIM, 2017b; SOMMELLA, 2019; YANG, 2020; YEH; WU; HUANG, 2021b).

Desde 1959 os monges Lhasa comemoram a revolta frustrada contra o governo chinês de Mao Zedong. À época, o líder político-espiritual Dali Lama, conseguiu fugir da pressão do governo chinês para a Índia. Em 2008, novas manifestações pacíficas foram realizadas, para comemorar a fuga de Dalai Lama, mas o protesto resultou na prisão de doze monges budistas pelo governo chinês. Diferentes organizações de direitos humanos

---

<sup>33</sup> Considerada uma região estratégica, o Mar do Sul da China possui “rotas comerciais fundamentais para a economia mundial e o crescimento dos países asiáticos.” (FEODRIPPE, 2019).

acusaram a China por detenção arbitrária e a opinião pública estadunidense foi atraída pelas manchetes. Sob esse cenário, os achados mostraram que as variáveis sobre o *soft power* e o *hard power* da China não possuem significância estatística para fazer com que o respondente seja menos crítico à atitude chinesa – isso se dá principalmente pelas características da opinião pública dos estadunidenses na última década, que tende a ser “racional, coerente e estável” (CAO; XU, 2015; WANG et al., 2021).

A evolução da opinião pública estadunidense sobre a China, então, passou de percepções baseadas no desconhecido, no preconceito e no medo, para uma visão direcionada. O investimento chinês na exportação dos Institutos Confúcio para diferentes países, inclusive os Estados Unidos, pode ser uma das causas pelas quais os estadunidenses passaram a entender melhor a China (XIE; PAGE, 2013; WANG, 2020; YEH; WU; HUANG, 2021a).

Outro projeto que se mostrou positivo em moldar percepções positivas nos respondentes dos EUA foi o *Looking China Youth Film Program*<sup>34</sup>, e as Olimpíadas de 2008, ocorridas em Pequim, os achados mostram que, ao ter contato com a cultura e povo chinês, a percepção dos respondentes foi alterada positivamente em relação à China e aos chineses (SYED, 2010b; POISTER, 2019).

Além do *soft power cultural*, outro agente capaz de moldar as atitudes dos estadunidenses sobre a China é a mídia. Tanto durante a guerra comercial<sup>35</sup> entre EUA e RPC quanto com a Pandemia da COVID-19, a cobertura midiática corroborou para a alteração nas percepções individuais dos estadunidenses. As matérias que traziam títulos negativos sobre a China ganharam espaço na mídia e nas redes sociais, e os líderes estadunidenses se aproveitaram dessa oportunidade para explorar a temática anti-China nos Estados Unidos (LI, 2020; JIA; LU, 2021b).

Durante a guerra comercial entre EUA-RPC, respondentes que não possuíam atitudes positivas sobre as relações comerciais entre as duas nações se mostraram mais inclinados a suportar o conflito comercial entre Estados Unidos e China (JIN; DORIUS;

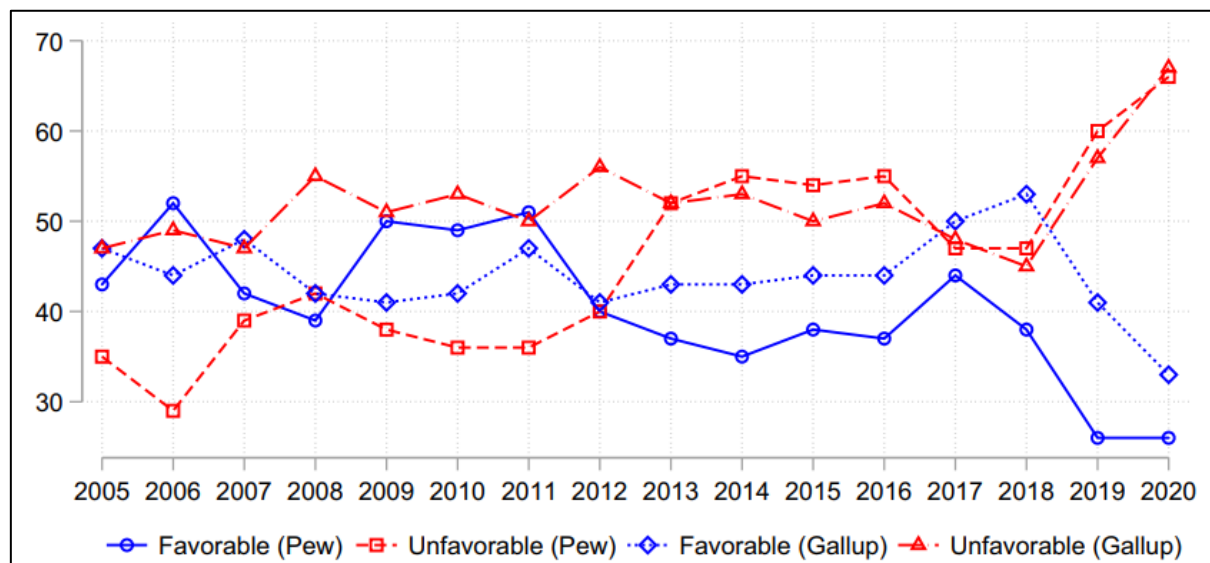
---

<sup>34</sup> Programa de experiência cultural promovido pela *Academy for International Communication of Chinese Culture* (AICCC) e patrocinada pela *Beijing Normal University Huilin Foundation*, onde estudantes estrangeiros na China e voluntários chineses fortalecem a troca cultural, intercâmbio e cooperação entre as nações. Ao final do Programa, os jovens devem produzir um curta-metragem que explora a experiência que teve durante o intercâmbio cultural (BEIJING NORMAL UNIVERSITY, 2020).

<sup>35</sup> Em julho de 2018, a guerra comercial entre EUA e RPC se iniciou quando o Presidente Donald Trump aprovou uma lei de tarifas que impôs US\$34 bilhões em taxas em produtos importados da China, a retaliação chinesa não demorou a chegar e o conflito econômico durou cerca de 18 meses – entre Trump e o Presidente chinês Xi Jinping aumentando tarifas de produtos importados ao longo desse tempo. Em janeiro de 2020 foi assinado um acordo preliminar entre ambas as economias a fim de pôr fim ao conflito comercial (BBC NEWS, 2020).

XIE, 2022). A partir de 2018, a percepção dos respondentes estadunidenses sofreu piora considerável quando comparada aos anos anteriores, em que a percepção sobre a China se mostrou relativamente estável. Esse fenômeno pode ser observado na figura que segue:

Figura 7 – Percepções dos estadunidenses sobre a China (2005-2020)



Fonte: XIAOJUN LI (2020, p. 73).

Fenômeno semelhante pôde ser observado com a Pandemia da COVID-19, após o primeiro caso da doença ser confirmado nos EUA, em fevereiro de 2020. Chamadas pejorativas que atribuíam a culpa à China pelo início da Pandemia, bem como a utilização de frases como “kung flu”, “chinese virus”, “Wuhan virus”, entre outras, foram responsáveis por aumentar a imagem negativa da China, bem como casos de xenofobia e preconceito contra asiáticos e seus descendentes estadunidenses (KAMBHAMPATY, 2020; BBC NEWS, 2021). Em pesquisa divulgada pelo *Pew Research Center* em abril de 2021, 8 em cada 10 asiáticos-americanos declararam ter sofrido algum tipo de violência referente à sua origem após o início da Pandemia (RUIZ; EDWARDS; LOPEZ, 2021).

Na esfera política, o estudo de Jon Green (et al. 2020) mostrou que, entre janeiro e março de 2020 houve polarização considerável sobre a Pandemia no *Twitter*. Membros do Congresso dos EUA dividiam suas opiniões sobre a COVID-19 e os achados apontam que, se as elites partidárias tivessem conseguido ser consistentes em relação às recomendações sanitárias para evitar a contaminação pela doença, a Pandemia poderia ter sido desenrolada de forma diferente em território estadunidense. A conclusão da pesquisa traz luz à discussão do impacto das redes sociais no comportamento do indivíduo e formação da opinião pública.

O vizinho do norte dos Estados Unidos, o Canadá, possui tendências de opinião pública em relação à China semelhantes às dos EUA, mas as questões político-ideológicas se sobressaem em relação à economia. Durante o governo de Stephen Harper como Primeiro-Ministro canadense (2002-2015), as relações bilaterais entre Canadá e China foram limitadas por questões relacionadas aos direitos humanos em detrimento às relações econômico-comerciais. Harper restringiu a aquisição de empresas canadenses por empresas chinesas de mineração de petróleo e gás, mas após pressão da classe empresarial acabou por se aproximar da China em 2009 (LI, 2020).

Em 2015, o Canadá se tornou o primeiro centro comercial na América do Norte a negociar em *Renminbi* (RMB), e se tornou membro fundador do *Asia Infrastructure Investment Bank* (AIIB), uma manobra para limitar a dependência do Canadá para com os EUA. Eleito em 2016 como novo Primeiro-Ministro do Canadá, Justin Trudeau tem como um de seus objetivos de governo estreitar as relações econômicas-comerciais com a China, cogitando um Acordo de Livre Comércio entre a China e o Canadá. Apesar de o governo canadense estar se abrindo cada vez mais para os investimentos e comércio com a China, a opinião pública do Canadá ainda não possui percepções sumariamente positivas para com a potência asiática (LI, 2020).

Ainda mais negativas são as percepções de aspectos particulares de um possível FTA. De acordo com uma pesquisa da *Nanos Research* realizada em abril de 2017, 66% dos canadenses gostariam de vincular as considerações de direitos humanos às negociações de livre comércio com a China, o que, como sabemos, é uma impossibilidade para o governo chinês. Além disso, 81% se opuseram a permitir que empresas estatais chinesas assumissem empresas canadenses sem testes de segurança nacional, enquanto 88% dos entrevistados se opuseram a essas mesmas empresas comprem empresas canadenses de alta tecnologia para exploração de areia betuminosas [*oil sands*] (LANDRIAULT; MINARD, 2018, p. 2)

Enquanto a ideologia possui grande influência na formação da percepção canadense sobre a China, a cobertura midiática sobre temáticas que envolvem a China e o governo chinês corroboram para essa construção ideológica. A pesquisa realizada por Nathan Allen (et al. 2019b) mostra que as principais características associadas à China foram “autoritária”, “em ascensão”, “corrupta”, “ameaçadora” e “forte”. Então, apesar de reconhecerem a importância econômica chinesa para o Canadá, temáticas sobre segurança nacional e direitos humanos são alimentadas por uma mídia canadense tendenciosa, “cheia de preconceito contra a China e arrogante” (ALLEN; LAWLOR; GRAHAM, 2019b, p. 2).

Ao Sul, as percepções mexicanas sobre a China tendem a variar entre líderes e sociedade civil, os primeiros possuem opiniões menos favoráveis em relação à China

quando comparados aos respondentes civis – 35% dos líderes entrevistados veem a China de forma positiva, contra 49% de percepções positivas no público. As questões do México com a China tendem a ter caráter econômico-comercial, o crescimento econômico chinês na América tornou a região menos receptiva para mercadorias semimanufaturadas mexicanas, abrindo uma competição considerada desleal entre China e México (ARMONY; VELÁSQUEZ, 2015a).

Além das práticas comerciais desleais apontadas pelos mexicanos em relação à China, há ainda acusações de violações de direitos humanos – principalmente nas relações de trabalho. Por outro lado, imigrantes chineses tendem a sofrer com preconceito em algumas regiões do México, particularmente por serem apontados como “soldados de infantaria da invasão comercial da China” (ALLEN; LAWLOR; GRAHAM, 2019a, p. 329). As discussões sobre perda de emprego e comprometimento da renda da região depois da compra de empresas pelas estatais chinesas colorem as opiniões negativas sobre a presença chinesa no México.

A pesquisa de Pablo Sebastian Morales (2021) busca investigar como respondentes se comportam ao serem expostos à mídia sobre a China. No México, a imagem chinesa figura entre as 3 mais negativas<sup>36</sup>, perdendo apenas para o Irã e a Venezuela. Apesar de passarem a consumir notícias oferecidas pela China e sobre a China, os respondentes mexicanos afirmaram que não mudaram seus preceitos sobre o país. Os principais motivos estão relacionados à ideologia chinesa, considerada autoritária pelos entrevistados, e o conteúdo das notícias – muitas vezes centradas na Ásia ou na China (MORALES, 2021).

---

<sup>36</sup> A pesquisa busca determinar a imagem de 8 países, a saber, Alemanha, China, Colômbia, Espanha, Estados Unidos, Irã, Rússia e Venezuela.

Figura 8 – Classificação da imagem do país (em negrito países dos focus group)

Ranking	Mexico	Total	Adjusted
1	Germany	207	214.15
2	Spain	177	183.12
3	USA	156	161.39
4	<b>Russia</b>	133	137.60
5	Colombia	120	124.15
6	<b>China</b>	111	114.84
7	<b>Iran</b>	100	103.46
8	Venezuela	90	93.11

Fonte: (MORALES, 2021, p. 106).

O *focus group* criado para analisar a percepção dos respondentes sobre países estrangeiros agrupou 9 universidades mexicanas e argentinas. Os 75 alunos selecionados para participar do *focus group* cursavam Relações Internacionais, Ciência Política e Administração e Políticas Públicas em uma das universidades selecionadas. Como podemos ver na figura 8, estudantes mexicanos possuem uma imagem relativamente negativa sobre a China, de acordo com um dos alunos que respondeu à pesquisa a distância cultural afetava de alguma ele percebia os diferentes países estudados. “[...] Quando falam sobre a Rússia, [minha reação é pensar] o quão estranho eles pensam. Quando falam sobre o Irã, [minha reação também é pensar] o quão estranho eles pensam. China, o mesmo.” (MORALES, 2021, p. 106).

Alguns trabalhos recentes podem nos mostrar qual o estado da obra da opinião pública sobre a China em países centro-americanos (ALDRICH; LU, 2015b; ARMONY; VELÁSQUEZ, 2016; CARRERAS, 2017; EICHENAUER; FUCHS; BRÜCKNERD, 2020; EMMANUEL, 2021; FENG; ZENG, 2021; MORGENSTERN; BOHIGUES,



2021b). Os 10 países da América Central analisados<sup>37</sup> possuem percepções mais favoráveis ao modelo de desenvolvimento dos EUA do que da RPC – a saber, Costa Rica e Jamaica são os únicos países que preferem o modelo de desenvolvimento chinês em detrimento ao modelo estadunidense. Belize, El Salvador, Guatemala, Guiana, Haiti, Panamá, República Dominicana, e Trindade & Tobago optaram pelo modelo de desenvolvimento dos Estados Unidos com grande vantagem sobre o modelo chinês (ALDRICH; LU, 2015b).

Apesar de preferirem o modelo econômico norte-americano, as percepções sobre a China são majoritariamente positivas, Guatemala figura como o país com visão mais pessimista sobre a China, com 30% dos respondentes concordando com a afirmação de que a presença chinesa traz mais benefícios do que malefícios para o país. A Jamaica, por sua vez, apresenta a percepção mais positiva em relação à China, quase 60% dos respondentes acreditam que a presença chinesa traz benefícios à economia jamaicana. Esse comportamento corrobora com o entendimento que as percepções da América Central costumam ser fortemente influenciadas por meio de imagens de poder, oportunidade e riscos potenciais, girando em torno do poder dos EUA e a oposição que a China oferece. A ascensão da China gera um nível de incerteza na região, que é influenciada pelos discursos de ameaça chinesa oriundos dos Estados Unidos (ALDRICH; LU, 2015b; ARMONY; VELÁSQUEZ, 2016).

Apesar de se encontrarem na zona de influência dos Estados Unidos, cada vez mais os países da América Central aceitam as investidas chinesas, as promessas de desenvolvimento e investimento figuram como uma alternativa aos EUA. A presença econômica chinesa tem sido considerada positiva, principalmente por proporcionar crescimento econômico para as potências emergentes com as quais a China tem se alinhado. A necessidade crescente por *commodities*, além do potencial de compra para os produtos manufaturados apresentado pela região são alguns dos motivos pelos quais a China busca estreitar relações com países tão próximo ao território dos Estados Unidos (ALDRICH; LU, 2015b; ARMONY; VELÁSQUEZ, 2016; EICHENAUER; FUCHS; BRÜCKNERD, 2020; MORGENSTERN; BOHIGUES, 2021b).

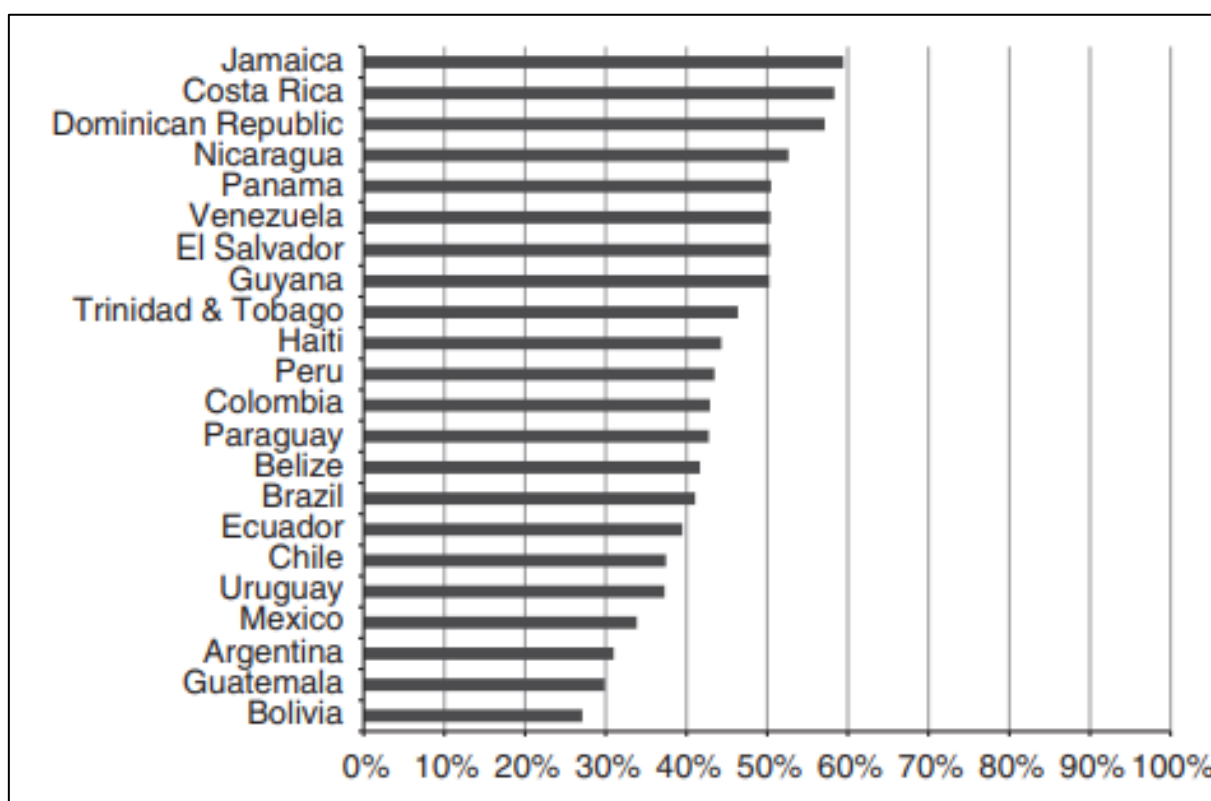
Os dados analisados por John Aldrich e Jiu Lu (2015b) e Ariel Armony e Nicolás Velásquez (2016) sobre a percepção de países sul-americanos sobre a China, demonstram que a influência da China na região é vista como moderadamente forte e positiva

---

<sup>37</sup> Belize, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Haiti, Jamaica, Nicarágua, Panamá, República Dominicana e Trinidad & Tobago

perdendo apenas para o EUA quando se trata da confiança da região em poderes hegemônicos. Na época, as pesquisas ainda mostram que 1/4 dos entrevistados acreditavam que a China já era o país mais influente na região, e quase 1/3 destes acreditavam que a China seria o país mais influente até 2022. Nessa mesma pesquisa, os autores apontam para uma mudança substancial na relação de influência dos Estados Unidos e da China na região, acreditando que os chineses passem à posição atual que os americanos ocupam.

*Figura 9 – Porcentagens que respondentes que concordam que “a China está a fazer mais bem do que mal na região”*



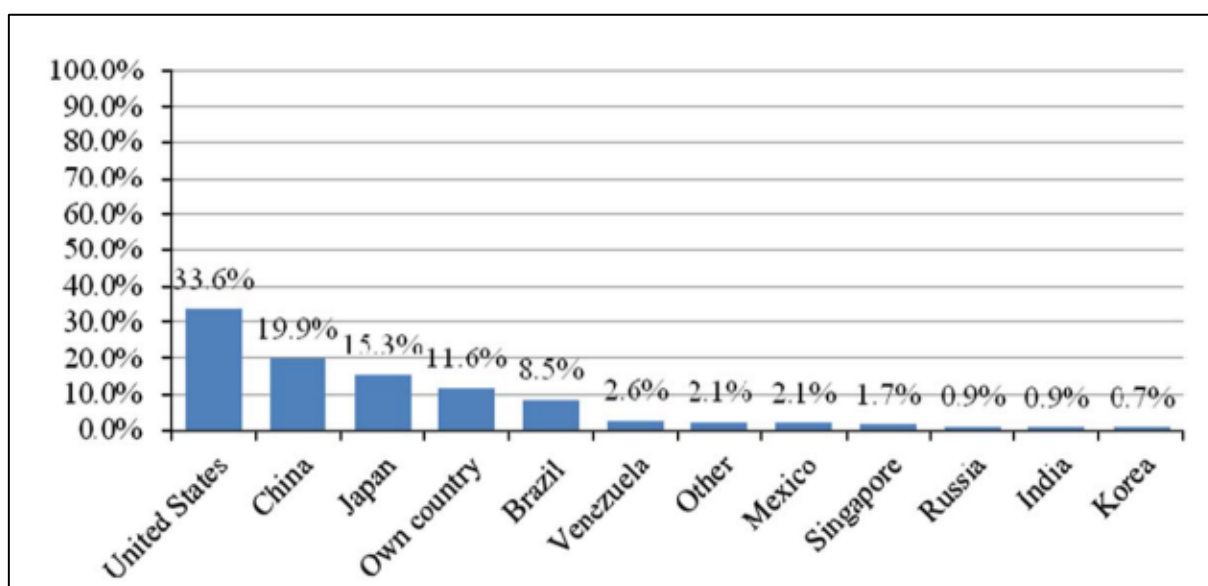
Fonte: (ALDRICH; LU, 2015b, p. 234)

A figura 9 apresenta as percepções individuais da população latino-americana sobre a China e sua influência na região. Os dados foram extraídos da onda de 2012 do *Latin American Public Opinion Project* (LAPOP) e abrangem toda a região da América Latina. Como podemos verificar, o país que possui maior confiança na China é a Jamaica – com quase 60% de aprovação dos respondentes – e o que menos possui confiança na influência chinesa é a Bolívia com pouco menos de 30% da aprovação dos respondentes. O Brasil se encontra na décima quinta posição, com pouco mais de 40% de aprovação sobre a influência chinesa.

A ideologia se apresenta como uma variável que influencia na formação da percepção sobre a China nos países sul-americanos. Respondentes que se identificam com a esquerda política tendem a expressar opiniões mais negativas sobre os governos estadunidenses, enquanto os respondentes de direita tendem a apresentar percepções negativas sobre o modelo político chinês. A imagem dos Estados Unidos nos países sul-americanos está manchada, principalmente entre os líderes de esquerda, pelo histórico do país norte-americano em intervir em questões internas dos países sul-americanos (ARMONY; VELÁSQUEZ, 2015a; CARRERAS, 2017; RATIGAN, 2021a).

Ainda assim, cabe mencionar que, apesar da visão positiva sobre a China, os Estados Unidos ainda são preferidos em relação ao modelo político-econômico e à cultura chinesa (figura 10). Em nível nacional, a ideologia não consegue explicar a opinião latino-americana sobre a China, por outro lado, em nível individual a China parece ter sido capaz de atrair opiniões positivas de ambas os espectros ideológicos – esquerda e direita política. As estratégias chinesas de *soft power* e diplomacia cultural possibilitaram que a China conseguisse construir uma imagem positiva na região, a mídia teve papel fundamental nesse processo, uma vez que fez uma clara relação entre o *boom* dos *commodities* com a presença da China na região (ESTUPINAN, 2017; MORGENSTERN; BOHIGUES, 2021b).

Figura 10 – Visões latino-americanas sobre o modelo de desenvolvimento



Fonte: (KANG, 2015, p. 251)

Como na América Central, a América do Sul vê como positiva a manutenção das relações econômicas-comerciais com a China, principalmente pelas oportunidades de

investimento em infraestrutura, projetos de energia, e extração de petróleo e gás. Em troca, a China busca mercados dispostos a consumir seus produtos manufaturados, parecendo uma oportunidade ideal entre o governo chinês e os países da região. Apesar de as relações econômico-comerciais serem bem-vindas, o modelo político-econômico e a cultura chinesa ainda são vistos com estranheza pelos respondentes, o que acaba por gerar opiniões divergentes sobre a China nos âmbitos individual e nacional dos países sul-americanos (ALDRICH; LU, 2015b; ARMONY; VELÁSQUEZ, 2016; CARRERAS, 2017; EICHENAUER; FUCHS; BRÜCKNERD, 2020; FENG; ZENG, 2021; MORGENSTERN; BOHIGUES, 2021b).

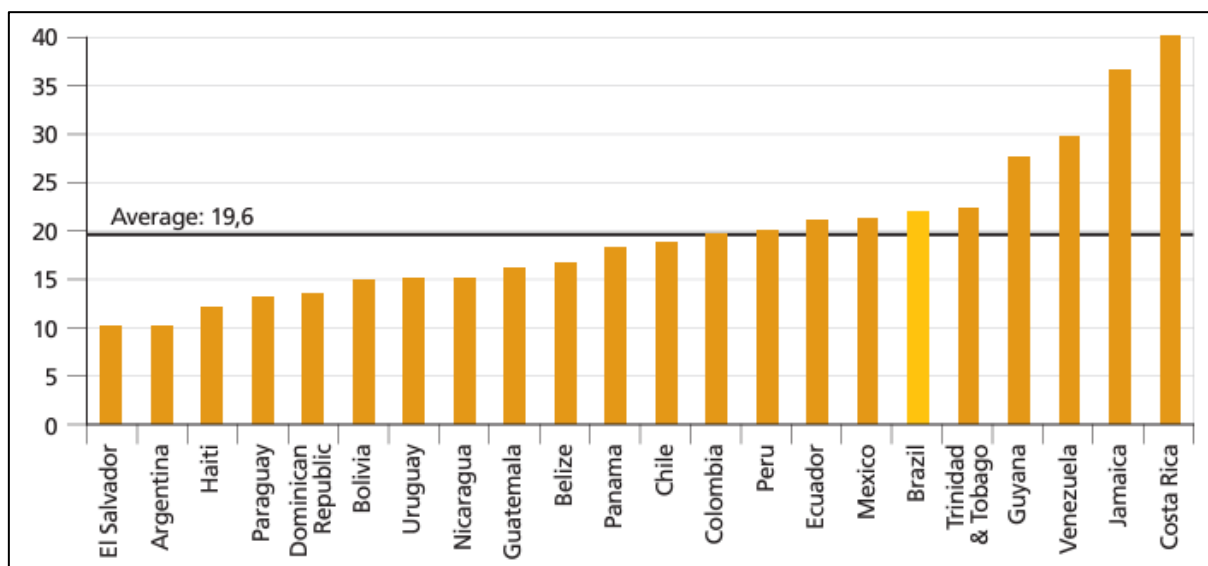
Na América do Sul vemos a Colômbia estreitando relações com a China apesar dos fortes laços com os Estados Unidos. Em seu trabalho, Ariel C. Armony (2012) utiliza os jornais *El Tiempo* e *El Espectador* para analisar a cobertura colombiana sobre a China.

O estudo revela uma imagem da China com cara de Janus: por um lado, uma potência crescente vista como um parceiro comercial auspicioso na região; por outro, um novo ator preocupante no contexto internacional. Há expectativa de que a política de 'saída' de Pequim deva respeitar um conjunto de padrões que vão além da esfera econômica (ARMONY, 2012, p. 181).

No Peru a pesquisadora Kerry Ratigan (2021a) usou dados do LAPOP de 2012, 2014, 2017 e 2019 para investigar se a crescente onda de investimentos chineses no país faz com que os respondentes escolham o modelo chinês em detrimento das demais opções. Os achados mostram que a confiança peruana na China aumentou enquanto a confiança nos Estados Unidos caiu. Entre 2017 e 2019 as percepções sobre a China se mantiveram mais estáveis e favoráveis, mas ainda assim não apresentam um interesse forte peruano de adotar o modelo chinês para o Peru.

Na figura 11 conseguimos visualizar a preferência latino-americana pelo modelo de desenvolvimento chinês. Em sua pesquisa Ariel C. Armony e Nicolás G. Velásquez (2016) utilizam dados LAPOP de 2012 para aferir a preferência de modelo de desenvolvimento dos latino-americanos. Costa Rica e Jamaica se destacam positivamente sobre a preferência ao modelo chinês de desenvolvimento; em contrapartida El Salvador e Argentina são os que menos possuem interesse no modelo chinês. Peru e Colômbia, citados anteriormente, possuem uma aprovação na média latino-americana, enquanto o Brasil está acima da média de aprovação de seus vizinhos latinos – 19,6 pontos.

Figura 11 – China como modelo preferido de desenvolvimento



Fonte: (ARMONY; VELÁSQUEZ, 2016, p. 25)

Na América Latina encontramos algumas variáveis que explicam a relação dos países da região com a China. A primeira é ideologia, desde a Guerra Fria conseguimos apontar alguns conflitos na região que colocaram os Estados Unidos contra países inclinados à esquerda do espectro político. Essa manobra estadunidense fez aflorar na região um sentimento antiamericanista que pode ser usado pela China como oportunidade para alavancar suas relações com a região (MORGENSTERN; BOHIGUES, 2021b).

As relações comerciais da região com a China também são importantes como uma variável de estudo de opinião pública. Os laços entre os países da região e a economia chinesa variam de ajuda, empréstimos e remessas, mas os níveis de comércio fornecem um indicador claro de que a China vem crescendo significativamente, se aproximando dos Estados Unidos em países como o México e até passando a capacidade de comércio, como no Brasil (FENG; ZENG, 2021).

Por fim, outra variável interessante é a cultural. Apesar dos conflitos históricos dos Estados Unidos com potências regionais da América Latina, os respondentes ainda tendem a ver os Estados Unidos como exemplo de democracia e cultura – principalmente por conta do *soft power* estadunidense. A China não possui laços culturais duradouros com a América Latina, o que gera um “mal-entendido cultural” entre latino-americanos e chineses que as vezes leva ao racismo e xenofobia (CARRERAS, 2017).

### 2.5.1. Opinião pública de brasileiros sobre a China

As contribuições sobre a opinião pública brasileira em relação à China não são tão abundantes quando comparada com outros países, como Estados Unidos, Coreia do Sul e Japão. As publicações encontradas têm como principal foco a América Latina e Caribe e abordam em alguns parágrafos a percepção de brasileiros (ALDRICH; LU, 2015b; ARMONY; VELÁSQUEZ, 2016; CARRERAS, 2017). Apesar do limitado volume de publicações sobre as percepções de brasileiros em relação à China, três tendências puderam ser observadas nos estudos 1) o impacto econômico da China na região tende a ser considerado positivo, 2) o modelo político-econômico chinês não é preferido pelos brasileiros e 3) a ideologia possui certa influência na formação da opinião pública em relação à China.

Os achados de John Aldrich e Jie Lu (2015b), mostram que o Brasil figura entre os países que possuem percepções relativamente positivas em relação à presença chinesa na América Latina. Pouco mais de 40% dos respondentes brasileiros concordaram que a China faz mais bem do que mal para a região. Como modelo de desenvolvimento, o Brasil tem sua preferência delineada pró-EUA, com pouco mais de 20% dos respondentes brasileiros escolhendo o modelo estadunidense de desenvolvimento. O modelo chinês, contudo, não fica muito longe, pouco mais de 15% dos respondentes escolhem o modelo de desenvolvimento chinês. Para os autores, a preferência dos respondentes brasileiros para com o modelo chinês é influenciada pelo investimento chinês em desenvolvimento econômico.

Os achados anteriores são corroborados na pesquisa de Ariel Armony e Nicolás Velásquez (2016): a preferência brasileira aos modelos de desenvolvimento é dirigida aos Estados Unidos e o Japão, principalmente por serem países democráticos e com economias liberais. O modelo de desenvolvimento chinês não encontra a mesma adesão dos respondentes brasileiros, e a disseminação dos costumes chineses no Brasil não é vista como positiva, apesar dos esforços chineses empregados no *soft power* da região. Com o declínio da esquerda na região, foi levantada a hipótese de que a presença chinesa na América Latina sofreria com uma reavaliação da direita ascendente. Contudo, considerando o *gap* de investimentos externos diretos na região, e os projetos chineses para a região – principalmente em energia, extração de petróleo e gás, e infraestrutura urbana – romper com a China comprometeria avanços econômicos e de infraestrutura essenciais para a região (CARRERAS, 2017).

Em nível individual, a ideologia então não foi capaz de afetar a percepção positiva das relações econômicas entre Brasil e China. Quando o espectro ideológico é utilizado junto ao espectro político, contudo, a ascensão chinesa frente aos Estados Unidos é vista de formas diferentes por liberais e protecionistas. Os achados de Amâncio Jorge de Oliveira e Janina Onuki (2018) mostram que ser liberal possui uma relação positiva com sentimentos anti-China, enquanto ser protecionista possui relação positiva com sentimentos pró-China. Assim, os respondentes que tendem ao protecionismo não veem a ascensão chinesa como uma ameaça, enquanto os respondentes que tendem ao liberalismo acreditam que o crescimento chinês pode ser uma ameaça.

O comportamento do Brasil em relação à influência dos Estados Unidos e ascensão da China à poder global estão diretamente relacionadas: à medida que a opinião positiva sobre os Estados Unidos como poder global cresce, a percepção de que a China é uma ameaça à ordem internacional também cresce. A percepção sul-americana possui comportamentos mais pró-China do que os países localizados na América Central – região mais próxima da zona de influência dos Estados Unidos. Os achados de Vera Eichenauer (et al. 2020) mostram que, apesar da crescente ajuda externa que a China tem oferecido aos países latino-americanos, os Estados Unidos ainda figuram entre a primeira opção dos entrevistados. Os benefícios econômicos chineses para o Brasil são reconhecidos, mas tendem a ser suplantados quando associados a questões político-ideológicas e culturais.

A dissertação realizada por Miaofang Guan (2021) corrobora com os achados anteriores: a *PhD Candidate* identificou que os respondentes que se identificam com a esquerda brasileira têm sentimentos pró-China mais fortes do que aqueles que se alinham às pautas da direita. Os resultados mostram que há uma forte correlação entre a ideologia esquerda-direita e as percepções positivas-negativas sobre a China e os EUA. A pesquisa de opinião pública, realizada entre estudantes universitários da Universidade de São Paulo, mostra que os estudantes brasileiros que se identificam com a direita possuem maior confiança na influência política dos EUA, enquanto demonstram menor confiança em relação à ascensão da China – o caso contrário também é verdadeiro.

### 3. METODOLOGIA: MODELOS E VARIÁVEIS

*A China parece frequentemente ser usada por elites políticas em outros lugares para os próprios propósitos domésticos dessas elites, indicando que a China deve competir com a política local no desenvolvimento de pelo menos esse aspecto de seu soft power (ALDRICH; LU; KANG, 2015a, p. 238).*

A fim de analisar as percepções sobre a China e seu governo, os modelos criados usaram dados de pesquisa de opinião pública de dois diferentes institutos de pesquisa focados na América Latina, o *Latin American Public Project (LAPOP)*, e a *Corporación Latinobarómetro*. A análise dos dados disponibilizados foi feita a partir da RLM – regressão linear múltipla – que nos permitiu escolher uma variável dependente (a opinião pública sobre a China e seu governo) a partir de duas variáveis independentes e outras variáveis controle. A RLM nos permite analisar o “efeito isolado de fatores explanatórios sobre a variável dependente.” (MAIA, 2017, p. 82).

#### 3.1. Modelo 1 – Latinobarómetro: Opinião pública sobre a China (2011-2020)

A *Corporación Latinobarómetro* é uma organização não-governamental (ONG) sem fins lucrativos situada na capital chilena, Santiago. A ONG faz pesquisas de opinião pública em 18 países da América Latina e tem como objetivo investigar o desenvolvimento democrático e socioeconômico da América Latina. As pesquisas de opinião pública implementadas pela *Latinobarómetro* usam indicadores que medem as “atitudes, valores e comportamentos” sociais, e os resultados são regularmente utilizados por atores sociopolíticos regionais, além de atores internacionais e governamentais (CORPORACIÓN LATINOBARÓMETRO, 2021a).

A primeira pesquisa de opinião data do ano de 1995, mas ao considerar nosso objeto de pesquisa – a opinião sobre a China – apenas as ondas a partir de 2011 passaram a contar com questões direcionadas para a opinião pública sobre a China. O quadro a seguir apresenta questões que foram consideradas como variáveis dependentes para o modelo a ser criado, sendo escolhida a questão que possuía continuidade nos barômetros implementados ao longo do período que planejamos estudar.

*Tabela 2 – Questões sobre a China no Latinobarómetro*

<b>Categoria</b>	<b>Questão de opinião pública</b>	<b>Ano encontrado</b>
------------------	-----------------------------------	-----------------------



<b>Opinião pública</b>	Você tem uma opinião muito boa, boa, ruim ou muito ruim sobre a China?	2011-2020
<b>Ajuda externa</b>	A ajuda da China à economia nacional é um ótimo negócio, bom, não muito bom, ruim.	2011
<b>Ajuda humanitária</b>	A oferta de ajuda humanitária da China ao nosso país é um ótimo negócio, bom, não muito bom, ruim.	2011
<b>Confiança na liderança chinesa</b>	Quanta confiança você tem na capacidade da China de lidar responsabilmente os problemas mundiais?	2013
<b>Democracia na China</b>	Em uma escala de 1 a 10, onde 1 significa totalmente antidemocrático e 10 significa democrático, onde você colocaria a China?	2013
<b>Comércio</b>	E sua opinião sobre o comércio entre a China e nosso país? É muito favorável, um pouco favorável, um pouco desfavorável ou muito desfavorável para o desenvolvimento econômico do país?	2020
<b>Influência da China na América Latina</b>	Você diria que a China tem uma influência mais positiva ou mais negativa na América Latina?	2020

Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados *Latinobarómetro* (CORPORACIÓN LATINOBARÓMETRO, 2021b).

Na tabela acima podemos observar a continuidade das questões de opinião pública sobre a China, bem como as temáticas abordadas. Dentre as questões que abordam temáticas que circundam as relações do país do entrevistado com a China, apenas uma foi utilizada em todas as ondas de pesquisa – você tem uma opinião muito boa, boa, ruim ou muito ruim sobre a China? – o que limitou nossa escolha da variável dependente para o modelo estatístico. A fim de comparar a opinião pública do respondente brasileiro ao longo dos anos, seria necessário escolher a(s) questão(ões) aplicada(s) em todas as ondas de pesquisa realizadas no Brasil, por isso a escolha da primeira questão da categoria de opinião pública.

### 3.1.1. Apresentação das bases de dados

Ao selecionar a variável dependente, o próximo passo foi carregar as bases de dados das ondas de 2011 a 2020 da *Corporación Latinobarómetro* para selecionarmos as variáveis independentes e os controles. Os dados da *Latinobarómetro* são carregados levando em conta todos os países da América Latina e Caribe, contando com um total de 143,904 respostas, como segue:

Tabela 3 – *Latinobarómetro ondas utilizadas*

<b>Onda – Ano do survey</b>	<b>Observações</b>	<b>Variáveis</b>
<b>2011</b>	20,204	414
<b>2013</b>	22,663	336
<b>2015</b>	20,250	338
<b>2016</b>	20,204	320
<b>2017</b>	20,200	324
<b>2018</b>	20,204	395
<b>2020</b>	20,204	408

Fonte: Elaborada pela autora.

A fim de selecionar as variáveis com as quais iremos trabalhar, foi verificado quais questões foram repetidas em todos os barômetros, selecionando aquelas que buscam a opinião do respondente sobre a China, bem como sua satisfação democrática, percepção da situação econômica atual do país em que reside e características individuais como sexo, idade, religião, etnia e educação. Cada onda possui um número variado de observações (respostas) e variáveis (questões), assim, tentar uniformizar as questões que serão selecionadas pode nos ajudar a verificar qual a opinião pública brasileira sobre a China.

### 3.1.2. Seleção das variáveis de interesse

Nessa fase da pesquisa o país Brasil ainda não havia sido isolado, o que nos rendeu 143,904 observações e 2534 variáveis. Afunilamos e agrupamos as bases de dados para que somente as respostas sobre o Brasil fossem lidas – o agrupamento das ondas de pesquisa foi escolhido em detrimento da análise de cada banco de dados de forma individual – o que nos rendeu 5494 observações e 11 variáveis, sendo 2 variáveis independentes e 8 controles, a saber:

Tabela 4 – *Variáveis de interesse Latinobarómetro*

<b>Variáveis de interesse para o modelo estatístico</b>	
<b>Variável dependente</b>	Opinião pública sobre a China: Opinião do respondente sobre a China, composta pelas opções (1) muito boa, (2) boa, (3) ruim e (4) muito ruim.
<b>Variáveis independentes</b>	Percepção econômica: Mede a percepção econômica do país pelo respondente entre (1) muito bom, (2) bom, (3) acima da média, (4) ruim e (5) muito ruim Satisfação democrática: Nível de satisfação democrática apresentada pelo respondente, podendo ser dividida entre (1) muito satisfeito, (2) bastante satisfeito, (3) não muito satisfeito e (4) nada satisfeito;

## Variáveis controle

---

Ano em que a pesquisa foi aplicada;

---

Região brasileira em que os dados foram coletados – Norte, Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste;

---

Faixa etária: Variável dividida em 4 grupos etários: 16-25 anos, 26-40 anos, 41-60 anos e 61 anos ou mais;

---

Sexo: Dividido entre homem e mulher;

---

Nível da educação do respondente, dividido entre analfabeto, primário incompleto, primário completo, secundário/técnico incompleto, secundário/técnico completo, superior incompleto, superior completo;

---

Ideologia: Posicionamento na escala Esquerda-Direita, onde (0) Esquerda e (10) Direita;

---

Religião: Católica, Evangélica não especificada, Evangélico Batizado, Metodista, Evangélico Pentecostal, Adventista, Testemunhas de Jeová, Mórmon, Judeu, Protestante, Cultos Afro-Americanos/Umbanda, Crente, não frequente igreja, Agnóstico, Ateu, Outra, Nenhuma;

---

Grupo étnico: Com qual etnia ou raça você se identifica melhor? Asiático, Preto, Indígena, Mestiço, Mulato, Branco, Outra.

---

Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados Latinobarómetro (CORPORACIÓN LATINOBARÓMETRO, 2021a).

As variáveis selecionadas para teste no modelo estatístico foram extraídas de modelos estatísticos encontrados ao longo da revisão da bibliografia (FONG; SAKIB, 2021b; RATIGAN, 2021b; XIE; PAGE, 2013; XIE; JIN, 2022b). As variáveis controles são fundamentais para que possamos compreender como nossa amostra está distribuída, suas características e como afetam o modelo estatístico. A escolha das variáveis controles dentro do nosso desenho de pesquisa é fundamental para que ambiguidades sejam evitadas e possamos determinar nosso respondente médio dentro do contexto dos dados disponibilizados pelo *Latinobarómetro* e LAPOP (GORDON, 1968).

Tabela 5 – Amostra dos dados de 2011 Latinobarómetro

ANO	PAÍS	REGIÃO	SEXO	IDEOLOGIA	GRUPO ETNICO	OP SOBRE CHINA
16	76	76003	2	5	6	2
16	76	76003	2	-6	6	2
16	76	76002	1	1	2	4
16	76	76003	2	-1	6	3
16	76	76002	1	6	6	2
16	76	76004	1	5	6	2
16	76	76005	2	-1	4	-1
16	76	76004	2	-1	6	2
16	76	76003	2	-6	2	-1
16	76	76003	1	5	6	3

Nota: Os códigos podem ser verificados no *codebook* de 2011 da *Latinobarómetro* disponibilizado no [anexo B](#). O ano 16, por exemplo, é o ano de 2011, país 76 é o código para identificar o país Brasil.

Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados *Latinobarómetro* (CORPORACIÓN LATINOBARÓMETRO, 2021b).

Ao selecionar as variáveis de interesse, foi preciso uniformizar as respostas em todas as bases de dados. A necessidade de uniformizar os dados coletados para a futura análise se dá pela composição dos diferentes *dataframes* oriundos das variadas ondas de pesquisa de opinião pública. Acima, uma amostra de um banco de dados da primeira onda selecionada, 2011, e abaixo uma amostra da última onda selecionada, 2020. Ano, ideologia e grupo étnico foram catalogados de forma diferente nas amostras escolhidas, por exemplo, o que dificulta a análise dos dados.

Tabela 6 – Amostra dos dados de 2020 *Latinobarómetro*

ANO	PAÍS	REGIÃO	HABITANTES	SEXO	IDEOLOGIA	GRUPO ETNICO	OP SOBRE CHINA
2020	76	76003	4	2	2	2	3
2020	76	76005	1	2	5	6	2
2020	76	76003	2	2	-1	2	3
2020	76	76005	8	1	4	-1	1
2020	76	76002	6	1	8	-1	3
2020	76	76002	3	2	9	-1	3
2020	76	76002	7	1	1	2	4
2020	76	76003	7	1	0	6	2
2020	76	76003	4	1	-2	6	-5
2020	76	76003	7	2	4	6	3

Nota: País 76 é o código do Brasil nos barômetros aplicados pela *Corporación Latinobarómetro*. Os demais códigos podem ser visualizados no *codebook* de 2020 no [anexo H](#).

Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados *Latinobarómetro* (CORPORACIÓN LATINOBARÓMETRO, 2021b).

Além da seleção das variáveis de interesse, e a uniformização dos dados coletados pela *Latinobarómetro* também foi decidido que deveríamos recodificar as observações “não sei” e “não respondeu” coletadas pelos pesquisadores. Os principais motivos para a existência dessas observações são 1) problemas de precisão de resposta – perguntas específicas não respondidas – ou 2) erro no nível da unidade – sem contato com a pessoa-alvo ou recusa em responder a questão específica (DONSBACH, 2016, p. 6). Aqui, a escolha em manter as respostas e recodificá-las se deu pela ausência de padrão seguido pela organização – as respostas “não sei” e “não respondeu” aparecem em formatos negativos, como -1 e -2 e em formatos positivos em número altos como 98 e 99. A

presença desses números foi unificada para 0, mantendo aquela unidade de observação ao invés de excluí-la da base de dados.

Cabe aqui mencionar que com a homogeneização dos dados coletados pelo *Latinobarómetro* em uma única base de dados, conseguimos uma amostra representativa de 5494 observações para os sete anos de pesquisa de opinião pública. Antes de isolarmos o Brasil dos demais países analisados pelo *Latinobarómetro*, contávamos com mais de 140 mil observações e cerca de 2 mil variáveis reunidas nas bases de dados selecionadas para esta pesquisa.

### 3.1.3. Comparação entre os modelos e testes do modelo

Foram criados dois modelos de regressão para que fossem comparados e fosse apontado qual seria o mais interessante a seguir com as análises. O primeiro modelo foi chamado de LTN\_modelo e o segundo modelo de LTN\_modelo2. A estrutura dos modelos pode ser observada a seguir:

$$\begin{aligned}
 LTN\_Modelo \leftarrow & \text{lm}(OPChina \sim SatisDemocracia + PercepEcono + Região\_3 \\
 & + Sexo\_1 + Educação + Ideologia + Faixa\_Etária\_2, \\
 & LTN\_Merged2
 \end{aligned}$$

Nota: Região\_3 = Sudeste, Sexo\_1 = Feminino, Faixa\_Etária\_2 = 26-40 anos, LTN\_Merged2 = Base de dados utilizada para criar o modelo linear.

$$\begin{aligned}
 LTNModelo2 \leftarrow & \text{lm}(OPChina \sim SatisDemocracia + PercepEcono + Região\_3 \\
 & + Sexo\_1 + Educação + Ideologia + Faixa\_Etária\_2 \\
 & + Religião\_1 + GrupoEtnico\_4, LTN\_Merged2
 \end{aligned}$$

Nota: Região\_3 = Sudeste, Sexo\_1 = Feminino, Faixa\_Etária\_2 = 26-40 anos, Religião\_1 = Católica, GrupoEtnico\_4 = Mulato, LTN\_Merged2 = Base de dados utilizada para criar modelo linear.

Como podemos verificar, a principal diferença entre o primeiro e segundo modelo é a quantidade de variáveis utilizadas para tentar explicar a opinião pública brasileira sobre a China. Ambos os modelos são lineares (lm) e possuem como base de dados o conjunto LTN\_Merged2 que contém os dados recodificados de todas os questionários colhidos pelo *Latinobarómetro* entre 2011-2020. Temos como variáveis explicativas satisfação democrática e percepção econômica em ambos os modelos, o que é diferente são as variáveis religião e grupo étnico adicionadas ao modelo 2.

Ao comparar os modelos, utilizamos os métodos ANOVA<sup>38</sup>, AIC<sup>39</sup> e BIC<sup>40</sup> para encontrar qual dos modelos é o mais adequado. Na tabela a seguir podemos encontrar algumas informações interessantes:

*Tabela 7 – Testes ANOVA, AIC e BIC\_Latinobarómetro*

<b>Testes de comparação entre modelos lineares múltiplos Latinobarómetro</b>				
	<b>ANOVA</b>		<b>AIC</b>	<b>BIC</b>
<b>LTN_Modelo</b>	Res.Df	RSS	9 variáveis	9 variáveis
	5486	3024.613	12330.07	12389.58
<b>LTN_Modelo2</b>	Res.Df	RSS	11 variáveis	11 variáveis
	5484	3020.002	12325.69	12398.42

Nota: Res.Df: Residual Degrees of Freedom (graus de liberdade) são o tamanho da amostra (5494) menos o número de parâmetros estimados. RRS: Residual Sum of Squares (soma dos quadrados) mede o nível de variância dos resíduos, quanto menor a RSS, melhor o modelo se ajusta aos dados e vice-versa.

Fonte: Elaborada pela autora.

Quanto menor os valores AIC e BIC, melhor o modelo se ajusta aos dados. Como podemos verificar acima, a diferença AIC entre o modelo 1 e o modelo 2 é minúscula, sendo que o modelo 2 possui um ajuste ligeiramente melhor a partir da quarta casa decimal. No BIC verificamos que o melhor ajuste só ocorre a partir da quarta casa decima, mas pendendo para o modelo 1. Já de acordo com o valor de p apresentado na análise ANOVA ( $0.015 = p < 0.05$ ) podemos considerar que existe diferença entre os modelos 1 e 2. Assim como no AIC e BIC, quanto menor o valor, melhor o modelo se ajusta aos dados, como podemos visualizar na tabela acima os valores RSS também apresentam ligeira diferença entre o modelo 1 e modelo 2.

Considerando os testes de comparação entre modelos optamos por ficar com o modelo 2, apesar de não haver diferenças significativas entre os modelos, acreditamos que seria interessante manter um modelo que possui a religião e o grupo étnico dos respondentes para avaliação, principalmente considerando que a religiosidade e as

<sup>38</sup> A ANOVA faz uma análise do modelo de variância de acordo com os *p-values* obtidos a partir de uma estatística F. Tem como hipótese nula de que esses modelos são iguais e hipótese alternativa de que são estatisticamente diferentes.

<sup>39</sup> Critério de informação de Akaike “admite a existência de um modelo ‘real’ que descreve os dados que é desconhecido, e tenta escolher dentre um grupo de modelos avaliados, o que minimiza a divergência de Kullback-Leibler (K-L).” (ANDRÉ, [s.d.])

<sup>40</sup> Critério de Informação Bayesiano “tem como pressuposto a existência de um ‘modelo verdadeiro’ que descreve a relação entre a variável dependente e as diversas variáveis explanatórias entre os diversos modelos sob seleção. Assim o critério é definido como a estatística que maximiza a probabilidade de se identificar o verdadeiro modelo dentre os avaliados.” (ANDRÉ, [s.d.])

questões raciais no Brasil ainda configuram como importantes para a formação da opinião pública. O meio em que o respondente está inserido – a igreja que frequenta – bem como como é lido pela sociedade de acordo com sua raça são discussões interessantes de se manter.

Escolhido o modelo com o qual vamos trabalhar, alguns testes podem ser feitos para garantir a normalidade dos dados, a autocorrelação nos resíduos, homoscedasticidade e multicolinearidade. Aqui cabe mencionar que o principal teste de normalidade utilizada na literatura encontrada é o Shapiro Test, contudo, há limitações físicas para este teste de normalidade: o limite para análise varia de 3 a 5000 observações. Como nossa base de dados possui 5494 observações não foi possível usar o Shapiro Teste para verificar a normalidade dos dados.

Cabe aqui mencionar que dentro da bibliografia estatística verificamos que quanto maior o número de observações, maiores as chances de os dados apresentarem distribuição normal. A única problemática é que inicialmente não é possível destacar os *outliers* do banco de dados. A definição de possíveis *outliers* ficará para as estatísticas descritivas a serem realizadas mais à frente.

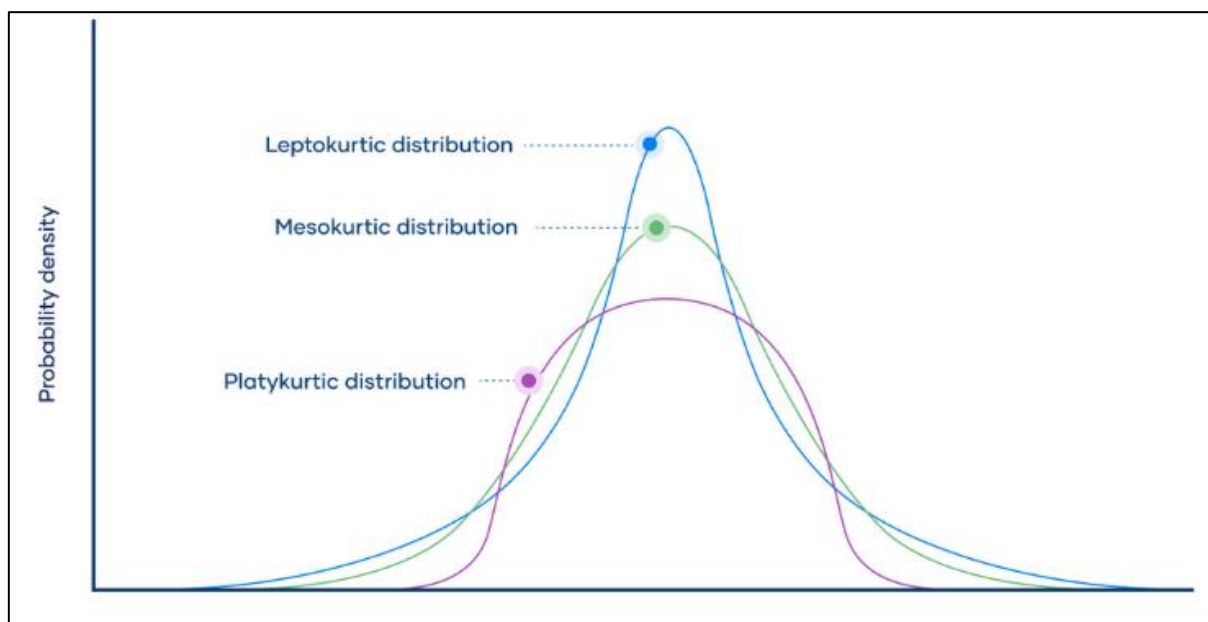
No lugar do Shapiro Teste utilizamos o Teste D' Agostino-Pearson no qual a hipótese nula ( $H_0 \rightarrow p \leq 0,05$ ) é de que dados são uma relação de variáveis aleatórias gaussianas independentes e distribuídas de forma idêntica. O teste D' Agostino-Pearson usa o *skewness* para verificar a assimetria dos dados, assim ambas as medidas de tendência estão no centro da distribuição, o teste apontou que nossos dados possuem um *skewness* de  $2.2e-16^{41}$ , um valor muito próximo de 0, o que nos indica que a distribuição de nossos dados é normal, uma vez que nossos resultados são limitados entre -1 e +1.

Outro parâmetro retirado do teste de D' Agostino-Pearson é a *kurtosis*, que quantifica as caudas e picos da distribuição em comparação com uma distribuição normal. No teste D' Agostino-Pearson realizado, a *kurtosis* obteve resultado igual a 0.1368, o que indica que a cauda da nossa distribuição é bem mais fina comparada às demais densidade de *kurtosis* com baixa altura de pico. Esse tipo de distribuição é chama de platicúrtica por ser menos pontiaguda quando comparada com a distribuição leptocúrtica e mesocúrtica, como pode ser verificado na figura a seguir:

---

<sup>41</sup> Notação científica para 0.000000000000000022.

Figura 12 – Densidade das distribuições de kurtosis



Nota: Leptocúrtica ( $kurtosis > 3$ ), mesocúrtica ( $kurtosis = 3$ ), platocúrtica ( $kurtosis < 3$ ).  
 Fonte: (GAWALI, 2023)

O Teste Durbin Watson (DW) é um teste de autocorrelação dos resíduos da regressão. O teste varia de 0-4, com um valor de 2 indicando que não há autocorrelação. Valores abaixo de 2 significam que há autocorrelação positiva e acima de 2 indicam autocorrelação negativa. Com o  $p$ -value de 0, e o DW de 1.798409 mostrando que nosso teste não pode rejeitar a hipótese nula de autocorrelação. Uma explicação possível é que nossos dados se encontram ordenados e aqueles que não são ordenados possuem pouca variância em seus valores, fazendo os resíduos se correlacionarem.

O Teste Breusch-Pagan (BP) é usado para determinar se a homoscedasticidade está ou não presente em um modelo de regressão. Na hipótese nula ( $H_0 \rightarrow p \geq 0,05$ ) a homoscedasticidade está presente – os resíduos são distribuídos com variância igual – e a hipótese alternativa ( $H_A \rightarrow p \leq 0,05$ ) é que a homoscedasticidade não está presente. Conseguimos rejeitar a hipótese nula de que a variância não depende de resíduos auxiliares ( $p$ -value 0.01864), assim nossos dados não apresentam homoscedasticidade os tornando heterocedásticos.

Com a heterocedasticidade, o método dos Mínimos Quadrados Ordinários (MQO) não é mais o adequado para realizar a regressão linear. Isso ocorre porque os erros padrão calculados para os estimadores de MQO podem estar incorretos, afetando os intervalos de confiança e os testes de hipóteses que utilizam esses erros padrão, levando a conclusões enganosas. No entanto, para amostras suficientemente grandes o MQO ainda se faz



eficiente uma vez que a variância do estimador de mínimos quadrados ainda pode ser suficientemente pequena para obter estimativas precisas. Como nossa amostra possui 5494 observações, consideramos que a amostra pode bloquear a variância da análise de forma eficiente.

Por fim, o Teste VIF (*Variance Inflation Factor*) verifica a multicolinearidade do modelo. A multicolinearidade é uma situação em que duas ou mais variáveis independentes no modelo de regressão encontram-se altamente correlacionadas. A correlação alta entre as variáveis independentes prejudica a análise dos dados e altera a qualidade dos resultados, dificultando a interpretação da saída do modelo. Um VIF inferior a 5 indica uma baixa correlação dessa variável com as demais. Um valor entre 5 e 10 indica uma correlação moderada, enquanto valores de VIF maiores que 10 são um sinal de correlação alta e não tolerável dos preditores do modelo.

*Tabela 8 – VIF Variáveis Explicativas e Controles Latinobarómetro*

<b>Satisfação com a Democracia</b>	1.178390
<b>Percepção Econômica</b>	1.178163
<b>Região_3 (Sudeste)</b>	1.028448
<b>Sexo_1 (Feminino)</b>	1.015073
<b>Educação</b>	1.033361
<b>Ideologia</b>	1.015468
<b>Faixa Etária_2 (26-40 anos)</b>	1.022619
<b>Religião_1 (Católica)</b>	1.022195
<b>Grupo Étnico_4 (Mulato)</b>	1.010187

Fonte: Elaborada pela autora.

Como podemos verificar na tabela acima, todos os valores VIF são inferiores a 5, o que nos indica que não há multicolinearidade no nosso modelo de regressão linear. A presença da multicolinearidade faz com que os erros padrão sejam altos, o que pode indicar que uma ou mais variáveis podem ser retiradas do modelo – isso quando o R-quadrado<sup>42</sup> for muito alto. O modelo não possuir multicolinearidade é uma das premissas para que o MQO e seus preditores estejam corretos.

<sup>42</sup> O R<sup>2</sup> é o quadrado do coeficiente de correlação, quanto maior o R<sup>2</sup>, maior significa o modelo tem. O quadrado do coeficiente de correlação também pode ser interpretado como proporção da variação na explicativa do modelo linear.

### 3.1.4. Estatísticas descritivas e distribuição dos dados (2011-2020)

A média, a mediana e o desvio padrão são estatísticas descritivas importantes para compreender os dados pré análise. A média é a soma de todas os valores das variáveis, dividindo o resultado pelo número de observações, sua principal limitação é que seu valor pode ser distorcido por valores *outliers* – muito altos ou muito baixos em comparação com os demais dados. Para tentar evitar essa distorção, utilizamos a mediana, valor que se encontra no meio da nossa amostra. O desvio padrão, por fim, é o valor que mostra o grau de dispersão dos dados que compõem o banco de dados, sendo que os valores mais próximos de zero indicam maior uniformidade. Com as estatísticas resumidas podemos traçar o perfil do nosso respondente médio.

Tabela 9 – Estatísticas descritivas Latinobarómetro

	OP SOBRE A CHINA	SATISFAÇÃO DEMOCRÁTICA	PERCEPÇÃO ECONÔMICA	EDUCAÇÃO	IDEOLOGIA
<b>Média</b>	2,3	3,1	3,5	3,8	4,5
<b>Mediana</b>	2	3	3	4	5
<b>Desvio padrão</b>	0,7	0,8	1	1,9	2,9

Nota: Quanto maior o desvio padrão, mais distante o conjunto dos dados se encontra da média, valores próximos de 1 indicam homogeneidade dos dados colhidos. As estatísticas descritivas foram realizadas a partir do agrupamento dos dados de 2011-2020.

Fonte: Elaborada pela autora.

A média, mediana e desvio padrão foram calculados a partir das variáveis quantitativas discretas – caracterizadas pelo conjunto finito de valores possíveis que podem assumir<sup>43</sup>. As demais variáveis – controle – são consideradas variáveis categóricas ordinais – que possuem uma ordem nos valores atribuídos – e categóricas nominais –

<sup>43</sup> No nosso caso, a opinião sobre a China, satisfação democrática e percepção econômica são variáveis que podem assumir valores entre 1-4, enquanto isso ideologia pode assumir valores entre 0-10 e, por fim, educação pode assumir valores entre 1-17.

quando não há uma ordem estabelecida entre as respostas<sup>44</sup>. De acordo com as estatísticas resumidas do Brasil, podemos concluir que o perfil do nosso respondente médio é de uma pessoa que se identifica com o sexo feminino, se encontra no grupo etário entre 26-40 anos, mulata<sup>45</sup> e católica. Nosso respondente médio é da região 3 – Sudeste – não está muito satisfeito com a atual democracia brasileira e acha que a situação econômica do país do ano anterior está acima da média. A distribuição dos dados é homogênea, em sua maioria, não se distanciando muito da média.

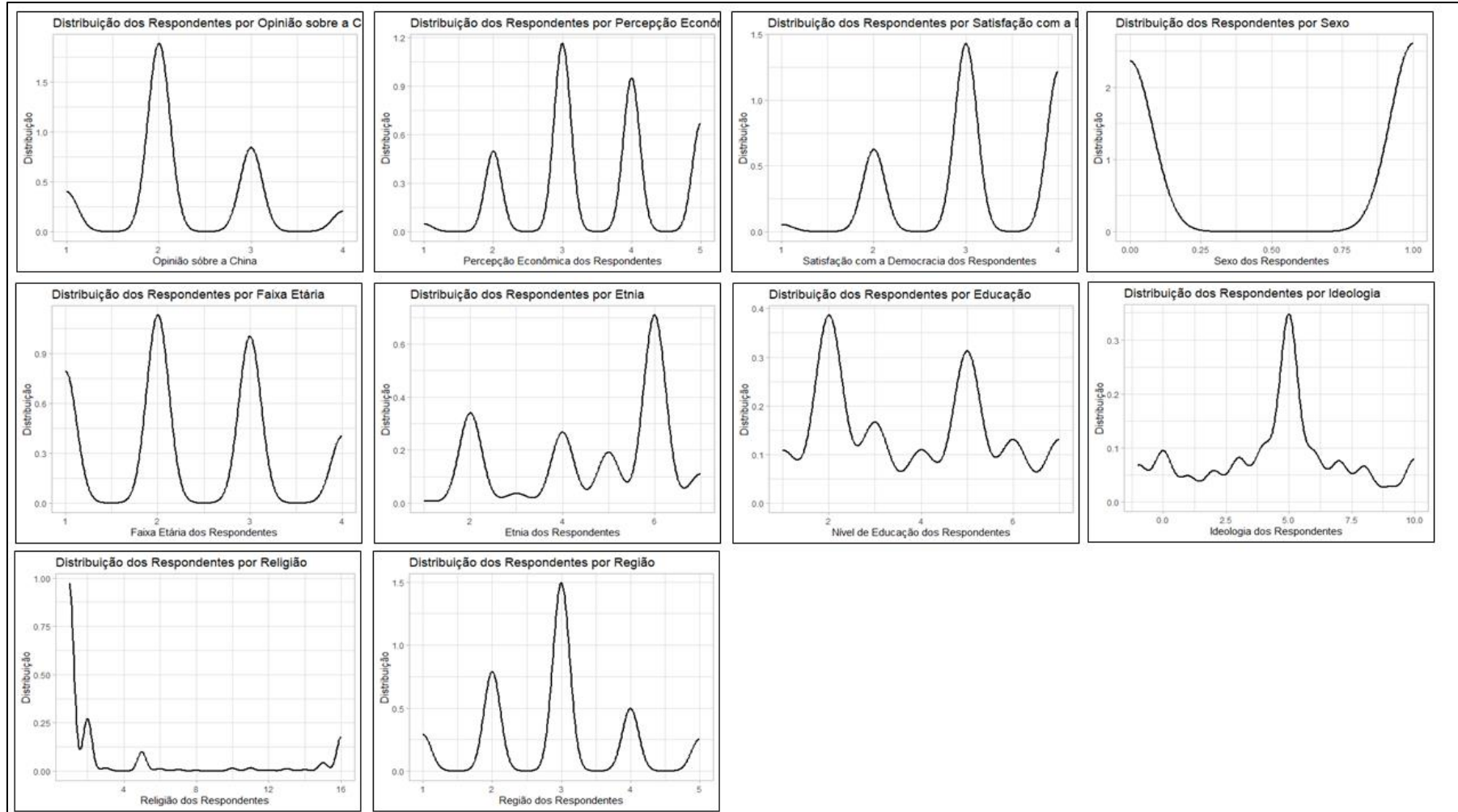
A seguir vamos observar a distribuição dos dados para cada uma das variáveis selecionadas para o modelo, tanto a variável dependente (opinião sobre a China), quanto as variáveis independentes – percepção econômica, satisfação com a democracia – e as variáveis controles – região, faixa etária, sexo, educação, ideologia, religião e grupo étnico. Assim, saberemos como estão distribuídas as variáveis.

---

<sup>44</sup> Como variáveis categóricas ordinais temos região (1= Norte, 2= Nordeste, 3= Sudeste, 4= Sul e 5= Centro Oeste) e faixa etária (1= 15-25, 2=26-40, 3= 41-60, 4= 60+). Como variáveis categóricas nominais temos sexo, religião e grupo étnico (raça).

<sup>45</sup> De acordo com o Glossário de História Luso-Brasileira, o termo mulato surgiu por volta do século XVI para se referir a filhos de pessoas negras com pessoas brancas, sendo considerados como “raça infecta” o que rendia aos mulatos preconceitos e proibições sociais. Com o passar das décadas, o termo passou a ser associado a cor da pele daqueles que são não nem pretos e nem brancos, assumindo um termo pejorativo na sociedade em relação com o termo pardo, por exemplo, uma vez que os mulatos eram associados com “a indolência, a arrogância, a desonestidade, a lascívia” entre outros (MINISTÉRIO DA GESTÃO E DA INOVAÇÃO EM SERVIÇOS PÚBLICOS, 2021). Atualmente, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), considera para fins estatísticos as etnias branco, preto, pardo, amarelo e indígena (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2023a).

Figura 13 – Distribuição das variáveis do modelo Latinobarómetro



Nota: A distribuição das variáveis é uma forma de observar os dados como estão colocados de acordo com a amostra selecionada. É importante ressaltar que ao realizar a análise de distribuição, os dados já haviam sido limpos e unificados em uma única base de dados.

A amostra colhida está concentrada na região Sudeste, com 45% dos respondentes, seguida pela região Nordeste (24%) e Sul (15%), o que segue a distribuição da população brasileira, presente em grande maioria na região sudeste – cerca de 87 milhões de pessoas – seguido pelo nordeste, com cerca de 55 milhões de pessoas, e o Sul com cerca de 30 milhões (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2023b). A distribuição dos respondentes por faixa etária também corresponde à distribuição brasileira: há maior concentração de pessoas pertencentes aos grupos etários de 15-25 anos e 26-40 anos (AZEVEDO, 2020).

A educação dos respondentes está concentrada entre pessoas com o Fundamental I completo (29%) e o Ensino Médio completo (23%), as demais categorias flutuam com curvas menos expressivas. Poucos são os respondentes que possuem curso superior completo, que representam pouco mais de 17% da população brasileira e 10% da amostra colhida para as pesquisas (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2019). A maior parte da população entrevistada é católica ou evangélica (59% e 16% respectivamente), o que corresponde também aos dados coletados pelo IBGE sobre a distribuição das religiosidades brasileiras (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010).

A maior parte da amostra se identifica com o grupo étnico branco, seguido por pessoas mulatas e mestiços. A mestiçagem é herança de uma sociedade previamente colonizada, com a miscigenação de pessoas brancas e pretas – comumente através de uma relação de poder entre senhores e escravos (TADEI, 2002). Mestiços e pardos não se consideram brancos ou pretos por conta de sua herança de miscigenação, o que torna o Brasil um país único em relação a autoidentificação racial da população.

Não há grande número de respondentes que se identificam com a extrema esquerda ou a extrema direita, a maior curva se encontra na média, 5, entre os extremos. É um resultado interessante quando consideramos a ascensão da “Nova Direita”, que distorce os princípios liberais, condena as ações sociais do Estado e aponta a corrupção como uma praga da esquerda (ANDRADA, 2022). No período analisado (2011-2020), a esquerda se encontrava retraída, acomodada e vimos a ascensão de comunistas em redes sociais que visam desmistificar os espantalhos criados pela direita sobre a esquerda e principalmente sobre o comunismo – políticos como Jones Emanuel e Laura Sabino são exemplos que cresceram nas redes sociais ao longo do governo de Jair Messias Bolsonaro (2018-2023).

A maioria dos respondentes pontuam que a situação socioeconômica no último ano pode ser classificada como “nada mal” (35%) e “ruim” (29%). A renda mensal da população

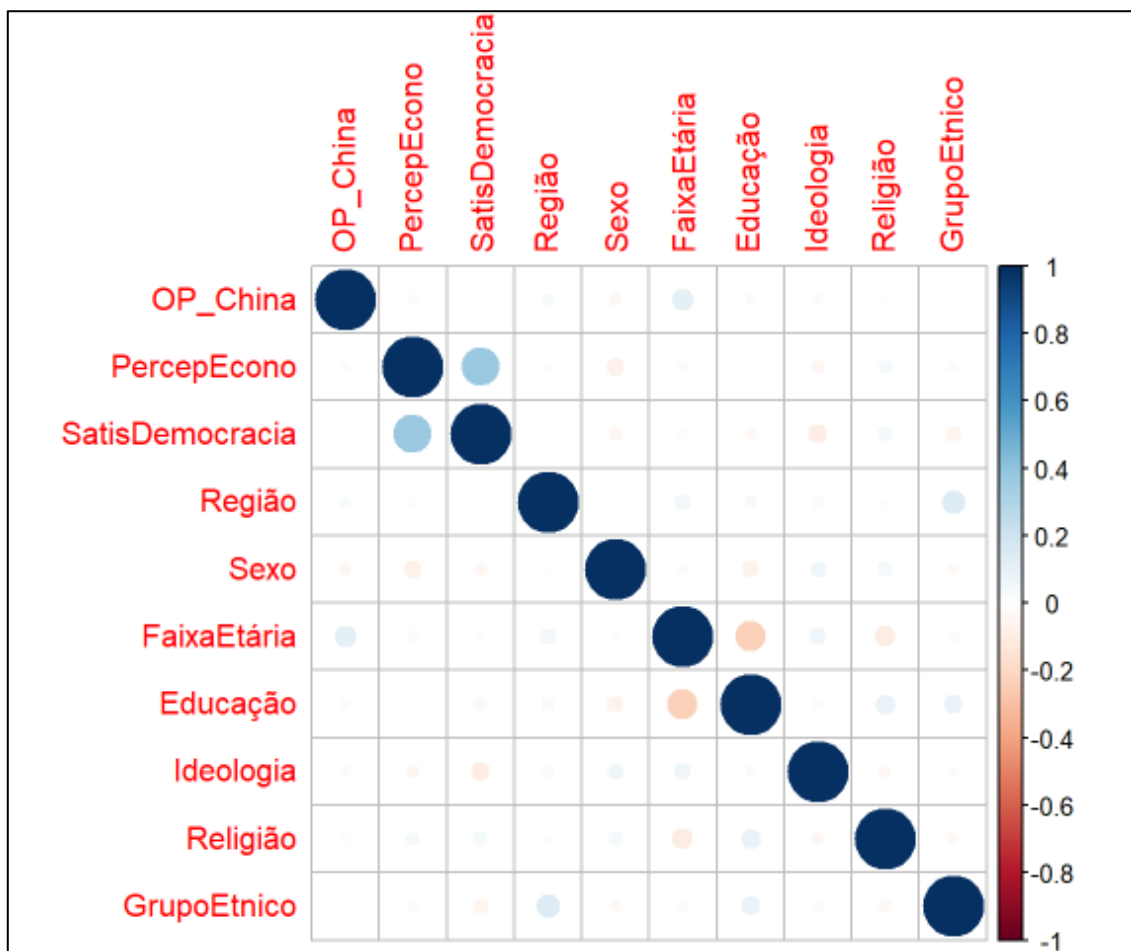
mais pobre do Brasil gira em cerca de R\$ 50 per capita/mês, sofrendo quedas constantes principalmente nos entre 2017-2020 (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, 2022). Os picos das respostas com a satisfação com a democracia ficaram entre os pontos 3 e 4 da escala, “não muito satisfeito” e “nem um pouco satisfeito”. Em 2018, com o aumento de movimentos da Nova Direita, formada majoritariamente por antidemocráticos e extremistas, podemos tentar verificar uma possível causa para a aderência da população brasileira a esses movimentos antidemocráticos.

Por fim, a opinião pública dos respondentes brasileiros está concentrada na curva 2 na [figura 13](#) (distribuição dos respondentes por opinião sobre a China), entre aqueles que possuem uma opinião um tanto favorável em relação à China, representando 57% das amostras entre 2011-2020. A segunda curva expressiva é daqueles que tem opção um tanto desfavorável em relação à China (25%), seguida por aqueles que possuem uma opinião muito favorável (12%) e muito desfavorável (6%), os achados não divergem daqueles apontados por outros autores que observaram a opinião pública latino-americana sobre a China (AZPURU; BONIFACE, 2015; ARMONY; VELÁSQUEZ, 2016).

### **3.1.5. Correlação das variáveis de interesse**

A correlação entre as variáveis é utilizada para que possamos verificar qual seria o comportamento das nossas 11 variáveis quando há alterações nas condições fixadas. Variáveis com coeficientes positivos aumentam quando a outra variável aumenta, por outro lado, variáveis com coeficientes negativos diminuem quando o valor da outra aumenta. O *default* da análise estabelece um grau de relação que varia de -1 a 1, assim, quando o valor da correlação está próximo de 1 podemos considerar a correlação positiva; por outro lado, valores próximos de -1 significam uma correlação inversa. Cabe aqui mencionar que coeficiente de correlação próximo de 0 pode indicar que não há relação entre as variáveis, além disso a correlação das variáveis foi realizada para as 5494 observações colhidas pela *Latinobarómetro* entre 2011-2020 em um único bloco.

Figura 14 – Correlação entre as variáveis Latinobarómetro



Fonte: Elaborada pela autora.

Na imagem acima, conseguimos ver que há correlações positivas e negativas entre as variáveis – o azul mais escuro representa a correlação positiva e o vermelho a correlação negativa. Conseguimos perceber pontos azuis mais claros e pontos alaranjados, o que indica correlação fraca entre as variáveis escolhidas para o modelo. A correlação entre a percepção econômica do indivíduo e sua satisfação com a democracia são os pontos em azul mais visíveis, o que indica que quanto maior a insatisfação do respondente com seu status econômico, maior será sua insatisfação com a democracia do país.

Dentre nossas variáveis independentes, percepção econômica possui correlação extremamente baixa (0,02) e satisfação com a democracia não possui correlação nenhuma com nossa variável dependente. Um ponto interessante é que a nossa variável dependente apresenta uma baixa correlação positiva com a faixa etária do indivíduo (0,12), o que indica que quanto mais velho nosso respondente pior será sua opinião sobre a China.

Outras correlações baixas feitas entre a variável dependente e as variáveis controle indicam baixa correlação positiva para ideologia e região – ambos com correlação de 0,03 – e

religião (0,02). Os resultados indicam que pessoas mais à direita política, moradores do sul e centro-oeste e de religiões minoritárias estão mais propensos a sustentar opiniões negativas sobre a China. Dentre as correlações negativas entre nossa variável dependente e as variáveis controle temos sexo (-0,04) e educação (-0,03), o que indicam que mulheres e pessoas com baixo nível educacional possuem opiniões mais negativas sobre a China.

### 3.2. Modelo 2 – LAPOP: Opinião pública sobre o governo chinês (2012-2019)

Fundada pelo Dr. Mitchell A. Seligson em 1973, o *Latin American Public Opinion Project* (LAPOP) é um laboratório de pesquisa localizado na Universidade Vanderbilt – localizada na cidade de Nashville, no estado de Tennessee, Estados Unidos. O projeto principal do laboratório de ciências sociais é o *Americas Barometer*, um levantamento regional que compara os comportamentos demográficos de países da América. Apesar de dados sobre o Brasil estarem disponíveis desde 2006, questões que abordam a percepção da China a partir dos brasileiros só passaram a ser incluídas em 2012.

As pesquisas de opinião pública realizadas pelo LAPOP são implementadas com base em um projeto de probabilidade nacional no qual as amostras são compostas por indivíduos com idade eleitoral e as entrevistas são realizadas majoritariamente nas casas dos respondentes – salvo no Canadá e Estados Unidos, onde as entrevistas são realizadas pela internet. Este modelo, ao contrário do modelo *Latinobarómetro*, intenta investigar qual a opinião pública brasileira sobre o governo chinês, afunilando a unidade de análise – deixando de ser o país China para focar no sistema governamental chinês. Essa escolha não foi feita ao acaso, mas sim por necessidade de trabalhar com mais dados de pesquisa de opinião pública.

O mesmo processo utilizado para seleção da variável dependente do modelo do *Latinobarómetro* foi utilizado aqui: primeiro selecionando as questões sobre a China e depois selecionando aquela que possui continuidade nas ondas de pesquisa do LAPOP. Das quatro ondas de pesquisas selecionadas que continham questões sobre a China, foi encontrada uma questão recorrente sobre a percepção dos respondentes sobre o governo chinês como segue na tabela abaixo:

*Tabela 10 – Questões sobre a China no LAPOP*

<b>Categoria</b>	<b>Questão de opinião pública</b>	<b>Ano encontrado</b>
<b>Influência na América Latina</b>	Pensando na China e na influência que ela tem na América Latina, você acredita que essa influência é muito positiva, positiva, nem	2012



	positiva nem negativa, muito negativa, não tem influência	
<b>Influência da China no Brasil</b>	Pensando apenas em nosso país, quanta influência você acredita que a China tem sobre nosso país? Muita, alguma, pouca ou nenhuma influência?	2012-2014
<b>A influência que a China tem no Brasil é positiva ou negativa?</b>	Em geral, a influência que a China exerce sobre nosso país é muito positiva, positiva, nem positiva nem negativa, negativa, muito negativa, não tem influência?	2012-2014
<b>Opinião Pública</b>	O governo da China, na sua opinião é muito confiável, um pouco confiável, não muito confiável, nada confiável?	2012-2019
<b>Como acha que é a relação do Brasil com a China?</b>	Quando você pensa nas relações do nosso país com a China, eu diria que nos últimos 5 anos, nosso relacionamento se tornou mais próximo, mais ou menos igual, mais distante?	2012

Nota: Estas questões são as que abordam diretamente a China, no entanto, existem questões nas quais a China faz parte das opções de resposta junto com outros países.

Na tabela acima podemos identificar as questões que mantiveram constância ao longo das diferentes ondas de pesquisa de opinião pública. Como podemos ver, apenas uma questão permaneceu entre os anos de 2012-2019, nossa janela de análise, sendo esta questão a que será avaliada no modelo estatístico por seu caráter constante – a saber, “o governo da China, na sua opinião é muito confiável, um pouco confiável, não muito confiável, nada confiável?”.

### 3.2.1. Apresentação das bases de dados

Ao carregar as bases de dados das ondas de 2012 a 2019 da LAPOP, temos dados que representam toda a América Latina. Ao contrário dos dados oferecidos pela *Corporación Latinobarómetro*, aqui é possível isolar por país os dados que precisamos antes mesmo do *download* dos dados. No total, obtivemos 6030 observações e 1029 variáveis, como segue:

Tabela 11 – LAPOP ondas utilizadas

Onda – Ano do survey	Observações	Variáveis
2012	1500	305
2014	1500	220
2017	1532	236
2019	1498	268

Fonte: Elaborada pela autora.

A fim de selecionar as variáveis com as quais iremos trabalhar, foi verificado quais questões foram repetidas em todos os questionários aplicados, selecionando aquelas que

buscam a opinião do respondente sobre o governo chinês, além de questões que poderão servir como variáveis controle, como sexo, idade, religião, etnia e educação. As ondas de pesquisas possuem observações e variáveis diversas, para trabalharmos os dados é preciso homogeneizar as questões pertinentes para nosso trabalho.

### 3.2.2 Seleção das variáveis de interesse

Dentre as 6030 observações e 1029 variáveis, afinamos nossas opções para 11 variáveis em cada onda de pesquisa de opinião pública, a saber:

*Tabela 12 – Variáveis de interesse LAPOP*

<b>Variáveis de interesse para o modelo estatístico</b>	
<b>Variável dependente</b>	Opinião pública sobre o governo da China: Agora, quero perguntar quanta confiança o(a) Sr./Sra. tem nos governos de vários países. O governo da China. Na sua opinião ele é (1) muito confiável, (2) algo confiável, (3) pouco confiável (4) nada confiável.
<b>Variáveis independentes</b>	Percepção econômica: Leva em consideração a percepção do respondente sobre a situação econômica atual do país nos últimos 12 meses, dividindo entre (1) melhor, (2) igual, (3) pior;
	Satisfação democrática: Nível de satisfação democrática apresentada pelo respondente, podendo ser dividida entre (1) muito satisfeito, (2) bastante satisfeito, (3) não muito satisfeito e (4) nada satisfeito;
	Ano em que a pesquisa foi aplicada;
	Região brasileira em que os dados foram coletados – Norte, Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste;
	Faixa etária: Variável dividida em 4 grupos etários: 16-25 anos, 26-40 anos, 41-60 anos e 61 anos ou mais;
	Sexo: Dividido entre homem e mulher;
	Nível de educação: Qual foi o último ano ou série da escola que concluiu com aprovação? Nenhum, 1 ano - 1ª série do primário, 2 anos - 2ª série do primário, 3 anos - 3ª série do primário, 4 anos - 4ª série do primário, 5 anos - 5ª série do primário, 6 anos - 6ª série do ginásio, 7 anos - 7ª série do ginásio, 8 anos - 8ª série do ginásio, 9 anos - 1º ano do colegial/Ensino Médio, 10 anos - 2º ano do colegial/Ensino Médio, 11 anos - 3º ano do colegial/Ensino Médio, 12 anos - 1º ano ensino superior, - 13 anos - 2º ano ensino superior, 14 anos - 3º ano do ensino superior, 15 anos - 4º ano do ensino superior, 16 anos - 5º ano universitário, 17 anos 6º ano universitário ou mais;
	Ideologia: Posicionamento na escala Esquerda-Direita, onde (1) Esquerda e (10) Direita;
	Religião: Qual a sua religião, se tiver? Católico, Protestante Tradicional ou Evangélica não pentecostal, Outra religião oriental não cristã, Evangélica pentecostal, Religiões tradicionais ou nativas, Espírita kardecista, Nenhuma, Agnóstico ou Ateu, Outra;

Grupo étnico: O(A) senhor(a) se considera uma pessoa (1) Branca, (2) Indígena, (3) Negra/Preta, (4) Pardo (5) Amarelo, (6) Outra.

Abaixo é possível observar o exemplo reduzido do banco de dados de 2012 e alguns problemas com os dados obtidos:

*Tabela 13 – Amostra dados onda de 2012 LAPOP*

<b>ANO</b>	<b>REGIÃO</b>	<b>SEXO</b>	<b>EDUCAÇÃO</b>	<b>IDEOLOGIA</b>	<b>OP GOV CHINA</b>	<b>FAIXA ETÁRIA</b>
2012	1502	2	11	6	3	1
2012	1504	1	12	9	NA(c)	1
2012	1504	2	2	NA(a)	NA(a)	4
2012	1502	1	9	5	NA(c)	1
2012	1504	2	4	5	NA(c)	3
2012	1503	1	15	8	NA(c)	2
2012	1505	2	11	1	NA(c)	2
2012	1504	1	10	4	4	1
2012	1503	1	9	4	NA(c)	1
2012	1504	1	10	3	NA(c)	1

Nota: NA(c) são valores ausentes – *missing values* – que não estão disponíveis para análise, seja por erro de preenchimento da base, seja pela resposta do respondente ser não respondeu a questão.

Fonte: (LATIN AMERICAN PUBLIC PROJECT, 2021).

Selecionando as variáveis de interesse notamos que seria preciso homogeneizar as respostas coletadas durante as quatro ondas de pesquisa selecionadas. Ao uniformizar os dados coletados e divulgados pelo LAPOP, a análise dos dados se torna mais fácil e completa. Abaixo uma amostra da última onda coletada em 2019, podemos ver que a principal dificuldade são os valores ausentes que estão presentes com certa frequência, principalmente no que diz respeito a opinião dos brasileiros sobre o governo chinês. A questão aqui é que a retirada dos valores ausentes também diminui o número de observações contidas nos bancos de dados.

*Tabela 14 – Amostra dados coletados em 2019*

<b>ANO</b>	<b>REGIÃO</b>	<b>SEXO</b>	<b>EDUCAÇÃO</b>	<b>IDEOLOGIA</b>	<b>OP GOV CHINA</b>	<b>FAIXA ETÁRIA</b>
2019	1504	2	0	1	4	3
2019	1502	2	11	NA(b)	NA(a)	1
2019	1502	1	1	9	1	3
2019	1505	1	5	1	NA(c)	3
2019	1505	1	9	2	NA(c)	2
2019	1502	1	NA(a)	NA(a)	NA(a)	2
2019	1504	2	10	7	NA(a)	2

2019	1503	1	9	5	NA(a)	1
2019	1502	1	7	8	NA(a)	3
2019	1503	1	3	10	NA(a)	2

Fonte: (LATIN AMERICAN PUBLIC PROJECT, 2021).

Sabendo que ignorar os valores ausentes faz com que os resultados sejam enviesados, foi escolhido substituir os valores ausentes pela média das variáveis com valores ausentes. O problema de dados ausentes nas ciências sociais é muito comum, assim, as discussões para as melhores maneiras de lidar com essa problemática também foram bem desenvolvidas (LIN; TSAI, 2020). Dentre as principais formas de substituição dos valores ausentes, se encontra a imputação, a ponderação e a análise direta dos dados incompletos (LITTLE; RUBIN, 1989, p. 294).

Na imputação, os valores ausentes são substituídos por estimativas que usam métodos padrão para preencher os dados. O principal problema deste método é que os dados imputados são analisados como se fossem reais, o que gera uma superestimação que afeta a precisão dos dados, nos dando uma falsa sensação da realidade. A ponderação descarta os valores ausentes atribuindo um novo peso a cada caso, compensando os valores omitidos sendo usado principalmente em “padrões monótonos” de dados ausentes (LITTLE; RUBIN, 1989, p. 295). Por fim, a análise direta dos dados incompletos substitui os valores incompletos por valores correspondentes sem a necessidade da retangularização dos dados.

O método escolhido para os dados disponibilizados pelo LAPOP foi a ponderação, aqui, as médias estimadas foram utilizadas como valores de análise subsequente diminuindo o enviesamento da análise, o que aconteceria ao excluir os dados ou na imputação de valores que são considerados neutros, como o zero (0). As médias estimadas como novos pesos para os valores ausentes foi realizada a partir de uma ferramenta dentro do R para calcular as médias estimadas e substituir os valores nos bancos de dados originais, abaixo é possível observar uma pequena amostra das mais de 6 mil observações reunidas ao final da mescla das bases de dados:

*Tabela 15 – Amostra dados corrigidos e mesclados*

<b>ANO</b>	<b>REGIÃO</b>	<b>SEXO</b>	<b>FAIXA ETÁRIA</b>	<b>EDUCAÇÃO</b>	<b>IDEOLOGIA</b>	<b>OP GOV CHINA</b>
2017	2	0	4	2	10	3,07
2012	5	1	2	16	1	3
2017	3	0	2	11	4	3,03
2017	3	1	1	11	7	3
2014	1	1	3	10	6	4
2019	2	1	1	10	1	1,96
2014	3	0	4	2	7	4

2019	4	0	4	4	8	2,97
2012	4	0	2	11	2	3,02
2012	1	1	2	9	1	3,11

Nota: Amostra das bases de dados já mescladas para posterior análise dos dados. Os dados com casas decimais foram previstos de acordo com a média estimada das variáveis que continham valores ausentes e substituídos por uma previsão calculada pelo pacote *missForest* do R.

Fonte: (LATIN AMERICAN PUBLIC PROJECT, 2021).

Ao mesclar cada uma das ondas de pesquisa com os dados brasileiros dentro de um novo banco de dados unificado conseguimos os dados apresentados acima. Com os dados LAPOP foi preciso um cuidado maior com a ponderação das observações que continham valores ausentes (NAs) como resposta. Além da ponderação dos valores ausentes, as respostas não sei e não respondeu foram retiradas, assim como com os dados do *Latinobarómetro*. Com a unificação das 4 ondas de pesquisa de opinião em apenas uma base de dados, conseguimos reunir 6030 observações a serem analisadas sobre o Brasil e seus respondentes.

### 3.2.3. Comparação entre os modelos e testes do modelo

Bem como para a análise principal deste trabalho, a opinião pública brasileira sobre a China, realizada através do modelo *Latinobarómetro*, este segundo conjunto de dados disponibilizados pelo LAPOP também passou por comparação entre os modelos de regressão linear criados para a percepção brasileira sobre o governo chinês.

*LAPOP\_Modelo*

$$\leftarrow (OP\_Gov\_China \sim SatisDemocracia + PercepEcono + Região\_3 + Sexo\_1 + Educação + Ideologia + Faixa\_Etária\_2, LAPOP\_Merged2$$

Nota: Região\_3 = Sudeste, Sexo\_1 = Feminino, Faixa\_Etária\_2 = 26-40 anos, Lapop\_Merged2 = Base de dados utilizada para criar o modelo de regressão linear.

*LAPOP\_Modelo2*

$$\leftarrow lm(OPChina \sim SatisDemocracia + PercepEcono + Região_3 + Sexo_1 + Educação + Ideologia + Faixa\_Etária\_2, Religião_1 + GrupoEtnico_4, LTN\_Merged2$$

Nota: Região\_3 = Sudeste, Sexo\_1 = Feminino, Faixa\_Etária\_2 = 26-40 anos, Religião\_1 = Católica, GrupoEtnico\_4 = Parda, LTN\_Merged2 = Base de dados utilizada para criar modelo linear.

Assim como nos modelos de regressão *Latinobarómetro*, a diferença entre o modelo linear 1 e modelo linear 2 do LAPOP envolvem a inclusão das variáveis religião (católica) e grupo étnico pardo. Ambos os modelos criados são lineares (lm) e têm como base de alimentação o conjunto de dados LAPOP\_Merged2 – conjunto este já recodificado e preparado para a criação dos modelos lineares. As variáveis explicativas deste modelo também são

satisfação com a democracia e percepção econômica do respondente, acompanhadas dos controles região, sexo, faixa etária, ideologia, educação, religião e grupo étnico.

A comparação entre os modelos 1 e 2 também foi feita através do ANOVA, AIC e BIC e os resultados mostram que só é possível notar diferenças entre os modelos 1 e 2 a partir da quarta casa decimal, valendo para os testes AIC e BIC. De acordo com o AIC o melhor ajuste ocorre no modelo 2, enquanto para o BIC o melhor ajuste ocorre no modelo 1. Para desempatar usamos o ANOVA que aponta que o modelo 2 possui melhor ajuste a partir da terceira casa decima ( $p\text{-value} \leq 0,05$ ). Os valores dos testes podem ser observados na tabela que segue:

*Tabela 16 – Testes ANOVA, AIC e BIC\_LAPOP*

<b>Testes de comparação entre modelos lineares múltiplos LAPOP</b>				
	<b>ANOVA</b>		<b>AIC</b>	<b>BIC</b>
<b>LTN_Modelo</b>	Res.Df	RSS	9 variáveis	9 variáveis
	6022	3040.306	13001.12	13061.46
<b>LTN_Modelo2</b>	Res.Df	RSS	11 variáveis	11 variáveis
	6020	3036.327	12997.22	13070.97

Nota: Res.Df: Residual Degrees of Freedom (graus de liberdade) são o tamanho da amostra (6030) menos o número de parâmetros estimados. RRS: Residual Sum of Squares (soma dos quadrados) mede o nível de variância dos resíduos, quanto menor a RSS, melhor o modelo se ajusta aos dados e vice-versa.

Fonte: Elaborada pela autora.

Apesar de não haver diferenças significativas entre o modelo 1 e 2, optamos por ficar com o modelo 2 por considerar que há, sim, diferença entre os modelos e que o modelo 2 nos fornecerá uma análise mais completa do nosso respondente. Escolhido o modelo, agora realizaremos os testes para normalidade dos dados, autocorrelação de variáveis, homoscedasticidade da distribuição dos dados e multicolinearidade para a correlação entre as variáveis.

Para o teste de normalidade, utilizamos o teste D' Agostino-Pearson que tem como hipótese nula ( $H_0 \rightarrow \leq 0,05$ ) que os dados apresentam distribuição normal e a hipótese alternativa ( $H_A \rightarrow \geq 0,05$ ) é de que a distribuição dos dados não é normal. Nosso  $p\text{-value}$  é de  $2.2e-16$ <sup>46</sup> (o que nos permite manter a hipótese nula de que os dados LAPOP possuem distribuição normal. O valor de *skewness*, que verifica a assimetria dos dados, é de  $2.2e-16$ , ficando dentro do limite de  $-1 +1$  exigidos pelo teste. Outro parâmetro retirado do teste de D' Agostino-Pearson é a *kurtosis*, que identifica a distribuição dos dados em comparação com a

<sup>46</sup> 0.000000000000000022.

distribuição normal. No teste realizado nos dados LAPOP, a *kurtosis* obteve resultado igual a  $9.121e-07^{47}$ , o que indica que a cauda da nossa distribuição é platicúrtica, assim como os dados apresentados pelo *Latinobarómetro*.

O próximo teste a ser executado é o de Durbin Watson (DW) que verifica a autocorrelação entre os resíduos da regressão entre 0-4, com o valor de 2 mostrando que não há autocorrelação. Com o *p-value* de 0 e a estatística DW de 1.848229, podemos considerar que nosso teste não pode rejeitar a hipótese nula de autocorrelação, indicando a correlação entre os resíduos. A hipótese de que os dados estão ordenados também pode ser aplicada aqui, uma vez que são oriundos de pesquisa de opinião pública.

O teste de homoscedasticidade é feito através do Breusch-Pagan (BP), onde a hipótese nula ( $H_0 \rightarrow p \leq 0,05$ ) prega que os resíduos sejam distribuídos com igual variância, enquanto a hipótese alternativa ( $H_A \rightarrow p \geq 0,05$ ) é de que a homoscedasticidade não está presente. O *p-value* do nosso teste retornou o valor de  $2.2e-16$ , mostrando heterocedasticidade. Como os dados do *Latinobarómetro*, os dados LAPOP possuem grande número de observações (6030), o que pode fazer com que a heterocedasticidade seja minimizada e não atrapalhe os resultados do modelo.

Para finalizar, o teste VIF verifica a multicolinearidade do nosso modelo. Um VIF inferior a 5 indica uma baixa correlação dessa variável com as demais. Um valor entre 5 e 10 indica uma correlação moderada, enquanto valores maiores que 10 indicam correlação alta e intolerável para os preditores do modelo.

*Tabela 17 – VIF Variáveis Explicativas e Controles LAPOP*

<b>Satisfação com a Democracia</b>	1.073571
<b>Percepção Econômica</b>	1.082301
<b>Região_3 (Sudeste)</b>	1.010342
<b>Sexo_1 (Feminino)</b>	1.016096
<b>Educação</b>	1.068670
<b>Ideologia</b>	1.037411
<b>Faixa Etária_2 (26-40 anos)</b>	1.050779
<b>Religião_1 (Católica)</b>	1.009057
<b>Grupo Étnico_4 (Mulato)</b>	1.007765

<sup>47</sup> 0.0000009121.

Como podemos verificar na tabela acima, todas as variáveis do modelo possuem valores inferiores a 5, nos mostrando que não existe multicolinearidade no nosso modelo de regressão. Como premissa para os mínimos quadrados ordinários, a ausência de multicolinearidade é requerida.

### 3.2.4. Estatísticas descritivas e distribuição dos dados

Abaixo será apresentada tabela com os valores da média, mediana e desvio padrão dos dados que serão utilizados para realizar a análise dos dados. A visualização desses dados é importante para compreendermos como nossos dados estão distribuídos, quais são seus valores de referência e como esses valores nos permitem identificar nosso respondente médio – sujeito fictício que representará os dados médios da nossa amostra.

Tabela 18 – Estatísticas descritivas LAPOP

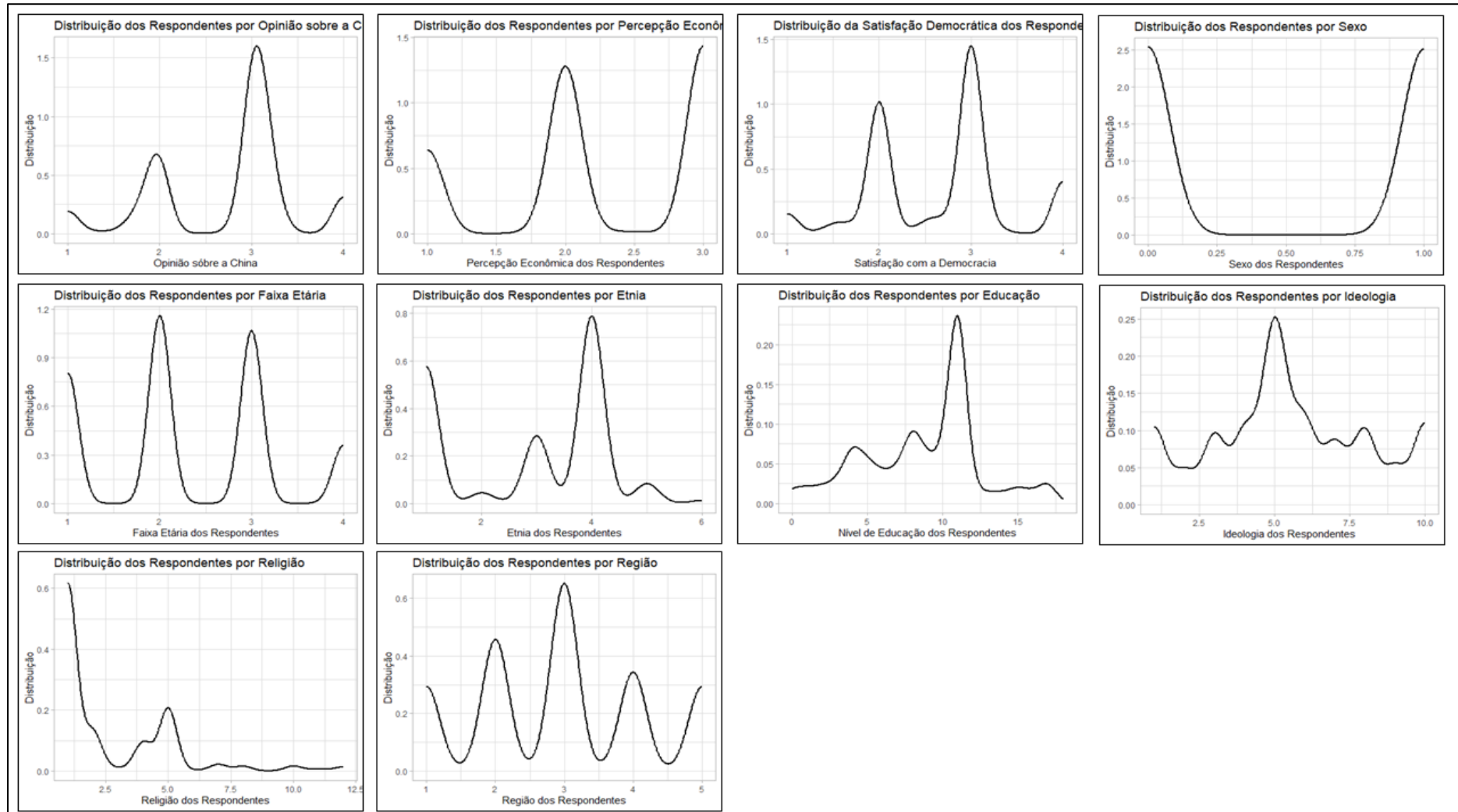
	OP SOBRE A CHINA	SATISFAÇÃO DEMOCRÁTICA	PERCEPÇÃO ECONÔMICA	EDUCAÇÃO	IDEOLOGIA
<b>Média</b>	2,7	2,7	2,2	8,7	5,5
<b>Mediana</b>	3	3	2	10	5
<b>Desvio padrão</b>	0,7	0,8	0,7	3,8	2,6

Nota: Quanto maior o desvio padrão, mais distante o conjunto dos dados se encontra da média, valores próximos de 1 indicam homogeneidade dos dados colhidos.

De acordo com as estatísticas descritivas, nosso respondente médio se identifica com o sexo feminino, possui entre 26-40 anos, parda, católica e com o Ensino Médio incompleto – frequentado até o 2º ano do Ensino Médio (EM). As características desse respondente médio divergem daquele sugerido pelos dados do *Latinobarómetro*, mas não deixa de ser embasado em um perfil de indicadores sociais factível. O respondente médio da nossa amostra também reside no Sudeste brasileiro, considera que a situação econômica do país está igual nos últimos 12 meses e acredita que o governo chinês é pouco confiável.



Figura 15 – Distribuição das variáveis do modelo LAPOP



Nota: A distribuição das observações das variáveis é uma das formas de observar os dados de acordo com a amostra do banco de dados. É importante frisar que a análise de distribuição é realizada com os dados homogeneizados.

Fonte: Elaborado pelo autor.

A amostra colhida durante as quatro ondas de pesquisa do LAPOP está concentrada na região Sudeste, a mais populosa do Brasil, com 32% dos respondentes entrevistados. A segunda maior proporção se encontra na região Nordeste, com 22% e Sul com 17%. Os grupos etários mais frequentes na amostra são dos respondentes que possuem entre 26-40 (34%) anos e 41-60 anos (31%), diferente do apresentado pelos dados do *Latinobarómetro*, onde encontramos maior concentração nos grupos etários mais jovens.

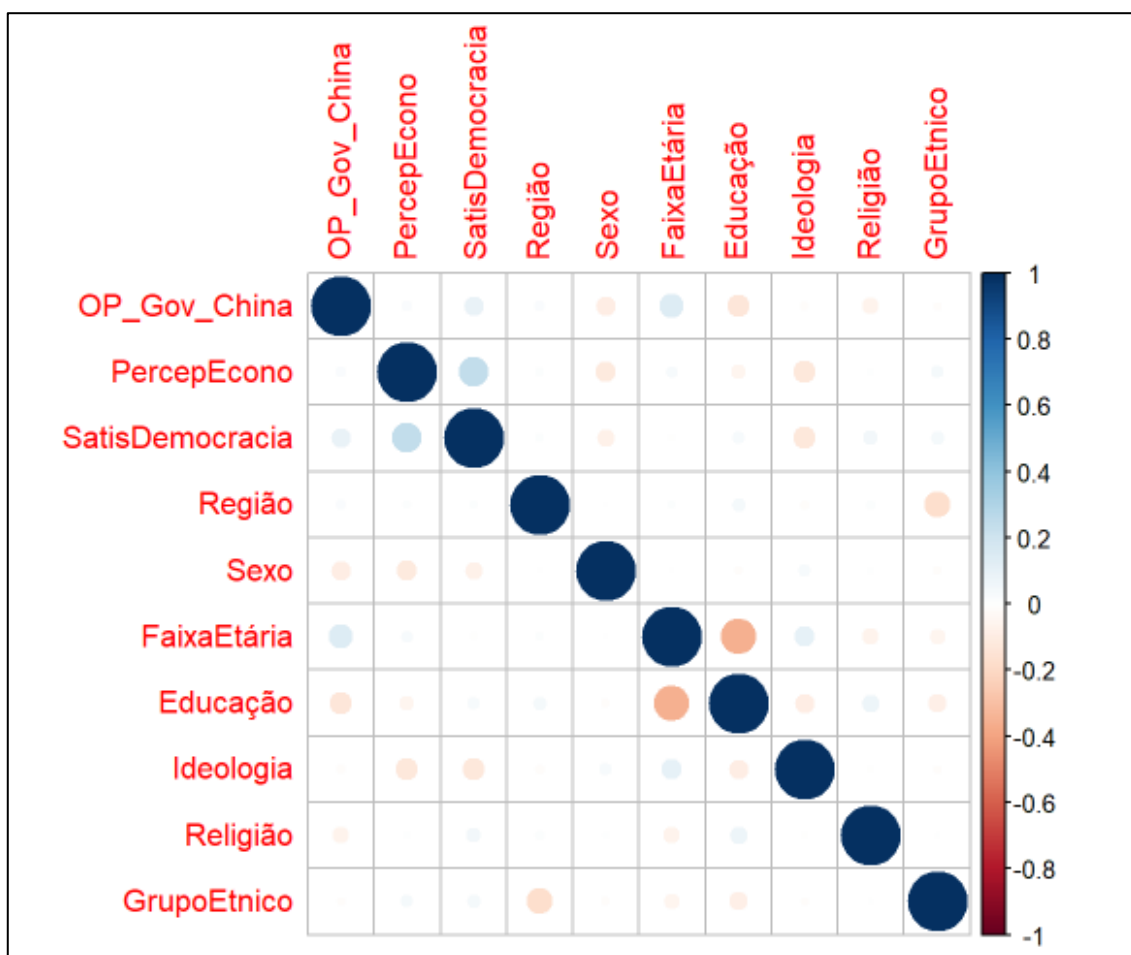
Em relação ao nível educacional dos respondentes, a maior parte concluiu o Ensino Médio (33% dos entrevistados) e o segundo grupo mais expressivo concluiu o Ensino Fundamental (11%), apenas 2% concluíram algum curso universitário. Esse padrão também foi observado anteriormente com os dados do *Latinobarómetro*. No tocante à religião da nossa amostra, 54% dos respondentes são católicos, seguida por 12% de evangélicos, as demais crenças possuem pouca expressão, como podemos observar no gráfico de densidade apresentado anteriormente.

44% da amostra se identifica como parda, seguida por 32% de pessoas que se identificam como brancas e 16% como pessoas negras. Nossa amostra representa 10% da extrema direita e 10% da extrema esquerda, com 24% de pessoas que se identificam com o centro, o ponto central da escala entre ideologias. Independentemente da ideologia, 43% dos respondentes entrevistados acreditam que a situação econômica do país piorou nos últimos 12 meses, seguido de 39% que acredita que a economia brasileira no período da entrevista não melhorou nem piorou.

### **3.2.5. Correlação das variáveis de interesse**

A correlação é uma ferramenta utilizada para visualizar como uma variável interage com as demais. Os coeficientes de variação podem flutuar entre 1 e -1, e variáveis com coeficientes positivos tendem a aumentar quando as condições fixas são alteradas. O mesmo vale para o coeficiente negativo, tudo o mais se mantendo, as variáveis de interação possuem uma relação inversa: quando uma aumenta a outra diminuiu. O coeficiente de correlação próximo de 0 pode indicar que não há relação entre as variáveis.

Figura 16 – Correlação entre as variáveis LAPOP



Fonte: Elaborada pela autora.

A opinião do respondente sobre o governo da China, nossa variável dependente, possui correlações positivas e negativas que podem nos indicar o que o modelo estatístico irá nos mostrar mais adiante. A começar pelas correlações entre nossa variável dependente e nossas duas variáveis independentes: satisfação com a democracia é uma correlação positiva de 0,10 na nossa tabela o que indica que quanto pior a satisfação democrática do respondente brasileiro, pior será sua opinião sobre o governo chinês. A percepção econômica também possui baixa correlação positiva em relação à variável dependente (0,03), o que nos indica que quanto pior a percepção econômica do brasileiro, pior será sua opinião sobre o governo da China. Em relação às variáveis controle temos correlações positivas para faixa etária (0,15) e região (0,02) indicando o mesmo do modelo *Latinobarómetro*: quanto mais velho o respondente e quanto mais ao sul/centro-oeste reside o brasileiro pior sua percepção sobre o governo chinês. Dentro das correlações negativas com nossa variável dependente temos educação (-0,13), sexo (-0,09), religião (-0,07), e ideologia (-0,02). As correlações indicam que mulheres, com baixo

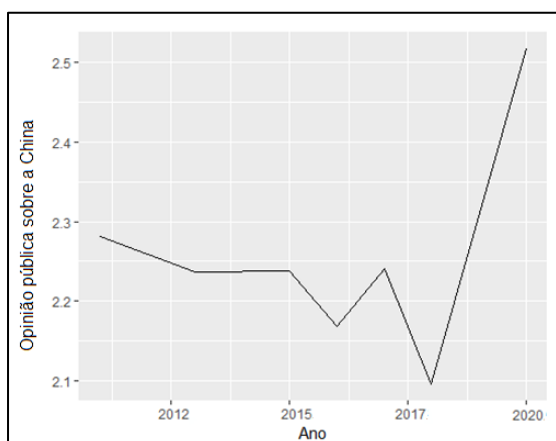
nível educacional, da direita política, agnóstico ou ateu podem ter percepções mais negativas sobre a China em relação aos demais respondentes brasileiros.

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

*O sentimento anti-China abre uma janela para a dinâmica de percepção na relação China-América Latina. Ao nos concentrarmos naqueles que defendem visões negativas, podemos obter uma compreensão mais sutil das narrativas sobre a China e investigar preconceitos, vieses e equívocos. É importante entender não apenas o que os latino-americanos pensam da China, mas também “por que eles pensam como pensam.” (ARMONY; VELÁSQUEZ, 2015b, p. 329).*

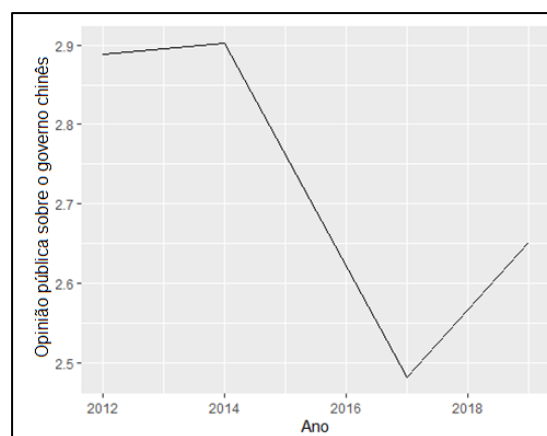
A contribuição de Armony e Valásquez (2016) mostra que o modelo de desenvolvimento econômico chinês não possui aderência no Brasil por fatores ligados à democracia – ou falta dela – na China e a economia possuir forte intervenção do Estado. Os modelos de desenvolvimento preferidos pelos brasileiros, segundo pesquisa elaborada pelos autores, são formulados a partir dos Estados Unidos e Japão, considerados pelos brasileiros entrevistados como inspirações democráticas e de economias liberais. Com as ondas de pesquisa de opinião pública em perspectiva histórica, conseguimos perceber como a opinião sobre a China e seu governo se comportaram na última década sob a visão dos brasileiros.

*Figura 17 – Opinião pública sobre a China (2011-2020)*



Nota: Opinião pública de brasileiros sobre a China: 1 – muito boa, 2 – boa, 3 – ruim ou 4 – muito ruim.  
Fonte: Elaborada pela autora.

*Figura 18 – Opinião pública sobre o governo chinês (2012-2019)*



Nota: O governo da China é 1 – muito confiável, 2 – um pouco confiável, 3 – não muito confiável ou 4 – nada confiável.  
Fonte: Elaborada pela autora.

As imagens acima representam os dois modelos de regressão linear múltipla criados para este trabalho. Na primeira imagem podemos verificar a opinião pública de brasileiros sobre a China entre 2012-2020, com dados retirados do *Latinobarómetro*. Mesmo com as variações apresentadas na imagem, não podemos dizer que houve piora significativa na opinião pública brasileira sobre a China, que ficou reclusa as casas decimais. De acordo com os dados do *Latinobarómetro*, os brasileiros possuem uma opinião pública boa sobre a China (2), com variações ao longo dos anos que rompeu a tendência de queda quase constante rumo à opinião pública muito boa (1) sobre a China. A segunda imagem foi criada a partir dos dados do LAPOP entre o período de 2011-2019 sobre a confiança do público brasileiro no governo chinês. Observamos aqui um fenômeno parecido ao modelo *Latinobarómetro*: uma tendência constante de queda rumo à opinião pública mais positiva sobre o governo chinês com uma quebra dessa tendência por volta do ano de 2017.

A partir de 2018 vemos uma piora na casa dos decimais na opinião pública dos brasileiros sobre a China e seu governo. Algumas conjecturas podem indicar que a piora possui relação com ascensão da extrema direita ao poder executivo brasileiro em 2018, contudo, em 2020 fomos atingidos por uma pandemia que também mexeu com as percepções sobre a China – não só no Brasil, mas em todo mundo. O sentimento anti-China durante o *outbreak* da COVID-19 cresceu em diversos países, principalmente por conta das *fake news* e as conjecturas sobre o vírus ser oriundo da província de Wuhan, na China.

Com a chegada do vírus no ocidente, o sentimento anti-China ficou mais forte por impossibilitar a continuidade de um ritmo de vida sem máscaras e o temor constante da C-19 (COOK; HUANG; XIE, 2021; HE; ZHANG; XIE, 2022). Por outro lado, no Brasil, o ex-presidente Jair Messias Bolsonaro adotou uma postura muito mais próxima ao então presidente dos Estados Unidos Donald Trump, deixando clara sua postura crítica à China e à Pequim. A postura do governo Bolsonaro resultou em críticas de diplomatas chinesas, que ressaltaram a parceria histórica entre ambos os países.

Assim, para que possamos verificar quanto da piora da opinião pública dos brasileiros sobre a China tem relação com o extremismo ideológico ligado ao governo brasileiro de 2018-2022 e quanto é resultado da C-19, um novo estudo precisa ser realizado e testar as hipóteses contra as percepções públicas coletadas antes, durante e depois desses dois eventos. Enquanto a opinião dos brasileiros sobre a China se manteve boa ou muito boa entre 2011-2020 de acordo com os dados do *Latinobarómetro*, os dados do LAPOP mostram como a opinião pública se comportou quando o assunto é o governo chinês.

Durante o período da COVID-19 o Brasil também passou por um período econômico conturbado, com a redução da atividade econômica por conta do isolamento necessário para que os números de contágio não aumentassem, houve a interrupção da cadeia produtiva de alguns setores da economia, bem como a redução das exportações e ampliação da recessão econômica que atingiu milhões de brasileiros. Para tentar refrear os impactos econômicos, a população mais pobre do Brasil passou a receber o Auxílio Emergencial e o governo aumentou as linhas de crédito para as empresas passarem por mais um período de restrição (MINISTÉRIO DA ECONOMIA, 2020).

O isolamento, a crise econômica e a Pandemia não poderiam resultar em algo menos diferente do que o início dos questionamentos em relação à democracia. Moura (et al. 2022) mostra que o declínio da felicidade e da satisfação com a vida está relacionado com a diminuição da satisfação com a democracia e as instituições. Durante o período de isolamento verificamos o aumento do consumo de conteúdos em telas e é nesse período que verificamos também o aumento das *fake-news* e da desinformação, o que poderia estar relacionado com a insatisfação com a democracia observada nos dados disponibilizados pela *Latinobarómetro* e LAPOP (JÚNIOR et al., 2020; GALHARDI et al., 2020; DE BARCELOS et al., 2021).

O objetivo desta pesquisa exploratória é investigar quais variáveis são relevantes na formação da opinião pública brasileira sobre a China. Como explorado anteriormente, os dois modelos de regressão linear múltipla criados abordam dois níveis da percepção brasileira, a primeira sobre o país China e a segunda sobre o governo chinês. É importante distinguir aqui para que se tenha claro nosso objeto de análise em cada um dos dois modelos a seguir para que possamos verificar como as variáveis se comportam para cada um dos objetos de análise.

#### *Resultado da regressão para determinantes da opinião pública sobre a China*

Call:

```
lm(OP_China ~ SatisDemocracia + PercepEcono + Região_3 +
  Sexo_1 + Educação + Ideologia + FaixaEtária_2 + Religião_1 +
  GrupoEtnico_4, data = LTN_Merged2)
```

Residuals:

Min	1Q	Median	3Q	Max
-1.4349	-0.2977	-0.2261	0.6962	1.9120

Coefficients:

Estimate	Std. Error	t value	Pr(> t )
----------	------------	---------	----------

```

(Intercept)      2.238167    0.058553    38.225    < 2e-16 ***
SatisDemocracia -0.006307    0.014063    -0.449    0.65380
PercepEcono      0.014869    0.010681     1.392    0.16397
Região_3         0.028015    0.020410     1.373    0.16994
Sexo_1           0.064295    0.020198     3.183    0.00146 **
Educação         -0.012669    0.005483    -2.310    0.02090 *
Ideologia         0.008069    0.003469     2.326    0.02006 *
FaixaEtária_2   -0.024780    0.021372    -1.159    0.24633
Religião_1       -0.050785    0.020551    -2.471    0.01350 *
GrupoEtnico_4   -0.043392    0.027386    -1.584    0.11314
---
Signif. codes:  0 '***' 0.001 '**' 0.01 '*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1

Residual standard error: 0.7421 on 5484 degrees of freedom
Multiple R-squared:  0.006286,    Adjusted R-squared:  0.004655
F-statistic: 3.854 on 9 and 5484 DF,  p-value: 7.003e-05

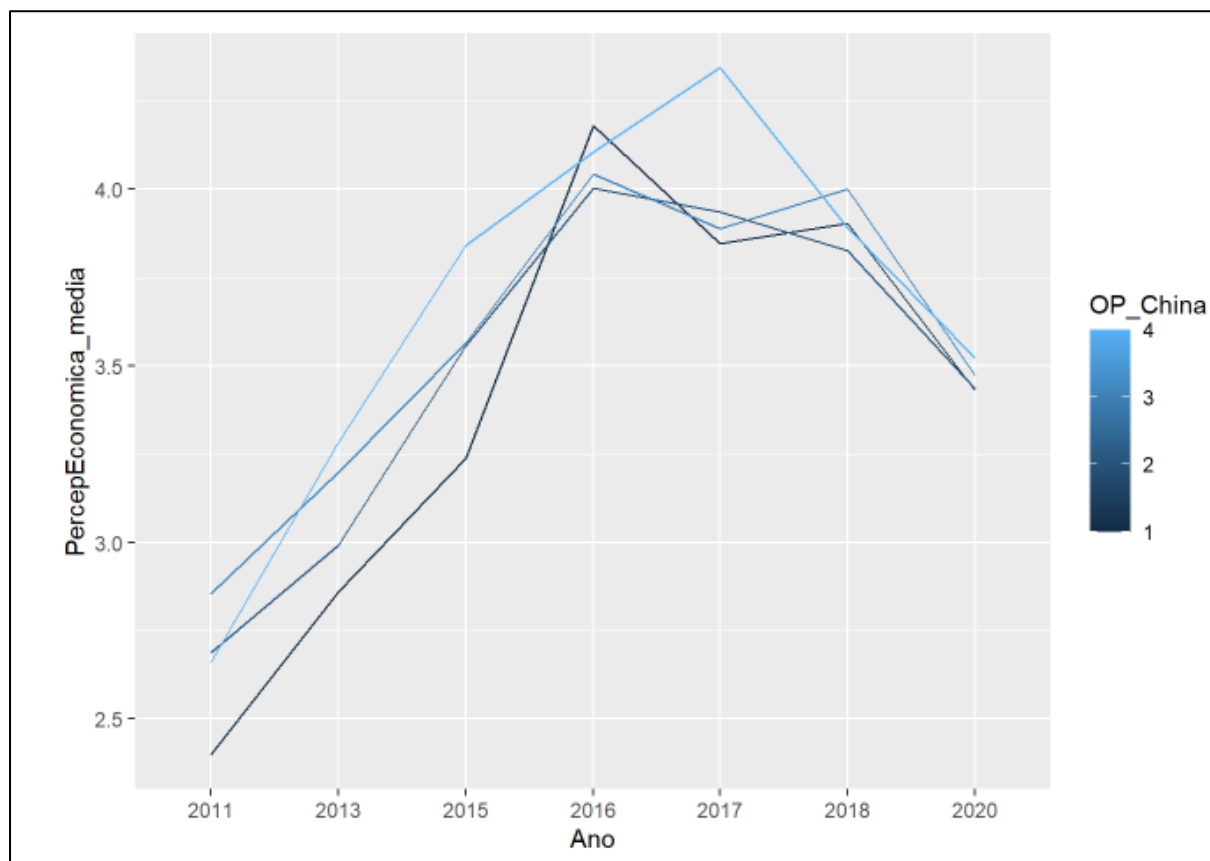
```

Nota: Sexo\_1 = Feminino, FaixaEtária\_2 = 26-40 anos, GrupoEtnico\_4 = Mulato, Religião\_1 = Católica, Região = Sudeste. Os *p-values* calculados foram feitos por meio do teste bicaudal de significância. O valor do *intercept* representa o valor médio da variável resposta quando as variáveis explicativas são iguais a zero.

O modelo acima apresenta os coeficientes de regressão para os dados *Latinobarómetro* entre 2012-2020. Os achados mostram que apesar de as variáveis independentes percepção econômica e satisfação democrática não serem indicadas como estatisticamente significantes dentro do nosso modelo – o que indica que não são boas preditoras – com os coeficientes de regressão apresentados – maiores que 0,05 – podemos rejeitar a hipótese nula de que a situação econômica do país não possui influência na opinião do respondente sobre a China. Para a variável dependente percepção econômica com o *p-value* 0.16397 conseguimos verificar nossa hipótese alternativa de que uma percepção mais negativa sobre a situação econômica do país faz com que o respondente possua uma visão mais negativa sobre a China.



Figura 19 – Percepção Econômica versus Percepção Governo Chinês (Latinobarómetro)



Fonte: Elaborada pela autora.

Acima podemos observar a relação entre a média da variável resposta percepção econômica (eixo y) em relação ao o ano em que os questionários foram aplicados (eixo x). As linhas resultantes dessa interação são coloridas a partir das respostas da questão sobre a opinião sobre a China, nossa variável explicativa. Quanto mais escuro o traço, mais positiva é a opinião do respondente sobre a China, assim conseguimos observar como cada uma das opções de resposta à questão “você tem uma opinião muito boa (1), boa (2), ruim (3) e muito ruim (4)” se comportou ao longo dos anos. Assim, podemos observar que a percepção econômica está diretamente relacionada à opinião pública sobre a China – quanto melhor a percepção econômica, melhor a opinião sobre a China e vice-versa.

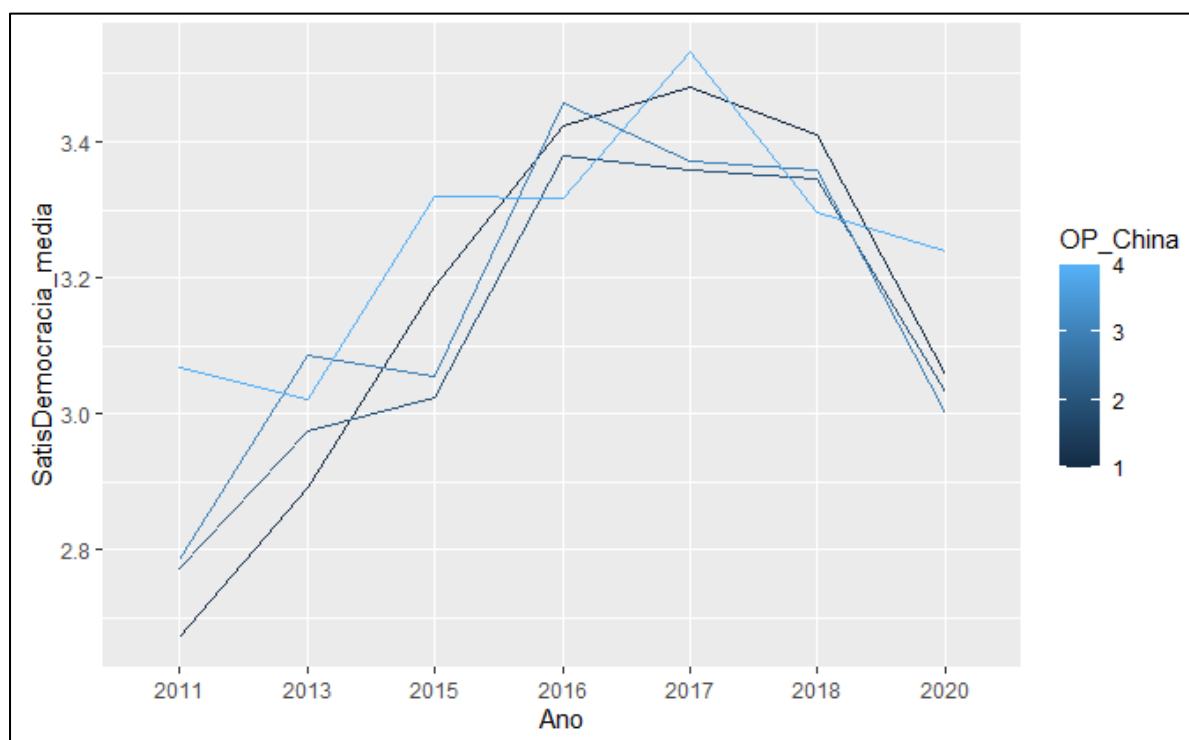
As democracias possuem uma característica endógena entre a economia e as percepções do indivíduo. Em épocas de recessão econômica, o externo passa a figurar como um inimigo – relações econômicas e culturais com outros países passam a ser questionadas, a imigração de outras culturas para o país em crise sofre represália e o eleitorado passa a se movimentar a favor da oposição do partido governante naquele período (NIEMI; BREMER; HEEL, 1999; EVANS; ANDERSEN, 2006b; HOPKINS, 2012). Considerando a rejeição do público nacional

ao exterior, podemos correlacionar a piora da opinião pública sobre a China quando da COVID-19 com a piora da percepção econômica do respondente sobre a situação da economia brasileira.

Outro fator que implica na piora da percepção pública sobre a China é a satisfação com a democracia. Ao rejeitarmos a hipótese nula, de que não existe relação entre percepção econômica do indivíduo e sua opinião sobre a China, assumimos a hipótese alternativa de que quanto mais insatisfeito com a democracia, pior a opinião do respondente sobre a China. Apesar de ser uma hipótese contraintuitiva, se considerou que a insatisfação democrática do respondente brasileiro não o faz enxergar na China um modelo a ser seguido – vide os episódios antidemocráticos vividos no Brasil durante o governo de Jair Bolsonaro e os constantes ataques ao governo chinês e seu modelo de democracia (MASSUCHIN; ORSO; SALEH, 2021).

Como vimos anteriormente, a felicidade do respondente, bem como sua satisfação democrática implicam em opinião mais ou menos positivas sobre os aspectos da realidade que o cerca. A piora da satisfação democrática do respondente pode significar uma piora da percepção sobre a China por ser uma país considerado antidemocrático e o modelo preferido pelos brasileiros ter mais relação com países democráticos e liberais – principalmente Estados Unidos e Japão, por exemplo (FONG; SAKIB, 2021b; MCCAULEY; PEARSON; WANG, 2022c; MOURA et al., 2022).

Figura 20 – Satisfação Democrática versus Percepção Governo Chinês (Latinobarómetro)



Fonte: Elaborada pela autora.

Na imagem acima conseguimos observar a interação entre a variável resposta satisfação com a democracia (eixo y) em relação ao ano (eixo x) com o plot entre essa relação colorida pela opinião sobre a China, nossa variável independente (*p-value* de 0.16397). Podemos observar que quanto melhor a satisfação democrática do respondente, melhor é sua percepção sobre a China – vide a relação entre o ano e a satisfação democrática. Podemos observar que em 2018 houve uma piora generalizada nas opiniões públicas sobre a China, bem como na satisfação com a democracia brasileira, o que nos aponta uma correlação positiva entre as variáveis resposta e explicativa.

Nos coeficientes apresentados sobre as variáveis controle, conseguimos verificar que apesar de o modelo possuir um  $R^2$  pequeno (0.004655), as variáveis resposta e de controle ainda são significantes para compreender a interação com a variável e explicativa. A primeira variável de controle significativa no modelo é o sexo feminino (*p-value* 0.00146), assim a cada ponto adicionado ao gênero implica na adição de 0.064295 no nosso intercepto, o que indica que mulheres possuem uma percepção mais negativa sobre a China em relação ao sexo oposto.

Educação também é uma variável controle importante para nosso modelo. Com *p-value* de 0.02090 e estimativa de -0.012669 podemos entender que há uma relação negativa entre nível de escolaridade e opinião sobre a China. O que se entende é que a cada ponto adicionado ao nível educacional, -0.012 é adicionado ao nosso intercepto – assim, quando mais alto é o nível educacional do nosso respondente, melhor é sua percepção sobre a China. Com um *p-value* de 0.02006 e estimativa de 0.008069, observamos uma correlação positiva entre a ideologia do respondente em relação à sua opinião sobre a China. Nosso modelo sugere que a cada ponto adicionado à ideologia – quanto mais à direita – pior será a opinião do respondente sobre a China, uma

Surpreendentemente, religião também é uma variável controle significativa no nosso modelo, com *p-value* de 0.01350 e estimativa de -0.050785 se compreende que há uma correlação negativa entre nossa variável resposta e variável independente. A cada ponto adicionado à nossa variável controle, -0.05 é adicionado ao nosso intercepto, então quanto mais próximo do ateísmo (última categoria antes de “outra religião”) pior será a opinião do respondente sobre a China.

Apesar de não significativas estatisticamente para o modelo, as variáveis controles faixa etária, grupo étnico e região devem ter seus coeficientes analisados. Com o *p-value* de 0.24633 e estimador de -0.024780 entendemos que a cada ano adicionado na faixa etária do nosso respondente, melhor a percepção do respondente sobre a China. Quanto ao grupo étnico, se o respondente se identifica como branco (última opção de raça antes da opção “outro”), pior é

sua opinião sobre a China – *p-value* de 0.11314 e estimador de -0.043392). Por fim, região possui um *p-value* de 0.16994 e estimador de 0.028015 nos sugere que quanto mais ao centro-oeste, pior é a opinião do respondente sobre a China.

Analisado o modelo de regressão linear com os dados *Latinobarómetro*, agora se faz necessário compreender a opinião pública brasileira sobre o governo chinês, feito que será possível através dos dados LAPOP (2012-2019). A inclusão dessa base de dados em nossa pesquisa se fez interessante quando da importância em aprofundar os conhecimentos que os dados *Latinobarómetro* nos forneceu. No Brasil, o sistema de governo chinês não é preferido pelos brasileiros, apesar das conquistas econômicas atingidas pelo Partido Comunista Chinês (PCCh), o modelo não é aprovado, seja pelos valores comunistas – sistema ideológico criado por volta do século XIX – seja pelas questões democráticas envolvidas no socialismo chinês (ARMONY; VELÁSQUEZ, 2016).

#### *Resultado da regressão para determinantes da opinião pública sobre o governo chinês*

Call:

```
lm(formula = OP_Gov_China ~ SatisDemocracia + PercepEcono + Região_3 +
    Sexo_1 + Educação + Ideologia + FaixaEtária_2 + Religião_1 +
    GrupoEtnico_4, data = LAPOP_Merged2)
```

Residuals:

Min	1Q	Median	3Q	Max
-1.9833	-0.6109	0.2129	0.3433	1.6102

Coefficients:

	Estimate	Std. Error	t value	Pr(> t )
(Intercept)	2.700448	0.055546	48.616	< 2e-16 ***
SatisDemocracia	0.061358	0.012602	4.869	1.15e-06 ***
PercepEcono	-0.008626	0.012740	-0.677	0.49835
Região_3	0.010984	0.019709	0.557	0.57733
Sexo_1	0.111918	0.018438	6.070	1.36e-09 ***
Educação	-0.021325	0.002459	-8.671	< 2e-16 ***
Ideologia	-0.006797	0.003577	-1.900	0.05744 .
FaixaEtária_2	0.025349	0.019761	1.283	0.19961
Religião_1	0.050450	0.018445	2.735	0.00625 **
GrupoEtnico_4	-0.011540	0.018492	-0.624	0.53261

---

```
Signif. codes:  0 '***' 0.001 '**' 0.01 '*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1
```

```
Residual standard error: 0.7102 on 6020 degrees of freedom
```

```
Multiple R-squared:  0.02398,    Adjusted R-squared:  0.02253
```

```
F-statistic: 16.44 on 9 and 6020 DF,  p-value: < 2.2e-16
```

Nota: Os *p-values* calculados foram feitos por meio do teste bicaudal de significância. O valor do *intercept* representa o valor médio da variável resposta quando as variáveis explicativas são iguais a zero.

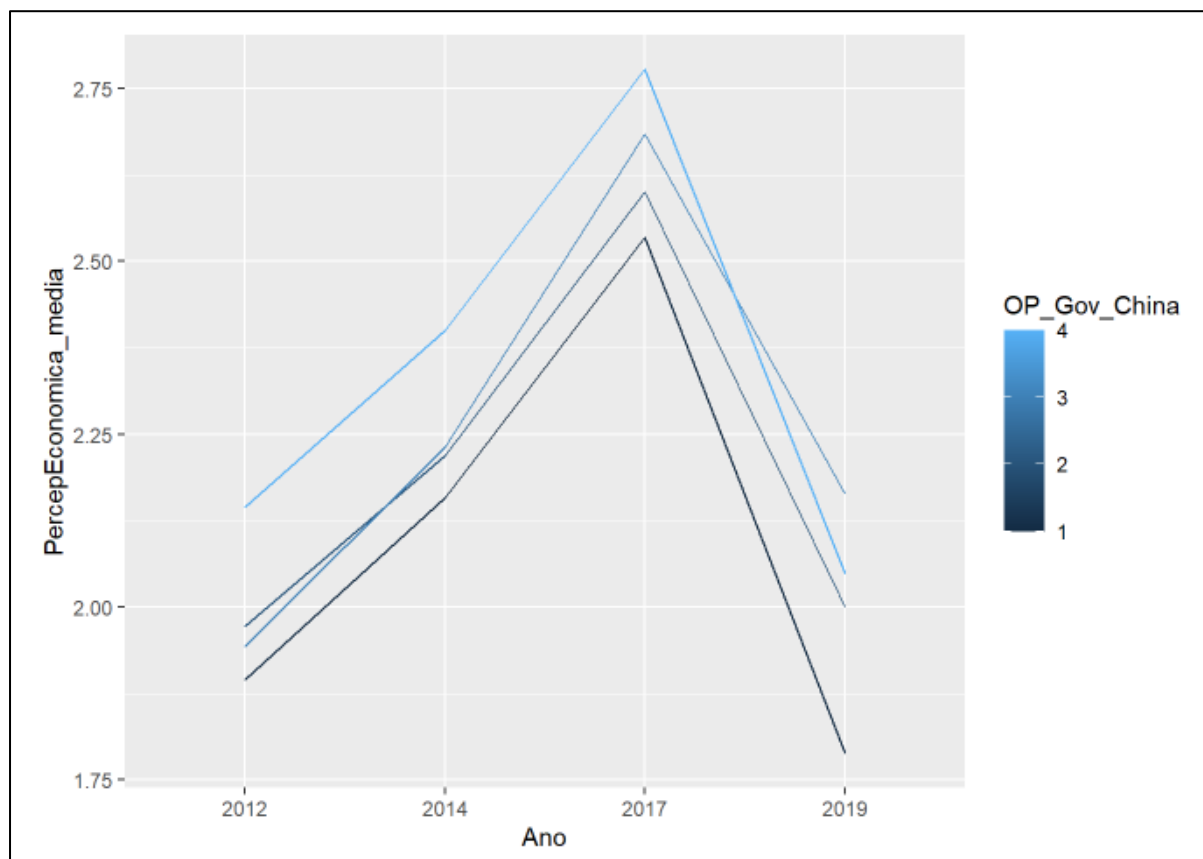
Como modelo complementar temos o modelo LAPOP sobre a variável resposta “o governo da China, na sua opinião, é muito confiável (1), um pouco confiável (2), não muito confiável (3) ou nada confiável (4)?” que perpassa 2012-2019. A variável resposta satisfação democrática se mostrou significativa com o *p-value*  $< 0.05$  – *p-value* de  $1.15e-06^{48}$  – o que nos mostra que não podemos rejeitar a hipótese nula de que satisfação com a democracia não é determinante para opinião do respondente sobre o governo chinês. A percepção econômica, contudo, possui *p-value* de 0.49835, portanto maior que 0.05, fazendo com que rejeitemos a hipótese nula e aceitemos a hipótese alternativa de que quanto pior a percepção econômica do respondente, pior sua opinião sobre o governo chinês.

Na figura que segue podemos observar a relação entre a média da variável resposta percepção econômica (eixo y) em relação ao ano em que os questionários foram aplicados (eixo x), as linhas de interação do plot foram coloridas a partir da opinião sobre o governo chinês. Assim, quanto mais escuro o traço, mais positiva é a opinião do respondente sobre o governo chinês e quanto mais claro, pior a opinião do respondente. Como conseguimos observar, em cada linha há uma opção de resposta para a questão cada uma das opções de resposta à questão “o governo da China, na sua opinião, é muito confiável (1), um pouco confiável (2), não muito confiável (3) ou nada confiável (4)?”. Podemos observar que a percepção econômica está diretamente relacionada à opinião pública sobre a China – quanto melhor a percepção econômica, melhor a opinião sobre a China e vice-versa.

---

<sup>48</sup> 0.00000115

Figura 21 – Percepção Econômica versus Percepção Governo Chinês (LAPOP)



Fonte: Elaborada pela autora.

A percepção econômica e a percepção brasileira sobre o governo chinês também estão positivamente relacionados – quando há uma melhora na percepção econômica, há melhora na percepção sobre a China e vice-versa. O pico das percepções positivas ocorre em 2017, quando as percepções começam a piorar, como nos dados apresentados pelo *Latinobarómetro*. Como visto anteriormente, há uma relação direta entre a economia e as percepções do indivíduo. Quando de períodos de recessão econômica, o estrangeiro passa a ser visto com negatividade.

O padrão encontrado no modelo *Latinobarómetro* sobre a opinião pública sobre a China se repete sobre a percepção dos respondentes do LAPOP sobre o governo chinês: homens tendem a ter uma melhor opinião sobre o governo da China. Com p-value de  $1.36e-09^{49}$ , a variável categórica sexo possui estimador de 0.111918, assim, quanto mais próximo de 1, pior a opinião do respondente sobre o governo chinês. Esse resultado é previsto na opinião pública (LIZOTTE, 2016; SCHUBERT et al., 1999), uma vez que na política e comércio internacional as mulheres se mostraram mais protecionistas do que os homens, um dado que pode explicar

<sup>49</sup> 0.00000000136.

por que as opiniões públicas sobre a China e seu governo vindas de homens tendem a ser mais positivas do que as percepções das mulheres.

Outra variável categórica significativa para o modelo é o nível educacional do respondente. Com  $p\text{-value} < 2e-16$ <sup>50</sup> e estimador de -0.021325 sabemos que a cada ano adicionado à educação do respondente, -0.02 é adicionado ao nosso intercepto. Assim, quanto maior o nível educacional do respondente, melhor será sua visão do governo chinês. Esse achado conversa com a pesquisa de David Weakliem (2002) que mostra que altos níveis de educação permitem com que o indivíduo possua opiniões mais liberais e menos conservadoras sobre diferentes assuntos político-sociais.

Religião também é significativa para o modelo, com  $p\text{-value}$  de 0.00625 e estimador de 0.050450, a variável possui correlação positiva com a nossa variável independente, assim, quanto mais próximo da opção outra religião, última opção do questionário LAPOP, pior será a opinião do respondente sobre o governo chinês. Isso pode ser atribuída a falta dos valores religiosos que consideram a China como um país que persegue religiões ocidentais, como o catolicismo e o protestantismo.

No Ocidente, é comum que a ideia de liberdade religiosa venha primeiro, antes de se tornar a lei aplicada pelo Estado e defendida por organizações cívicas e cidadãos individuais na sociedade civil. A ideia tem de ser aceita pelos cidadãos, especialmente pelas elites culturais e políticas, antes que a lei possa ser implementada e implementado na prática. [...] [Na China,] embora a cláusula de “liberdade de crença religiosa” tenha sido incluída na constituição desde a criação da República Popular da China (RPC), este direito constitucional não foi plenamente concretizado na prática. Isto deve-se principalmente, proponho, à falta de uma compreensão comum da liberdade religiosa, especialmente entre as elites políticas e culturais, e ao subdesenvolvimento de uma sociedade civil que defende conscientemente a liberdade religiosa (YANG, 2013, p. 7).

Ideologia também possui significância estatística no modelo LAPOP, com  $p\text{-value}$  de 0.05744 e estimador de -0.006797, quanto mais próximo da direita ideológica, melhor será a opinião do respondente sobre o governo chinês. Aqui a variável ideologia encontra um resultado divergente daquele encontrado no modelo *Latinobarómetro*. Os motivos pelos quais a direita brasileira possa achar o governo chinês interessante e até enxergá-lo de forma positiva não está claro na bibliografia. Podemos considerar que a heterocedasticidade distorceu os resultados, ou que o governo chinês possui atratividade por conseguir implementar o livre mercado de maneira que a China saltou de um dos países mais pobres do mundo, em meados do século XX, para a segunda maior economia do século XXI.

---

<sup>50</sup> 0.0000000000000002.

Quanto à faixa etária, com o *p-value* de 0.19961 e estimador de 0.025349, mostra que a correlação entre idade e percepção sobre o governo chinês é positiva, assim, a cada ano adicionado à idade do respondente, pior será sua percepção sobre a China.

A cada ponto adicionado na faixa etária do respondente, pior a opinião sobre o governo chinês (0.091). Além disso, pessoas mais instruídas – com mais anos investidos em educação formal – possuem uma melhor opinião pública sobre o governo chinês (-0.019). A percepção negativa de pessoas mais velhas sobre a política internacional pode estar atribuída à alguns fatores: 1) o baixo nível educacional (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2019), 2) a defesa de valores e preceitos enforcados pelos ocidentais – democracia e livre mercado (PAN, 2004), por exemplo, e 3) a falta de conhecimento sobre assuntos de política externa (ALMEIDA; FERNANDES; GUIMARÃES, 2021).

Com o *p-value* de 0.53261 e estimador de -0.011540, a correlação entre o grupo étnico do respondente e sua percepção sobre o governo chinês é negativa. Assim, quanto mais longe do respondente que se identifica como branco, e mais perto do respondente que se identifica como amarelo, melhor a percepção sobre o governo chinês. Esse achado é interessante, uma vez que a maior população amarela do Brasil é de japoneses (UNESP, 2022). Apesar da relação entre Japão e China ser estremecida por questões territoriais, no Brasil o menos de 1% da população que se identifica como amarelos possui um coletivo chamado Asiáticos pela Diversidade onde discutem “aça, sexualidade, identidade de gênero e suas intersecções.” (UNESP, 2022).

A região é uma variável categórica que teve desempenho no modelo LAPOP de 0.010984 como estimador e *p-value* 0.57733. Com relação positiva, quanto mais ao centro-oeste, o respondente tende a ter uma percepção mais negativa sobre a China. Esse fenômeno não é documentado em nenhuma literatura que foi encontrada para este trabalho, então não sou capaz de afirmar porque isso se repete com os dados do *Latinobarómetro* e LAPOP.



## 5. CONCLUSÃO

*Passar a tocha da paz de geração em geração, sustentar o desenvolvimento e fazer florescer a civilização: é o que desejam os povos de todos os países; é também a responsabilidade que os estadistas de nossa geração devem assumir. E a proposta da China é: construir uma comunidade de futuro compartilhado para a humanidade e alcançar um desenvolvimento compartilhado e ganha-ganha (XI, 2017).*

O objetivo deste trabalho foi verificar a significância estatística das variáveis independentes percepção econômica e satisfação democrática frente as duas diferentes variáveis resposta encontradas nos dados do *Latinobarómetro* – “você tem uma opinião muito boa, boa, ruim ou muito ruim sobre a China?” – e LAPOP – “o governo da China na sua opinião, é muito confiável, um pouco confiável, não muito confiável ou nada confiável.” Os bancos de dados foram unificados para que as análises pudessem perpassar toda a última década – de 2010 a 2020 – e nos esclarecesse como os brasileiros enxergam a China e seu governo.

A contribuição deste trabalho para o campo de pesquisa da opinião pública brasileira sobre a China se dá através da rejeição da hipótese nula “não há relação entre a percepção da economia nacional com a percepção brasileira sobre a China e seu governo” para a variável resposta percepção econômica da *Latinobarómetro* e LAPOP. Assim, assumimos a hipótese alternativa de que quanto pior a percepção do respondente sobre a situação econômica do Brasil, pior será a opinião o respondente sobre a China e seu governo.

Apesar de parecer contraintuitivo, afinal a piora da percepção econômica poderia alterar a preferência brasileira a modelos econômicos mais concentrados no Estado – como o modelo chinês – o que observamos no Brasil é que uma piora na variável resposta também acarreta a piora de ambas as variáveis independente, tanto do *Latinobarómetro* que mede a opinião pública sobre a China, quanto do LAPOP que mede a confiança brasileira no governo chinês. Os achados podem corroborar com o que foi encontrado por Armony e Velásquez (2016) no que diz respeito aos modelos econômicos preferidos pela maioria dos latino-americanos, que veem os Estados Unidos e Japão como bons modelos econômicos a serem seguidos, ignorando o sucesso econômico chinês por não ser considerado liberal o suficiente.

Para a hipótese nula “não há relação entre a satisfação democrática do respondente brasileiro com sua percepção sobre a China e seu governo” conseguimos assumir a hipótese alternativa apenas para os dados *Latinobarómetro*, para os dados LAPOP, a variável resposta satisfação democrática se fez significativa com valor menos que 0.05. Assim, para os dados

*Latinobarómetro*, quanto mais insatisfeito com a democracia, pior é a opinião do respondente sobre a China. Sobre o governo chinês, os dados LAPOP não puderam rejeitar a hipótese nula.

Outro resultado que pareceu contraintuitivo, mas se mostrou condizente com os achados de outros autores sobre a opinião pública sobre a China diz respeito à satisfação democrática. Se esperava que a piora da satisfação com a democracia do respondente fizesse com que a China se tornasse um modelo mais preferível, mais confiável para os brasileiros. No entanto, o que encontramos é que a correlação entre a variável resposta e a variável independente é positiva, assim, a cada ponto adicionado na insatisfação democrática do brasileiro, pior será sua confiança no governo chinês. Infelizmente nossos dados LAPOP não seguem o que foi encontrado na revisão da literatura que fizemos sobre o tema: o governo chinês não angaria percepções positivas sobre seu governo apesar de distribuir ajuda externa e acordos comerciais proveitosos (FONG; SAKIB, 2021a).

Verificamos também que, apesar de indicar uma ligeira piora nas percepções brasileiras sobre a China nos últimos quatro anos, as opiniões sobre a China e seu governo ainda são majoritariamente positivas, demonstrando que os brasileiros possuem uma boa opinião pública sobre a China e acham o governo chinês algo confiável. Os achados deste trabalho se unem aos achados encontrados por Aldrich e Lu (2015a), que pontuam que apesar de haver pontos de discordância entre as opiniões públicas latino-americanas, no geral a China possui uma imagem positiva na região, incluindo no Brasil.

A variável controle ideologia também seguiu os padrões de Oliveira e Onuki (2018) e Guan (2021) se mostrando significativa para o modelo, mas não a melhor preditora quando sozinha na análise, quando se mostra incapaz de afetar a opinião pública sobre a China. Características importantes que possuem significância maior para o modelo são sexo e educação, por exemplo, variáveis controle que são indispensáveis para conhecer nossos respondentes e quais as possíveis variáveis que agem como determinantes na opinião pública brasileira sobre a China.

## REFERÊNCIAS

**67th Primetime Emmy Awards. Emmy Awards** Los Angeles Fox, , 15 set. 2015. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=OSpQfvd\\_zkE](https://www.youtube.com/watch?v=OSpQfvd_zkE)>. Acesso em: 21 maio. 2022

AFROBAROMETER. **Survey resources and data\_ Merged Round 4 Codebook**. Institucional. Disponível em: <<https://www.afrobarometer.org/surveys-and-methods/survey-resources/>>. Acesso em: 2 out. 2023.

AFROBAROMETER. **Merged Round 6 codebook (36 Countries) (2016)**. Disponível em: <<https://afrobarometer.org/data/merged-round-6-codebook-36-countries-2016>>. Acesso em: 21 fev. 2022.

AI, X. **An Intertextual Analysis of the Formation of “China Threat Theory”**. . Em: 2016 2ND INTERNATIONAL CONFERENCE ON EDUCATION, SOCIAL SCIENCE, MANAGEMENT AND SPORTS (ICESSMS 2016). Atlantis Press, fev. 2017. Disponível em: <<https://www.atlantis-press.com/proceedings/icesms-16/25870746>>. Acesso em: 17 dez. 2021

ALDRICH, J. H.; LU, J. How the public in the US, Latin America, and East Asia sees an emerging China. **European Review**, v. 23, n. 2, p. 227–241, 2015a.

ALDRICH, J. H.; LU, J. How the public in the US, Latin America, and East Asia sees an emerging China. **European Review**, v. 23, n. 2, 2015b.

ALDRICH, J.; LU, J.; KANG, L. **How Do Americans View the Rising China? JOURNAL OF CONTEMPORARY CHINA** 2-4 PARK SQUARE, MILTON PARK, ABINGDON OX14 4RN, OXON, ENGLAND ROUTLEDGE JOURNALS, TAYLOR & FRANCIS LTD, , 4 mar. 2015a.

ALDRICH, J.; LU, J.; KANG, L. How Do Americans View the Rising China? **Journal of Contemporary China**, v. 24, n. 92, p. 203–221, 4 mar. 2015b.

ALLEN, N.; LAWLOR, A.; GRAHAM, K. Canada’s twenty-first century discovery of China: Canadian media coverage of China and Japan. **Canadian Foreign Policy Journal**, v. 25, n. 1, p. 1–18, 2019a.

ALLEN, N.; LAWLOR, A.; GRAHAM, K. Canada’s twenty-first century discovery of China: Canadian media coverage of China and Japan. **Canadian Foreign Policy Journal**, v. 25, n. 1, p. 1–18, 2 jan. 2019b.

ALLISON, G. **Destined for War: can America and China escape Thucydides’ Trap?** [s.l.] Scribe Publications, 2017.

ALMEIDA, M. H. T. DE et al. **O Brasil, as Américas e o Mundo Segundo a Opinião do Público e dos Líderes**. São Paulo: Centro Brasileiro de Análise e Planejamento - CEBRAP, 2018.

ALMEIDA, M. H. T. DE; FERNANDES, I. F.; GUIMARÃES, F. DE S. Structuring Public Opinion on Foreign Policy Issues: The Case of Brazil. **Latin American Research Review**, v. 56, n. 3, p. 557–574, set. 2021.

AMEYAW-BROBBEY, T. A lost chance for what? COVID-19 and its repercussions on global public opinion of China's development model and international leadership. **Journal of International Studies**, v. 14, n. 3, p. 172–190, 2021a.

AMEYAW-BROBBEY, T. A lost chance for what? COVID-19 and its repercussions on global public opinion of China's development model and international leadership. **Journal of International Studies**, v. 14, n. 3, p. 172–190, 2021b.

AN, J.; FENG, Y. **Do the “Dragon’s Gifts” Improve China’s National Image? An Empirical Analysis of the Economic Relations and Public Perceptions of China in Africa.** **JOURNAL OF CHINESE POLITICAL SCIENCE** VAN GODEWIJCKSTRAAT 30, 3311 GZ DORDRECHT, NETHERLANDS SPRINGER, , dez. 2022.

ANDRADA, L. S. Direita, Esquerda, Nova Direita e o Neofascismo Brasileiro. **Revista Estudos Políticos**, v. 13, n. 25, p. 01–23, 30 nov. 2022.

ANDRÉ, C. M. G. **A escolha do modelo apropriado, do ponto de vista estatístico, é um tópico extremamente importante na análise de dados (Bozdangan, 1987).** Disponível em: <<http://arquivo.ufv.br/dbg/resumos2008b/Resumo%20Claudomiro.htm>>. Acesso em: 24 jan. 2024.

ARBACHE, J.; CONDI, G. Sino-Brazilian Relations. Em: SCHNEIDER, A.; TEIXEIRA, A. G. (Eds.). **China, Latin America, and the Global Economy: Economic, Historical, and National Issues.** Cham: Springer International Publishing, 2023. p. 245–273.

ARIA, M.; CUCCURULLO, C. bibliometrix: An R-tool for comprehensive science mapping analysis. **Journal of Informetrics**, v. 11, n. 4, p. 959–975, 2017.

ARIA, M.; CUCCURULLO, C. **bibliometrix.** Disponível em: <<https://www.bibliometrix.org/home/index.php/layout/bibliometrix>>. Acesso em: 7 dez. 2023.

ARMONY, A. C. A view from afar: How Colombia sees China. **China Quarterly**, n. 209, p. 178–197, 2012.

ARMONY, A. C.; VELÁSQUEZ, N. Anti-Chinese sentiment in Latin America: An analysis of online discourse. **Journal of Chinese Political Science**, v. 20, n. 3, p. 319–346, 2015a.

ARMONY, A. C.; VELÁSQUEZ, N. Anti-Chinese sentiment in Latin America: An analysis of online discourse. **Journal of Chinese Political Science**, v. 20, n. 3, p. 319–346, 2015b.

ARMONY, A. C.; VELÁSQUEZ, N. A Honeymoon with China? : Public perceptions in Latin America and Brazil. **Revista Tempo do Mundo**, v. 2, n. 2, p. 17, 2016.

ARSENTYEVA, I. I. **Political Discourse on China’s Stigmatization in the Context of COVID-19 Pandemic.** **MGIMO REVIEW OF INTERNATIONAL RELATIONS**, 2021.

AWOONOR, A. K.; FORSON, J. A. African Perceptions of Trade Partners: A Ghanaian and Togolese Perspective of Sino-African Relations. **Insight on Africa**, v. 12, n. 2, p. 104–128, 1 jul. 2020.

AZEVEDO, A. L. M. DOS S. **IBGE - Educa | Jovens. Pirâmide Etária**. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18318-piramide-etaria.html>>. Acesso em: 20 mar. 2022.

AZPURU, D.; BONIFACE, D. INDIVIDUAL-LEVEL DETERMINANTS OF ANTI-AMERICANISM IN CONTEMPORARY LATIN AMERICA. **Latin American Research Review**, v. 50, n. 3, p. 111–134, 2015.

BAILARD, C. S. China in Africa: An Analysis of the Effect of Chinese Media Expansion on African Public Opinion. **International Journal of Press/Politics**, v. 21, n. 4, p. 446–471, out. 2016.

BBC NEWS. A quick guide to the US-China trade war. **BBC News**, 16 jan. 2020.

BBC NEWS. Covid “hate crimes” against Asian Americans on rise. **BBC News**, 21 maio 2021.

BEIJING NORMAL UNIVERSITY. **Looking China Youth Film Project**. Institucional. Disponível em: <<https://english.bnu.edu.cn/lifeatbnu/artsculture/signatureculturalevents/lookingchinayouthfilmproject/index.htm>>. Acesso em: 22 fev. 2022.

BISLEY, N. Australia’s engagement with China: From fear to greed and back again. **International Journal**, v. 73, n. 3, p. 379–398, 1 set. 2018.

BRASIL; TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. **Brasil tem 75 partidos políticos em processo de formação**. Governamental. Disponível em: <<https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2019/Janeiro/brasil-tem-75-partidos-politicos-em-processo-de-formacao>>. Acesso em: 17 maio. 2023.

BRASIL; TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. **Partidos políticos registrados no TSE**. Governamental. Disponível em: <<https://www.tse.jus.br/partidos/partidos-registrados-no-tse>>.

BROOMFIELD, E. V. Perceptions of Danger: The China threat theory. **Journal of Contemporary China**, v. 12, n. 35, p. 265–284, 1 maio 2003.

BROWNE, M. W. Cross-Validation Methods. **Journal of Mathematical Psychology**, v. 44, n. 1, p. 108–132, 1 mar. 2000.

CAO, Y.; XU, J. The Tibet problem in the Milieu of a rising China: Findings from a survey on Americans’ attitudes toward China. **Journal of Contemporary China**, v. 24, n. 92, p. 240–259, 2015.

CARRERAS, M. Public Attitudes toward an Emerging China in Latin America. **Issues and Studies**, v. 53, n. 1, 2017.

CHAN, S. An Odd Thing Happened on the Way to Balancing: East Asian States’ Reactions to China’s Rise. **International Studies Review**, v. 12, n. 3, p. 387–412, 1 set. 2010.

CHAN, S.; СТИВ, Ч. Why Thucydides’ Trap Misinforms Sino-American Relations. **Vestnik RUDN. International Relations**, v. 21, n. 2, p. 232–242, 22 jun. 2021.

CHANG, V. K. L.; PIEKE, F. N. Europe's engagement with China: shifting Chinese views of the EU and the EU-China relationship. **Asia Europe Journal**, v. 16, n. 4, p. 317–331, 1 dez. 2018.

CHEN, J.; HAN, S. M. **Does Foreign Aid Bifurcate Donor Approval?: Patronage Politics, Winner-Loser Status, and Public Attitudes toward the Donor.** **STUDIES IN COMPARATIVE INTERNATIONAL DEVELOPMENT** ONE NEW YORK PLAZA, SUITE 4600, NEW YORK, NY, UNITED STATES SPRINGER, , dez. 2021.

CHEN, Y.-W. A research note on central asian perspectives on the rise of China: The example of Kazakhstan. **Issues and Studies**, v. 51, n. 3, p. 63–87, 2015.

CHEN, Y.-W.; GÜNTHER, O. Back to Normalization or Conflict with China in Greater Central Asia?: Evidence from Local Students' Perceptions. **Problems of Post-Communism**, v. 67, n. 3, p. 228–240, 2020.

CHEN, Y.-W.; HAO, Y. Czech perceptions of the rise of China: a survey among university students. **Asia Europe Journal**, v. 18, n. 1, p. 157–175, 2020.

CHOW, W. M.; HAN, E.; LI, X. Brexit identities and British public opinion on China. **International Affairs**, v. 95, n. 6, p. 1369–1387, 2019.

CHU, Y.-H.; KANG, L.; HUANG, M.-H. How East Asians View the Rise of China. **Journal of Contemporary China**, v. 24, n. 93, p. 398–420, 2015.

CHUBB, D.; MCALLISTER, I. **Australian Public Opinion, Defence and Foreign Policy: Attitudes and Trends Since 1945.** [s.l.] Springer Nature, 2020.

CHUBB, D.; MCALLISTER, I. Fear and Greed: Australian Public Opinion Towards China's Rise\*. **Australian Journal of Politics and History**, 2021.

CHUNG, A. Effects of Trade Relations on South Korean Views of China. **Asian Politics and Policy**, v. 7, n. 4, p. 597–621, 2015a.

CHUNG, A. Effects of Trade Relations on South Korean Views of China. **Asian Politics and Policy**, v. 7, n. 4, p. 597–621, 2015b.

CHUNG, A. **Economic interest or security concerns? Which affected how individuals in five Asian countries-Indonesia, Japan, Malaysia, the Philippines, and South Korea-viewed China in 2013?** **ASIAN JOURNAL OF POLITICAL SCIENCE**, 2017.

CHUNG, J. H. How America and China see each other: charting national views and official perceptions. **Pacific Review**, v. 32, n. 2, p. 188–209, 2019.

CIIDS. **Zheng Bijian.** Institucional. Disponível em: <[http://www.ciids.cn/content/2016-04/19/content\\_14725614.htm](http://www.ciids.cn/content/2016-04/19/content_14725614.htm)>. Acesso em: 30 jan. 2023a.

CIIDS. **Introduction - China Institute for Innovation and Development Strategy.** Institucional. Disponível em: <[http://www.ciids.cn/content/2015-10/15/content\\_14725294.htm](http://www.ciids.cn/content/2015-10/15/content_14725294.htm)>. Acesso em: 30 jan. 2023b.

CONOVER, P. J.; FELDMAN, S. Emotional Reactions to the Economy: I'm Mad as Hell and I'm not Going to Take it Anymore. **American Journal of Political Science**, v. 30, n. 1, p. 50–78, 1986.

COOK, G.; HUANG, J.; XIE, Y. How COVID-19 has Impacted American Attitudes Toward China: A Study on Twitter. 25 ago. 2021.

COPSEY, N. **Public Opinion and the Making of Foreign Policy in the “New Europe”: A Comparative Study of Poland and Ukraine**. London: Routledge, 2016.

CORPORACIÓN LATINOBARÓMETRO. **Documentos Latinobarómetro**. Institucional. Disponível em: <<https://www.latinobarometro.org/latContents.jsp>>. Acesso em: 22 fev. 2022a.

CORPORACIÓN LATINOBARÓMETRO. **Dados Latinobarómetro**. Institucional. Disponível em: <<https://www.latinobarometro.org/latContents.jsp>>. Acesso em: 22 fev. 2022b.

DE BARCELOS, T. DO N. et al. Análise de fake news veiculadas durante a pandemia de COVID-19 no Brasil. **Revista Panamericana de Salud Pública**, v. 45, p. e65, 9 jun. 2021.

DISDIER, A.-C.; MAYER, T. Je t'aime, moi non plus: Bilateral opinions and international trade. **European Journal of Political Economy**, v. 23, n. 4, p. 1140–1159, 2007.

DONSBACH, W. Public Opinion Polls. Em: **The International Encyclopedia of Political Communication**. [s.l.] John Wiley & Sons, Ltd, 2016. p. 1–11.

EICHENAUER, V. Z.; FUCHS, A.; BRÜCKNERD, L. The effects of trade, aid, and investment on China's image in Latin America. **Journal of Comparative Economics**, v. 49, n. 22, p. 483–498, 2020.

EICHENAUER, V. Z.; FUCHS, A.; BRUECKNER, L. **The effects of trade, aid, and investment on China's image in Latin America**. JOURNAL OF COMPARATIVE ECONOMICS 525 B ST, STE 1900, SAN DIEGO, CA 92101-4495 USA ACADEMIC PRESS INC ELSEVIER SCIENCE, , jun. 2021.

EMMANUEL, K. China's rise in Latin America and the Caribbean 1990–2019: navigating perceptions in the relationship. **The Pacific Review**, v. 0, n. 0, p. 1–25, 24 jun. 2021.

ERGENC, C. Can Two Ends of Asia Meet? An Overview of Contemporary Turkey-China Relations. **East Asia**, v. 32, n. 3, p. 289–308, 2015.

ESTEBAN, M. A silent invasion? African views on the growing Chinese presence in Africa: The case of equatorial Guinea. **African and Asian Studies**, v. 9, n. 3, p. 232–251, 2010.

ESTUPINAN, J. D. O. The coverage of China in the Latin American Press: Media framing study. **Cogent Arts & Humanities**, v. 4, n. 1, p. 1287319, 1 jan. 2017.

EVANS, G.; ANDERSEN, R. The Political Conditioning of Economic Perceptions. **The Journal of Politics**, v. 68, n. 1, p. 194–207, 2006a.

EVANS, G.; ANDERSEN, R. The Political Conditioning of Economic Perceptions. **The Journal of Politics**, v. 68, n. 1, p. 194–207, fev. 2006b.

FENG, Y.; ZENG, Q. B. Economic relations and the public image of China in Latin America: a cross-country time-series analysis. **Economic and Political Studies**, 2021.

FENG, Y.; ZENG, Q. B. **Economic relations and the public image of China in Latin America: a cross-country time-series analysis. ECONOMIC AND POLITICAL STUDIES-EP2-4 PARK SQUARE, MILTON PARK, ABINGDON OX14 4RN, OXON, ENGLAND TAYLOR & FRANCIS LTD, , 3 abr. 2022.**

FEODRIPPE, R. DE C. O. A importância da tecnologia de vigilância para a estratégia marítima chinesa no Mar do Sul da China. 2019.

FERNANDES, I. F.; FREITAS, V. R. A. DE; ONUKI, J. The BRICS and Brazilian public opinion: soft balancing or economic strategy? **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 64, 29 nov. 2021.

FERRÍN, M. An Empirical Assessment of Satisfaction with Democracy. Em: FERRÍN, M.; KRIESI, H. (Eds.). **How Europeans View and Evaluate Democracy**. [s.l.] Oxford University Press, 2016. p. 0.

FOCAC. **About FOCAC**. Institucional. Disponível em: <[http://www.focac.org/eng/ltjj\\_3/ltjz/](http://www.focac.org/eng/ltjj_3/ltjz/)>. Acesso em: 18 fev. 2022.

FONG, W.; SAKIB, N. A “Good” Country without Democracy: Can China’s Outward FDI buy a Positive State Image Overseas? **Politics and Policy**, v. 49, n. 5, p. 1146–1191, 2021a.

FONG, W.; SAKIB, N. A “Good” Country without Democracy: Can China’s Outward FDI buy a Positive State Image Overseas? **POLITICS & POLICY** 111 RIVER ST, HOBOKEN 07030-5774, NJ USA WILEY, , out. 2021b.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **A Montanha-Russa da Pobreza**. FGV, , 2022. Disponível em: <<https://cps.fgv.br/PobrezaMensal>>. Acesso em: 27 abr. 2023

GALHARDI, C. P. et al. Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid-19 no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 4201–4210, 30 set. 2020.

GARDINI, G. L. Brazil: What Rise of What Power? **Bulletin of Latin American Research**, v. 35, n. 1, p. 5–19, 2016.

GAWALI, S. **Skewness and Kurtosis: Quick Guide (Updated 2024)**. **Analytics Vidhya**, 28 dez. 2023. Disponível em: <<https://www.analyticsvidhya.com/blog/2021/05/shape-of-data-skewness-and-kurtosis/>>. Acesso em: 24 jan. 2024

GERTZ, B. **The China Threat: How the People’s Republic Targets America**. [s.l.] Regnery Publishing, 2000.

GLASER, B. S.; MURPHY, M. Soft Power with Chinese Characteristics: The Ongoing Debate. Em: **Chinese Soft Power and Its Implications for the United States: Competition and Cooperation in the Developing World**. China and Southeast Asia. [s.l.] CSIS, 2009. v. 1.

GONÇALVES, W.; BRITO, L. B. Relações Brasil-China: uma Parceria Estratégica? **SÉCULO XXI: Revista de Relações Internacionais - ESPM-POA**, v. 1, n. 1, p. 11–28, 2010.



GONG, S.; NAGAYOSHI, K. Japanese Attitudes Toward China and the United States: A Sociological Analysis. **Chinese Sociological Review**, v. 51, n. 3, p. 251–270, 2019.

GOODMAN, D. S. G.; GOODMAN, D. S. G. The China Threat: Global Power Relations, Political Opportunism, Economic Competition. **México y la cuenca del pacífico**, v. 10, n. 30, p. 9–32, dez. 2021.

GORDON, R. A. Issues in Multiple Regression. **American Journal of Sociology**, v. 73, n. 5, p. 592–616, mar. 1968.

GREEN, J. et al. Elusive consensus: Polarization in elite communication on the COVID-19 pandemic. **Science Advances**, v. 6, n. 28, 2020.

GRIES, P. H. A “China Threat”? Power and Passion in Chinese “Face Nationalism”. **World Affairs**, v. 162, p. 63, 2000 1999.

GUAN, M. **Brazilian left-right ideology and public perception of China’s rise: a perspective of university students**. text—Brasil: Universidade de São Paulo, 2021.

GUIMARÃES, F. DE S. **Teoria das Relações Internacionais**. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2021. v. 1

GUISSO, L.; SAPIENZA, P.; ZINGALES, L. Cultural Biases in Economic Exchange? **The Quarterly Journal of Economics**, v. 124, n. 3, p. 1095–1131, ago. 2009.

HA, L. et al. **How US and Chinese Media Cover the US-China Trade Conflict: A Case Study of War and Peace Journalism Practice and the Foreign Policy Equilibrium Hypothesis**. NEGOTIATION AND CONFLICT MANAGEMENT RESEARCH 3355 BISHOP ESTATES RD, JACKSONVILLE, FL, UNITED STATES IACM-NCMR-INT ASSOC CONFLICT MANAGEMENT, , 2021.

HAMNETT, C. A world turned upside down: the rise of China and the relative economic decline of the West. **Area Development and Policy**, v. 3, n. 2, p. 223–240, 4 maio 2018.

HE, Q.; ZHANG, Z.; XIE, Y. **The Impact of COVID-19 on Americans’ Attitudes toward China: Does Local Incidence Rate Matter? (vol 85, pg 84, 2022)**. SOCIAL PSYCHOLOGY QUARTERLY 2455 TELLER RD, THOUSAND OAKS, CA 91320 USASAGE PUBLICATIONS INC, , set. 2022.

HOPKINS, D. J. Whose Economy?: Perceptions Of National Economic Performance During Unequal Growth. **Public Opinion Quarterly**, v. 76, n. 1, p. 50–71, 1 mar. 2012.

HUAN, C.; DENG, M. Partners or Predators? A Corpus-Based Study of China’s Image in South African Media. **African Journalism Studies**, v. 0, n. 0, p. 1–17, 12 maio 2021.

HUANG, K. China ramps up South China Sea drills and tests ability to take islands. **South China Morning Post**, 9 set. 2021.

HUOTARI, M. Germany’s China policy: No honeymoon forever. Em: **Mapping Europe-China: Relations A Bottom-Up Approach**. [s.l.] Mercator Institute for China Studies | French Institute of International Relations (Ifri) | Elcano Royal Institute, 2015. p. 30–35.

IBOLD, S. **Belt and Road Initiative - Project Overview**. **Belt and Road Initiative**, 2020. Disponível em: <<https://www.beltroad-initiative.com/projects/>>. Acesso em: 25 fev. 2022

IGARASHI, A. Territorial Conflicts and Japanese Attitudes Towards East Asian Countries: Natural Experiments with Foreigners' Landings on Disputed Islands. **Political Psychology**, v. 39, n. 4, p. 977–992, 2018.

IKENBERRY, G. J. The Rise of China and the Future of the West: Can the Liberal System Survive? **Foreign Affairs**, v. 87, n. 1, p. 23–37, 2008.

INMAN, K. L. African attitudes toward foreign countries: A hierarchical approach. **Social Science Information**, v. 55, n. 2, p. 208–234, 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Religião - IBGE**. Institucional. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/22107>>. Acesso em: 27 abr. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE | PNAD | Detalhes Educação : 2019**. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101736>>. Acesso em: 27 abr. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cor ou raça**. Institucional. Disponível em: <<https://cnae.ibge.gov.br/en/component/content/article.html?catid=0&id=18319&Itemid=6160>>. Acesso em: 26 abr. 2023a.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Prévia da população calculada com base nos resultados do Censo Demográfico 2022 até 25 de dezembro de 2022**. IBGE, , 2023b.

ITOH, M. Senkaku (Diaoyu) Islands Dispute. Em: ITOH, M. (Ed.). **The Making of China's Peace with Japan: What Xi Jinping Should Learn from Zhou Enlai**. Singapore: Springer, 2017. p. 205–235.

JERDÉN, B. et al. Chinese Public Diplomacy and European Public Opinion during COVID-19. **China Review**, v. 21, n. 2, p. 5–33, 2021.

JERDEN, B. et al. **Chinese Public Diplomacy and European Public Opinion during COVID-19. CHINA REVIEW-AN INTERDISCIPLINARY JOURNAL ON GREATER CHINACHINESE UNIV HONG KONG, SHA TIN, NEW TERRITORIES, HONG KONG 00000, PEOPLES R CHINACHINESE UNIV PRESS**, , maio 2021.

JIA, W.; LU, F. **US media's coverage of China's handling of COVID-19: Playing the role of the fourth branch of government or the fourth estate? GLOBAL MEDIA AND CHINA**1 OLIVERS YARD, 55 CITY ROAD, LONDON EC1Y 1SP, ENGLANDSAGE PUBLICATIONS LTD, , mar. 2021a.

JIA, W.; LU, F. **US media's coverage of China's handling of COVID-19: Playing the role of the fourth branch of government or the fourth estate? GLOBAL MEDIA AND CHINA**, mar. 2021b.

JIANG, Y. What Australian media gets wrong about China. **The Diplomat**, 25 dez. 2019.

JIN, Y.; DORIUS, S.; XIE, Y. Americans' Attitudes toward the US–China Trade War. **Journal of Contemporary China**, v. 31, n. 133, p. 17–37, 2 jan. 2022.

JONKER, K.; ROBINSON, B. China in Africa: New Colonists or Facilitators of Development and Growth. Em: JONKER, K.; ROBINSON, B. (Eds.). **China's Impact on the African Renaissance: The Baobab Grows**. Singapore: Springer, 2018. p. 1–18.

JUNG, H. J.; JEONG, H. W. South Korean Attitude towards China: Threat Perception, Economic Interest, and National Identity. **African and Asian Studies**, v. 15, n. 2–3, p. 242–264, 2016.

JÚNIOR, J. H. DE S. et al. Da Desinformação ao Caos: uma análise das Fake News frente à pandemia do Coronavírus (COVID-19) no Brasil. **Cadernos de Prospecção**, v. 13, n. 2, p. 331–331, 16 abr. 2020.

KAMBHAMPATY, A. P. Asian Americans Share Experiences of Racism During COVID-19. “I Will Not Stand Silent.” 10 Asian Americans Reflect on Racism During the Pandemic and the Need for Equality. **Time**, 25 jun. 2020.

KANG, L. Interests, values, and geopolitics: The global public opinion on China. **European Review**, v. 23, n. 2, p. 242–260, 2015.

KEULEERS, F. Which lodestar to follow? South African public opinion on China and other international partners. **AFRICAN EAST-ASIAN AFFAIRS**, v. 0, n. 3, 2016.

KIM, M.-H. South Korea's strategy toward a rising China, security dynamics in East Asia, and international relations theory. **Asian Survey**, v. 56, n. 4, p. 707–730, 2016.

KIM, S. Y.; MEUNIER, S.; NYIRI, Z. Yin and yank? Public opinion in Europe toward the U.S. and China. **Comparative European Politics**, v. 15, n. 4, 2017a.

KIM, S. Y.; MEUNIER, S.; NYIRI, Z. **Yin and yank? Public opinion in Europe toward the US and China**. COMPARATIVE EUROPEAN POLITICS BRUNEL RD BLDG, HOUNDMILLS, BASINGSTOKE RG21 6XS, HANTS, ENGLAND PALGRAVE MACMILLAN LTD, , jun. 2017b.

KLEINBERG, K. B.; FORDHAM, B. O. Trade and Foreign Policy Attitudes. **The Journal of Conflict Resolution**, v. 54, n. 5, p. 687–714, 2010.

KOCH, N. **Kazakhstan's changing geopolitics: the resource economy and popular attitudes about China's growing regional influence**. EURASIAN GEOGRAPHY AND ECONOMICS, 1 fev. 2013.

LANDRIAULT, M.; MINARD, P. Canada/China free trade agreement: A public opinion appraisal. **Canadian Foreign Policy Journal**, v. 24, n. 1, p. 113–117, 2 jan. 2018.

LATIN AMERICAN PUBLIC PROJECT. **Country Questionnaires and Sample Designs**. Institucional. Disponível em: <<https://www.vanderbilt.edu/lapop/core-surveys.php>>. Acesso em: 22 fev. 2022.

LESLIE, M. **The Dragon Shapes Its Image: A Study of Chinese Media Influence Strategies in Africa**. Volume 16, Issue 3-4. Disponível em: <[https://asq.africa.ufl.edu/leslie\\_dec2016-2/](https://asq.africa.ufl.edu/leslie_dec2016-2/)>. Acesso em: 16 dez. 2021.

LI, X. **More than Meets the Eye: Public Perceptions and Misperceptions of China**. Rochester, NY: Social Science Research Network, 20 maio 2020. Disponível em: <<https://papers.ssrn.com/abstract=3650564>>. Acesso em: 8 jan. 2022.

LI, X. **More than Meets the Eye: Understanding Perceptions of China Beyond the Favorable-Unfavorable Dichotomy**. **STUDIES IN COMPARATIVE INTERNATIONAL DEVELOPMENT** ONE NEW YORK PLAZA, SUITE 4600, NEW YORK, NY, UNITED STATES SPRINGER, , mar. 2021.

LI, X.; KUANG, Y.; ZHANG, L. Misperceptions of Chinese Investments in Canada and Their Correction: Evidence from a Survey Experiment. **Canadian Journal of Political Science**, v. 52, n. 2, 2019.

LIAO, S.; MALHOTRA, N.; NEWMAN, B. J. Local economic benefits increase positivity toward foreigners. **Nature Human Behaviour**, v. 4, n. 5, p. 481–488, 2020.

LIN, H. Y. COVID-19 and American Attitudes toward U.S.-China Disputes. **Journal of Chinese Political Science**, v. 26, n. 1, 2021.

LIN, W.-C.; TSAI, C.-F. Missing value imputation: a review and analysis of the literature (2006–2017). **Artificial Intelligence Review**, v. 53, n. 2, p. 1487–1509, 1 fev. 2020.

LINLEY, M.; REILLY, J.; GOLDSMITH, B. E. Who's Afraid of the Dragon? Asian Mass Publics' Perceptions of China's Influence. **Japanese Journal of Political Science**, v. 13, n. 4, p. 501–523, dez. 2012.

LITTLE, R. J. A.; RUBIN, D. B. The Analysis of Social Science Data with Missing Values. **Sociological Methods & Research**, v. 18, n. 2–3, p. 292–326, 1 nov. 1989.

LIZOTTE, M.-K. The Gender Gap in Public Opinion: Exploring Social Role Theory as Explanation. Em: **The Political Psychology of Women in U.S. Politics**. [s.l.] Taylor & Francis, 2016. p. 265.

MACIEL, A. P. B.; ALARCON, A. D. O.; GIMENES, É. R. Partidos políticos e espectro ideológico: Parlamentares, especialistas, esquerda e direita no Brasil. **Revista Eletrônica de Ciência Política**, v. 8, n. 3, 5 jan. 2018.

MAIA, A. G. **Econometria: Conceitos e aplicações**. 1. ed. São Paulo: Saint Paul, 2017.

MANO, W. Engaging with China's Soft Power in Zimbabwe: Harare Citizens' Perceptions of China-Zimbabwe Relations. Em: ZHANG, X.; WASSERMAN, H.; MANO, W. (Eds.). **China's Media and Soft Power in Africa: Promotion and Perceptions**. Palgrave Series in Asia and Pacific Studies. New York: Palgrave Macmillan US, 2016. p. 163–180.

MASSUCHIN, M. G.; ORSO, M.; SALEH, D. M. Valores antidemocráticos e ataque às instituições: comportamentos da direita on-line a partir da análise das contas “Direita Brasil” e “Verde e Amarela” no Twitter. **Política & Sociedade**, v. 20, n. 49, p. 39–72, 2021.

MATINGWINA, S. China colonizing africa narrative on social media: An issue activation and response perspective. **Journal of African Media Studies**, v. 12, n. 1, p. 23–39, 2020.

MCCAULEY, J. F.; PEARSON, M. M.; WANG, X. **Does Chinese FDI in Africa inspire support for a china model of development? WORLD DEVELOPMENT** THE BOULEVARD, LANGFORD LANE, KIDLINGTON, OXFORD OX5 1GB, ENGLAND PERGAMON-ELSEVIER SCIENCE LTD, , fev. 2022a.

MCCAULEY, J. F.; PEARSON, M. M.; WANG, X. **Does Chinese FDI in Africa inspire support for a china model of development? WORLD DEVELOPMENT** THE BOULEVARD, LANGFORD LANE, KIDLINGTON, OXFORD OX5 1GB, ENGLAND PERGAMON-ELSEVIER SCIENCE LTD, , fev. 2022b.

MCCAULEY, J. F.; PEARSON, M. M.; WANG, X. Does Chinese FDI in Africa inspire support for a china model of development? **World Development**, v. 150, p. 105738, 1 fev. 2022c.

MELNYK, I. The Image of China and the United States of America in Selected African Media. **African Journalism Studies**, v. 42, n. 1, p. 75–90, 2021.

MIGNOLO, W. D. **The Idea of Latin America**. [s.l.] John Wiley & Sons, 2009.

MILLER, C.; TAYLOR, H. Can economic interests trump ethnic hostility? Trading ties versus outgroup hostility in Australian perceptions of China as a security threat. **International Relations of the Asia-Pacific**, v. 17, n. 1, p. 67–99, 2017.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA. **Ministério da Economia avalia impacto econômico do coronavírus**. Governamental. Disponível em: <<https://www.gov.br/pt-br/noticias/financas-impostos-e-gestao-publica/2020/03/ministerio-da-economia-avalia-impacto-economico-do-coronavirus-no-brasil>>. Acesso em: 24 maio. 2023.

MINISTÉRIO DA GESTÃO E DA INOVAÇÃO EM SERVIÇOS PÚBLICOS. **Mulato**. Institucional. Disponível em: <[http://historiacolonial.an.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=6556:mulato&catid=2081&Itemid=266](http://historiacolonial.an.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=6556:mulato&catid=2081&Itemid=266)>. Acesso em: 26 abr. 2023.

MIRILOVIC, N.; KIM, M. **Ideology and Threat Perceptions: American Public Opinion toward China and Iran. POLITICAL STUDIES** 1 OLIVERS YARD, 55 CITY ROAD, LONDON EC1Y 1SP, ENGLAND SAGE PUBLICATIONS LTD, , mar. 2017a.

MIRILOVIC, N.; KIM, M. Ideology and Threat Perceptions: American Public Opinion toward China and Iran. **Political Studies**, v. 65, n. 1, p. 179–198, 1 mar. 2017b.

MORALES, P. S. International broadcasters and country image management: Comparing audience perceptions of China, Russia and Iran in Latin America. **Global Media and China**, v. 6, n. 1, p. 100–115, 2021.

MORGAN, P. **Can China's Economic Statecraft Win Soft Power in Africa? Unpacking Trade, Investment and Aid. JOURNAL OF CHINESE POLITICAL SCIENCE** EVAN GODEWIJCKSTRAAT 30, 3311 GZ DORDRECHT, NETHERLANDS SPRINGER, , set. 2019.

MORGENSTERN, S.; BOHIGUES, A. **Battling for the Hearts and Minds of Latin Americans: Covariance of Attitudes toward the United States and China.** **LATIN AMERICAN RESEARCH REVIEW**416 BELLEFIELD HALL, UNIV PITTSBURGH, PITTSBURGH, PA 15260 USALATIN AMER STUDIES ASSOC, , 2021a.

MORGENSTERN, S.; BOHIGUES, A. Battling for the hearts and minds of latin americans: Covariance of attitudes toward the United states and china. **Latin American Research Review**, v. 56, n. 2, p. 280–299, 2021b.

MOURA, J. A. R. DE et al. Felicidade, satisfação com a vida e com a democracia no Brasil: 2017/2020 DOI <https://doi.org/10.29327/226091.55.2-9>. **ALETHEIA**, v. 55, n. 2, 20 dez. 2022.

MUTTARAK, R. Moving along the belt and road: Implications of China’s “one belt, one road” strategies on Chinese migration [沿“一帶一路”的移動：“一帶一路”戰略對中國人口遷移影響]. **Translocal Chinese: East Asian Perspectives**, v. 11, n. 2, p. 312–332, 2017.

NASSANGA, G. L.; MAKARA, S. Perceptions of Chinese presence in Africa as reflected in the African media: case study of Uganda. **Chinese Journal of Communication**, v. 9, n. 1, p. 21–37, 2016.

NIEMI, R. G.; BREMER, J.; HEEL, M. Determinants of State Economic Perceptions. **Political Behavior**, v. 21, n. 2, p. 175–193, 1999.

NSHOM, E.; ARZAMASTSEVA, E. **Are Chinese immigrants in Cameroon perceived as a threat?** **AFRICA REVIEW**2-4 PARK SQUARE, MILTON PARK, ABINGDON OR14 4RN, OXON, ENGLANDTAYLOR & FRANCIS LTD, , 2 jan. 2021.

NYE, J. S. Soft Power. **Foreign Policy**, n. 80, p. 153–171, 1990a.

NYE, J. S. The Changing Nature of World Power. **Political Science Quarterly**, v. 105, n. 2, p. 177–192, 1990b.

OH, Y. **Southeast Asian Public Perceptions of China: Clusters and Gaps.** **KOREAN JOURNAL OF INTERNATIONAL STUDIES**4 DONGGYO-RO 15-GIL, MAPO-GU, SEOUL, 121-842, SOUTH KOREAKOREAN ASSOC INT STUDIES, , dez. 2021.

OLIVEIRA, A. J. S. N. DE; ONUKI, J. Balance of Power and International Trade: The Perception of the Brazilian Public Opinion about China and BRICS. Em: **The Coordination of BRICS Development Strategies Towards Shared Prosperity.** [s.l.] WORLD SCIENTIFIC, 2018. p. 109–119.

OLIVEIRA, H. A. DE. Brasil-China: trinta anos de uma parceria estratégica. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 47, p. 7–30, jun. 2004.

PAN, C. The “China Threat” in American Self-Imagination: The Discursive Construction of other as Power Politics. **Alternatives**, v. 29, n. 3, p. 305–331, 1 jun. 2004.

PAPERPILE. **BibTeX format explained [with examples] - BibTeX.com.** Disponível em: <<https://www.bibtex.com/g/bibtex-format/>>. Acesso em: 7 dez. 2023.

PARIS, R. **Canadian views on China: from ambivalence to distrust**: Research Paper. Canadá: Chatham House - The Royal Institute of International Affairs, 22 jul. 2020. Disponível em: <<https://apo.org.au/node/307880>>. Acesso em: 18 dez. 2021.

PARK, Y. J. Perceptions of Chinese in Southern Africa: Constructions of the other and the role of memory. **African Studies Review**, v. 56, n. 1, p. 131–153, 2013.

POISTER, G. **Exploring the effect of the Looking China Youth Film Project on its participants**. **INTERNATIONAL COMMUNICATION OF CHINESE CULTURE**CAMPUS, 4 CRINAN ST, LONDON, N1 9XW, ENGLANDSPRINGERNATURE, , jun. 2019.

PRIMIANO, C. B.; RICE, D.; KUDEBAYEVA, A. Perceptions of China in Central Asia: Findings from an elite university in Bishkek. **Asian Journal of Comparative Politics**, 2022.

PRIMIANO, C. B.; RICE, D.; KUDEBAYEVA, A. **Perceptions of China in Central Asia: Findings from an elite university in Bishkek**. **ASIAN JOURNAL OF COMPARATIVE POLITICS**1 OLIVERS YARD, 55 CITY ROAD, LONDON EC1Y 1SP, ENGLANDSAGE PUBLICATIONS LTD, , [s.d.].

RAFTOPOULOS, M.; RIETHOF, M. Promoting Renewable Energy or Environmental Problems? Environmental Politics and Sustainability in Sino-Brazilian Relations. **Journal of China and International Relations**, v. Specia, p. 151–176, 16 set. 2016.

RAMO, J. C. **Brand China**. **The Foreign Policy Centre**, 2007. Disponível em: <<https://fpc.org.uk/publications/brand-china/>>

RATIGAN, K. Are Peruvians Enticed by the “China Model”? Chinese Investment and Public Opinion in Peru. **Studies in Comparative International Development**, v. 56, n. 1, p. 87–111, 2021a.

RATIGAN, K. **Are Peruvians Enticed by the “China Model”? Chinese Investment and Public Opinion in Peru**. **STUDIES IN COMPARATIVE INTERNATIONAL DEVELOPMENT**ONE NEW YORK PLAZA, SUITE 4600, NEW YORK, NY, UNITED STATESSPRINGER, , mar. 2021b.

REBOL, M. Public Perceptions and Reactions : Gauging African Views of China in Africa. **Alternatives: Turkish Journal of International Relations**, v. 9, n. 4, p. 149–186, 2010.

REPÚBLICA POPULAR DA CHINA. **Vision and actions on jointly building Belt and Road**. Xinhua, , 28 mar. 2015. Disponível em: <[http://www.china.org.cn/china/Off\\_the\\_Wire/2015-03/28/content\\_35182638.htm](http://www.china.org.cn/china/Off_the_Wire/2015-03/28/content_35182638.htm)>. Acesso em: 24 fev. 2022

REPÚBLICA POPULAR DA CHINA. **Boundary**. Institucional. Disponível em: <<https://www.mfa.gov.cn/ce/cemk/eng/fac/t374367.htm>>. Acesso em: 25 fev. 2022.

RODRIGUES DE ANDRADE, F. M. et al. Twitter in Brazil: Discourses on China in times of coronavirus. **Social Sciences & Humanities Open**, v. 3, n. 1, p. 100118, 1 jan. 2021.

ROY, D. The “China Threat” Issue: Major Arguments. **Asian Survey**, v. 36, n. 8, p. 758–771, 1996.

RUIZ, N. G.; EDWARDS, K.; LOPEZ, M. H. **One-third of Asian Americans fear threats, physical attacks and most say violence against them is rising.** **Pew Research Center**, 21 abr. 2021. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/fact-tank/2021/04/21/one-third-of-asian-americans-fear-threats-physical-attacks-and-most-say-violence-against-them-is-rising/>>. Acesso em: 23 fev. 2022

SANTORO, M. The Sino-Brazilian Strategic Partnership: In Search of a Multipolar World. Em: SANTORO, M. (Ed.). **Brazil–China Relations in the 21st Century: The Making of a Strategic Partnership.** Singapore: Springer, 2022. p. 1–19.

SAVINO, S. Friend or Foe: Perceptions of China in Africa. **Student Publications**, 1 abr. 2018.

SCHUBERT, R. et al. Financial Decision-Making: Are Women Really More Risk-Averse? **American Economic Review**, v. 89, n. 2, p. 381–385, maio 1999.

SCHWELLER, R. L.; PU, X. After Unipolarity: China’s Visions of International Order in an Era of U.S. Decline. **International Security**, v. 36, n. 1, p. 41–72, 1 jul. 2011.

SCITA, J. The impact of COVID-19 on China–Persian Gulf relations: a game-changer or a spotlight? **Global Discourse**, v. 10, n. 4, p. 489–497, 1 nov. 2020.

SHIFRINSON, J. R. I.; BECKLEY, M. Debating China’s Rise and U.S. Decline. **International Security**, v. 37, n. 3, p. 172–181, 2012.

ŠIMALČÍK, M. Image of China in Slovakia: ambivalence, adoration, and fake news. **Asia Europe Journal**, v. 19, n. 2, p. 245–258, 2021.

SIMALCIK, M. **Image of China in Slovakia: ambivalence, adoration, and fake news.** **ASIA EUROPE JOURNAL** TIERGARTENSTRASSE 17, D-69121 HEIDELBERG, GERMANY SPRINGER HEIDELBERG, , jun. 2021.

SINGH, S. P.; MAYNE, Q. Satisfaction with Democracy: A Review of a Major Public Opinion Indicator. **Public Opinion Quarterly**, v. 87, n. 1, p. 187–218, 1 fev. 2023.

SOMMELLA, V. **NEW AMERICAN PERSPECTIVES ON THE “CHINA THREAT” ISSUE PETER NAVARRO AND THE “THUCYDIDES’S TRAP”.** **NUOVA RIVISTA STORICA**, ago. 2019.

SON, B. Doi Moi and Vietnamese threat perception of Chinese economic growth. **Japanese Journal of Political Science**, v. 21, n. 4, p. 179–193, 2020.

SONODA, S. Asian views of China in the age of China’s rise: interpreting the results of pew survey and Asian student survey in chronological and comparative perspectives, 2002-2019. **Journal of Contemporary East Asia Studies**, v. 10, n. 2, p. 262–279, 2021a.

SONODA, S. Asian views of China in the age of China’s rise: interpreting the results of pew survey and Asian student survey in chronological and comparative perspectives, 2002-2019. **Journal of Contemporary East Asia Studies**, v. 10, n. 2, p. 262–279, 2021b.

SUETUYI, L.; YIDONG, C. Mapping perception of China in Central and Eastern Europe. **Asia Europe Journal**, 2021a.



SUETYI, L.; YIDONG, C. Mapping perception of China in Central and Eastern Europe. **Asia Europe Journal**, 2021b.

SUMMERS, T. et al. Worsening British views of China in 2020: evidence from public opinion, parliament, and the media. **Asia Europe Journal**, 2021.

SUMMERS, T. et al. **Worsening British views of China in 2020: evidence from public opinion, parliament, and the media.** ASIA EUROPE JOURNAL TIERGARTENSTRASSE 17, D-69121 HEIDELBERG, GERMANY SPRINGER HEIDELBERG, , jun. 2022.

SYED, N. A. **The Effect of Beijing 2008 on China's Image in the United States: A Study of US Media and Polls.** INTERNATIONAL JOURNAL OF THE HISTORY OF SPORT 4 PARK SQUARE, MILTON PARK, ABINGDON OX14 4RN, OXFORDSHIRE, ENGLAND ROUTLEDGE JOURNALS, TAYLOR & FRANCIS LTD, , 2010a.

SYED, N. A. The effect of Beijing 2008 on China's Image in the United States: A Study of US Media and Polls. **International Journal of the History of Sport**, v. 27, n. 16–18, p. 2863–2892, 2010b.

TADEI, E. M. A mestiçagem enquanto um dispositivo de poder e a constituição de nossa identidade nacional. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 22, p. 2–13, dez. 2002.

TANEJA, P. Australian and Southeast Asian Perspectives on China's Military Modernization. **Journal of Asian Security and International Affairs**, v. 1, n. 2, p. 145–162, 2014.

TENORIO-TRILLO, M. **Latin America: The Allure and Power of an Idea.** [s.l.] University of Chicago Press, 2017.

TURCSÁNYI, R. Q. Central European attitudes towards Chinese energy investments: The cases of Poland, Slovakia, and the Czech Republic. **Energy Policy**, v. 101, p. 711–722, 1 fev. 2017.

TURCSANYI, R. Q. et al. **Followers, Challengers, or By-Standers? Central European Media Responses to Intensification of Relations with China.** INTERSECTIONS-EAST EUROPEAN JOURNAL OF SOCIETY AND POLITICS I ORSZAGHAZ U 30, PO BOX 20, BUDAPEST, 1250, HUNGARY CENTRE SOCIAL SCIENCES, HUNGARIAN ACAD SCIENCES, , 2019.

TURCSÁNYI, R. Q. et al. European public opinion on China in the age of COVID-19: Differences and common ground across the continent. **Central European Institute of Asian Studies & French Institute of International Relations Palacký University Olomouc**, p. 32, 2020.

UNESP. **O Brasil redescobre a Ásia.** **Jornal da Unesp**, 11 jan. 2022. Disponível em: <<https://jornal.unesp.br/2022/01/11/o-brasil-redescobre-a-asia/>>. Acesso em: 29 jan. 2024

WANG, D. et al. In the Eyes of the Beholder: How China and the U.S. See Each Other. **Journal of Contemporary China**, 2021.

WANG, J.; WANG, X. Media and Chinese Foreign Policy. **Journal of Contemporary China**, v. 23, n. 86, p. 216–235, 4 mar. 2014.

WANG, X. **Winning american hearts and minds china's image building efforts in the 21st century**. [s.l.] Springer Singapore, 2020.

WASSERMAN, H.; MADRID-MORALES, D. **How Influential Are Chinese Media in Africa? An Audience Analysis in Kenya and South Africa**. **INTERNATIONAL JOURNAL OF COMMUNICATION** UNIV SOUTHERN CALIFORNIA, KERCKHOFF HALL, 734 W ADAMS BLVD, MC7725, LOS ANGELES, CA 90089 USA USC ANNENBERG PRESS, , 2018a.

WASSERMAN, H.; MADRID-MORALES, D. How Influential Are Chinese Media in Africa? An Audience Analysis in Kenya and South Africa. **International Journal of Communication**, v. 12, p. 2212–2231, 2018b.

WEAKLIEM, D. L. The Effects of Education on Political Opinions: An International Study. **International Journal of Public Opinion Research**, v. 14, n. 2, p. 141–157, 1 jun. 2002.

WEISS, J. C. How Hawkish Is the Chinese Public? Another Look at “Rising Nationalism” and Chinese Foreign Policy. **Journal of Contemporary China**, v. 28, n. 119, p. 679–695, 3 set. 2019.

WELSH, B.; CHANG, A. Choosing China: public perceptions of ‘China as a model’. **Journal of Contemporary China**, v. 24, n. 93, p. 442–456, 4 maio 2015.

XI, J. **Speech By President Xi Jinping At the United Nations Office at Geneva**. Disponível em: <[http://iq.china-embassy.gov.cn/eng/zygx/201701/t20170123\\_2309166.htm](http://iq.china-embassy.gov.cn/eng/zygx/201701/t20170123_2309166.htm)>. Acesso em: 25 maio. 2023.

XI, J.; PRIMIANO, C. China's Influence in Asia: How Do Individual Perceptions Matter? **East Asia (Piscataway, N.j.)**, p. 1–22, 2 jun. 2020.

XIAOLIN, D. Unanswered Questions: Why We may be Wrong about Chinese Nationalism and its Foreign Policy Implications. **Journal of Contemporary China**, v. 26, n. 108, p. 886–900, 2 nov. 2017.

XIE, T.; PAGE, B. I. **What Affects China's National Image? A cross-national study of public opinion**. **JOURNAL OF CONTEMPORARY CHINA** 2-4 PARK SQUARE, MILTON PARK, ABINGDON OX14 4RN, OXON, ENGLAND ROUTLEDGE JOURNALS, TAYLOR & FRANCIS LTD, , 1 set. 2013.

XIE, Y.; JIN, Y. Global Attitudes toward China: Trends and Correlates. **Journal of Contemporary China**, v. 31, n. 133, p. 1–16, 2022a.

XIE, Y.; JIN, Y. **Global Attitudes toward China: Trends and Correlates**. **JOURNAL OF CONTEMPORARY CHINA** 2-4 PARK SQUARE, MILTON PARK, ABINGDON OX14 4RN, OXON, ENGLAND ROUTLEDGE JOURNALS, TAYLOR & FRANCIS LTD, , 2 jan. 2022b.

XU, J.; CAO, Y. **The image of Beijing in Europe: findings from The Times, Le Figaro, Der Spiegel from 2000 to 2015**. **PLACE BRANDING AND PUBLIC DIPLOMACY** BRUNEL RD BLDG, HOUNDMILLS, BASINGSTOKE RG21 6XS, HANTS, ENGLAND PALGRAVE MACMILLAN LTD, , set. 2019.

XU, Z. P.; ZHANG, Y. Can Chinese aid win the hearts and minds of Africa's local population? **Economic Modelling**, v. 90, p. 322–330, 2020.

XUANZUN, L. China to hold month-long military drills in South China Sea - **Global Times**. **Global Times**, 8 fev. 2021.

YANG, C. How China's image affects Chinese products in a partisan-motivated US market. **Global Media and China**, v. 5, n. 2, p. 169–187, 2020.

YANG, F. A Research Agenda on Religious Freedom in China. **The Review of Faith & International Affairs**, v. 11, n. 2, p. 6–17, 1 jun. 2013.

YANG, Y. E.; LIU, X. The 'China Threat' through the Lens of US Print Media: 1992–2006. **Journal of Contemporary China**, v. 21, n. 76, p. 695–711, 1 jul. 2012.

YANG, Z. **Determinants of foreign public opinion toward China**. Thesis—China: Hong Kong University of Science and Technology, 2010.

YAO, H.; LYU, Z. **The British Media's Opinion on China during COVID-19 Pandemic from the Perspective of Big Data : A Corpus-Based Study on British newspaper the Sun**. 2021 2nd International Conference on Big Data and Informatization Education (ICBDIE). **Anais...** Em: 2021 2ND INTERNATIONAL CONFERENCE ON BIG DATA AND INFORMATIZATION EDUCATION (ICBDIE). abr. 2021.

YEH, Y.-Y.; WU, C. K. S.; HUANG, W. **China's soft power and US public opinion**. **ECONOMIC AND POLITICAL STUDIES-EPS2-4** PARK SQUARE, MILTON PARK, ABINGDON OR14 4RN, OXON, ENGLAND TAYLOR & FRANCIS LTD, , 2 out. 2021a.

YEH, Y.-Y.; WU, C. K. S.; HUANG, W. **China's soft power and US public opinion**. **ECONOMIC AND POLITICAL STUDIES-EPS**, 2 out. 2021b.

YING, B. **A Data-based Research on China's National Image in COVID-19 Epidemic Reports Covered by German Mainstream Media**. Proceedings - 2021 International Conference on Public Health and Data Science, ICPHDS 2021. **Anais...**Institute of Electrical and Electronics Engineers Inc., 2021. Disponível em: <<https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85119493740&doi=10.1109%2fICPHDS53608.2021.00029&partnerID=40&md5=bc518bbb5aaa47e512aed9acdac7e721>>

YUAN, N. Reflections on China–US relations after the COVID-19 pandemic. **China International Strategy Review**, v. 2, n. 1, p. 14–23, 2020.

ZHAI, Y. Can power make a great state? Asian citizens' views of China's power. **Issues and Studies**, v. 51, n. 4, p. 85–117, 2015.

ZHAI, Y. A peaceful prospect or a threat to global order: How Asian youth view a rising China. **International Studies Review**, v. 21, n. 1, p. 38–56, 2019a.

ZHAI, Y. A peaceful prospect or a threat to global order: How Asian youth view a rising China. **International Studies Review**, v. 21, n. 1, p. 38–56, 2019b.

ZHANG, X. **Media construction of African image(s) for the Chinese media public.** [s.l.] Taylor and Francis Inc., 2017.

ZHANG, Y.; MWANGI, J. M. **A perception study on China's media engagement in Kenya: from media presence to power influence?** **CHINESE JOURNAL OF COMMUNICATION** 4 PARK SQUARE, MILTON PARK, ABINGDON OX14 4RN, OXFORDSHIRE, ENGLAND ROUTLEDGE JOURNALS, TAYLOR & FRANCIS LTD, , 2 jan. 2016.

ZHAO, S. Foreign Policy Implications of Chinese Nationalism Revisited: the strident turn. **Journal of Contemporary China**, v. 22, n. 82, p. 535–553, 1 jul. 2013.

ZHENG, B. **China's Peaceful Rise : Speeches of Zheng Bijian 1997-2004.** The Brookings Institution, , 2005. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2012/04/20050616bijianlunch.pdf>>. Acesso em: 24 jan. 2022

ZHENG, Z. The Changing Asian Perception of China's Rising: A BRI Context. **Palgrave Macmillan Asian Business Series**, p. 41–59, 2019.

ZHIXIN, C. **Australia's Fear and Greed over China's Rise: A Discourse Analysis of Mainstream News Coverage of the Belt and Road Initiative.** 2018.

## ANEXOS

### ANEXO A – DADOS SOBRE A ÁFRICA – NÍVEL PAÍS E INDIVÍDUO

	Benin	Botswana	Burkina Faso	Ghana	Kenya	Lesotho	Liberia	Madagascar	Malawi	Mali	Mozambique	Namibia	Nigeria	Senegal	South Africa	Tanzania	Uganda	Zambia	Zimbabwe	Total AB	
<b>Country-level variables</b>																					
Human Development Index <sup>[1]</sup>	0.425	0.626	0.322	0.520	0.429	0.441	0.346	0.486	0.392	0.332	0.306	0.597	0.453	0.461	0.613	0.414	0.437	0.420	0.345	0.449	
Freedom House <sup>[2]</sup> (1 = not free, 7 = free)	6.0	6.0	4.0	6.5	4.5	5.5	4.5	4.5	4.0	5.5	5.0	6.0	4.0	5.6	6.0	4.5	3.5	4.5	1.5	4.8	
Ethnic fractionalization	0.30	0.00	0.00	0.44	0.57	0.00	0.62	0.00	0.55	0.13	0.36	0.55	0.66	0.14	0.49	0.59	0.63	0.71	0.41	0.38	
<b>Individual-level variables</b>																					
Age (mean)	35.4	40.2	36.6	39.0	35.2	41.4	35.8	39.5	35.5	39.1	30.6	34.8	31.3	38.9	37.8	37.5	33.7	35.1	36.6	36.2	
Urban dwellers	41 %	55 %	27 %	45 %	23 %	26 %	47 %	24 %	15 %	27 %	32 %	36 %	49 %	45 %	66 %	26 %	20 %	37 %	37 %	37 %	
Education mean (0 = none, 9 = doctorate)	2.1	3.4	1.5	2.9	3.8	2.8	3.0	2.9	2.4	1.2	3.1	4.0	4.4	2.0	4.3	3.1	3.4	3.4	3.8	3.2	
News (0 = never get news, 4 = get news daily)	1.7	2.3	1.4	2.1	2.2	1.3	1.2	1.6	1.3	1.6	1.6	2.4	2.4	2.3	3.1	1.9	1.7	1.6	1.4	1.9	
Perception of international donors (0 = no help, 4 = help a lot)	2.6	2.6	2.9	2.6	2.7	3.3	2.8	3.0	2.3	2.8	2.5	2.7	2.2	2.6	2.1	2.6	2.7	2.7	3.3	2.6	
Employed	19 %	29 %	15 %	58 %	41 %	15 %	18 %	56 %	16 %	16 %	25 %	41 %	51 %	25 %	50 %	45 %	40 %	23 %	23 %	33 %	
Assets mean (0 = own nothing, 1 = own all three)	0.44	0.44	0.36	0.41	0.42	0.33	0.24	0.35	0.30	0.36	0.39	0.40	0.53	0.40	0.61	0.30	0.32	0.35	0.33	0.40	
Remittance receivers	12 %	11 %	23 %	22 %	11 %	30 %	22 %	5 %	11 %	24 %	10 %	16 %	24 %	31 %	15 %	5 %	13 %	10 %	30 %	17 %	
Muslim	27 %	0.5 %	58 %	16 %	14 %	0 %	9 %	3 %	11 %	88 %	21 %	0 %	38 %	95 %	3 %	33 %	10 %	0.1 %	0.4 %	22 %	

Fonte: (INMAN, 2016, p. 8)

	Benin	Botswana	Burkina Faso	Ghana	Kenya	Lesotho	Liberia	Madagascar	Malawi	Mali	Mozambique	Namibia	Nigeria	Senegal	South Africa	Tanzania	Uganda	Zambia	Zimbabwe	Total AB
Perceptions of elite corruption (0 = none are corrupt, 4 = all are corrupt)	2.0	1.3	1.7	1.7	2.1	1.4	2.0	1.6	1.7	2.1	1.5	1.6	2.2	1.9	1.7	1.5	2.1	1.8	1.9	1.8
Perceptions of governance (1 = very bad, 4 = very well)	2.8	3.3	2.6	3.2	2.6	2.5	2.7	3.1	3.2	2.7	3.2	3.1	2.6	2.4	2.8	3.0	2.8	2.3	3.0	2.8
Support for democracy (0 = democracy doesn't matter, 2 = democracy is important)	1.7	1.8	1.5	1.7	1.7	1.2	1.6	1.3	1.6	1.6	1.4	1.5	1.5	1.6	1.5	1.6	1.7	1.7	1.6	1.6
Party identification (0 = opposition or no party ID, 1 = president's party)	19 %	55 %	38 %	36 %	14 %	33 %	20 %	24 %	48 %	10 %	63 %	44 %	22 %	31 %	29 %	71 %	38 %	22 %	8 %	34 %
Political interest (0 = not interested; 3 = very interested)	1.9	2.0	2.0	1.9	2.0	2.0	1.5	1.6	1.8	2.0	1.9	1.7	1.7	1.9	1.6	2.2	1.7	1.7	1.7	1.8
Trust (0 = no trust; 3 = trust a lot)	1.6	2.0	2.0	1.8	1.4	1.7	1.4	1.6	2.0	1.8	2.1	1.9	1.1	1.6	1.5	2.0	1.5	1.6	1.4	1.6

1. The original HDI combines measures along three dimensions – education, health and living standards – into a composite value between 0 and 1 (see <http://hdr.undp.org/en/statistics/hdi/> for further details on the construction of the HDI). Here, I transform the original HDI to a scale from 1 to 4, where 1 = HDI is less than 0.4, 2 = HDI is between 0.4 and 0.5, 3 = HDI is between 0.5 and 0.6, and 4 = HDI is greater than 0.6.

2. The original Freedom House score ranges from 1 = not free, to 7 = free. I invert the scale in order to make the regression analysis more intuitive. Freedom House data are available at [www.freedomhouse.org](http://www.freedomhouse.org). Values are from 2008.

Fonte: (INMAN, 2016, p. 9)

## ANEXO B – CODEBOOK LATINOBARÓMETRO 2011

NUMINVES	Year Research 2011.- 2011
IDENPA	Country of interview 76.- Brasil
Region/Geographical Area	
Code	Label
-4-	No preguntada
76001	BR: Norte
76002	BR: Nordeste
76003	BR: Sudeste
76004	BR: Sul
76005	BR: Centro-Oeste
P44ST.C	Opinion of China 1.- Very good 2.- Good 3.- Bad 4.- Very bad -1.- Don't know -2.- No answer/Refused -4.- Not asked
P14ST.A	Satisfaction with democracy 1.- Very Satisfied 2.- Quite Satisfied 3.- Not very Satisfied 4.- Not at all Satisfied -1.- Don't know -2.- No answer/Refused -3.- Not applicable -4.- Not asked
S34	Perception of the respondent's socioeconomic status 1.- Very good

- 2.- Good
- 3.- Not bad
- 4.- Bad
- 5.- Very bad
- 2.- No answer/Refused
- 4.- Not asked

S16

Respondent's sex

- 1.- Male
- 2.- Female
- 2.- No answer/Refused

S17

Age

- 15-25.- 15-25
- 26-40.- 26-40
- 41-60.- 41-60
- 61-100.- 61 and more
- 2.- No answer/Refused

P76ST

Self-positioning in Left- Right scale

- 0.- Left
- 1.- 1
- 2.- 2
- 3.- 3
- 4.- 4
- 5.- 5
- 6.- 6
- 7.- 7
- 8.- 8
- 9.- 9
- 10.- Right
- 1.- Don't know
- 2.- No answer/Refused
- 3.- Not applicable
- 4.- Not asked
- 6.- None

S18

Religion

- 1.- Catholic
- 2.- Evangelic without specifications



- 3.- Evangelic Baptist
- 4.- Evangelic Methodist
- 5.- Evangelic Pentecostal
- 6.- Adventist
- 7.- Jehovah Witness
- 8.- Mormon
- 9.- Jewish
- 10.- Protestant
- 11.- Afro-American Cult, Umbanda, etc
- 12.- Believer, not belonging to any church
- 13.- Agnostic
- 14.- Atheist
- 96.- Others
- 97.- None
- 1.- Don't know
- 2.- No answer/Refused
- 4.- Not asked

S21

Respondent Years/Type of education

- 1.- Without education
- 2.- 1 year
- 3.- 2 years
- 4.- 3 years
- 5.- 4 years
- 6.- 5 years
- 7.- 6 years
- 8.- 7 years
- 9.- 8 years
- 10.- 9 years
- 11.- 10 years
- 12.- 11 years
- 13.- 12 years
- 14.- Incomplete university
- 15.- Completed university
- 16.- High school/academies/Incomplete technical training
- 17.- High school/academies/Complete technical training
- 1.- Don't know
- 2.- No answer/Refused

S27

Ethnic group

- 1.- Asian
- 2.- Black
- 3.- Indigenous
- 4.- Mestizo
- 5.- Mulato
- 6.- White
- 7.- Other race
- 1.- Don't know
- 2.- No answer
- 4.- Not asked

### ANEXO C – CODEBOOK LATINOBARÓMETRO 2013

NUMINVES

Study year  
17.- 2013

IDENPA

Country code  
76.- Brasil

Region/Geographical Area

Code

Label

-4-

No preguntada

76001

BR: Norte

76002

BR: Nordeste

76003

BR: Sudeste

76004

BR: Sul

76005

BR: Centro-Oeste

P48ST.C

Opinion: China

1.- Very good

2.- Good

3.- Bad

4.- Very bad

-1.- Don't know

-2.- No answer/Refused

-4.- Not asked

P13TGB.A

Satisfaction with democracy

1.- Very satisfied

2.- Quite satisfied

- 3.- Not very satisfied
- 4.- Not at all satisfied
- 1.- Don't know
- 2.- No answer/Refused
- 3.- Not applicable
- 4.- Not asked

S27

Perception of the respondent's socioeconomic status

- 1.- Very good
- 2.- Good
- 3.- Not bad
- 4.- Bad
- 5.- Very bad
- 2.- No answer/Refused
- 4.- Not asked

S10

Respondent's sex

- 1.- Male
- 2.- Female
- 2.- No answer/Refused

S11

Age

- 15-25.- 15-25
- 26-40.- 26-40
- 41-60.- 41-60
- 61-100.- 61 and more
- 2.- No answer/Refused

P41ST

Self-positioning in Left- Right scale

- 0.- Left
- 1.- 1
- 2.- 2
- 3.- 3
- 4.- 4
- 5.- 5
- 6.- 6
- 7.- 7
- 8.- 8
- 9.- 9
- 10.- Right

- 1.- Don't know
- 2.- No answer/Refused
- 3.- Not applicable
- 4.- Not asked
- 6.- None

PS14	Religion
Code	Label
1	Catholic
2	Evangelic without specifications
3	Evangelic Baptist
4	Evangelic Methodist
5	Evangelic Pentecostal
6	Adventist
7	Jehovah Witness
8	Mormon
9	Jewish
10	Protestant
11	Afro-American Cult, Umbanda, etc
12	Believer, not belonging to any church
13	Agnostic
14	Atheist
15	Christian
16	Muslim
17	Budhist
18	Orthodox
96	Others
97	None
-1-	Don't know
-2-	No answer/Refused
-4-	Not asked

S17	Respondent Years/Type of education
	1.- Without education
	2.- 1 year
	3.- 2 years
	4.- 3 years
	5.- 4 years
	6.- 5 years
	7.- 6 years
	8.- 7 years
	9.- 8 years

- 10.- 9 years
- 11.- 10 years
- 12.- 11 years
- 13.- 12 years
- 14.- Incomplete university
- 15.- Completed university
- 16.- High school/academies/Incomplete technical training
- 17.- High school/academies/Complete technical training
- 1.- Don't know
- 2.- No answer/Refused

S21

- Ethnic group
- 1.- Asian
  - 2.- Black
  - 3.- Indigenous
  - 4.- Mestizo
  - 5.- Mulatto
  - 6.- White
  - 7.- Other race
  - 1.- Don't know
  - 2.- No answer/Refused
  - 4.- Not asked

#### **ANEXO D – CODEBOOK LATINOBARÓMETRO 2015**

NUMINVES

- Study year
- 18.- 2015

IDENPA

- Country code
- 76.- Brasil

PREG

Code

Region/Geographical Area

Label

-4-

No preguntada

76010

BR: Región Norte: AC–Acre (Rio Branco)

76011

BR: Región Norte: AM–Amazonas (Manaos)

76012

BR: Región Norte: AP–Amapá (Macapá)

76013

BR: Región Norte: PA–Pará (Belém)

76014

BR: Región Norte: RO–Rondônia (Porto Velho)

76015

BR: Región Norte: RR–Roraima (Boa Vista)

76016

BR: Región Norte: TO–Tocantins (Palmas)

76020

BR: Región Nordeste: AL–Alagoas (Maceió)

76021	BR: Región Nordeste: BA–Bahía (Salvador)
76022	BR: Región Nordeste: CE–Ceará (Fortaleza)
76023	BR: Región Nordeste: MA–Maranhão (São Luís)
76024	BR: Región Nordeste: PB–Paraíba (João Pessoa)
76025	BR: Región Nordeste: PE–Pernambuco (Recife)
76026	BR: Región Nordeste: PI–Piauí (Teresina)
76027 (Natal)	BR: Región Nordeste: RN–Rio Grande do Norte
76028	BR: Región Nordeste: SE – Sergipe (Aracaju)
76030	BR: Región Sudeste: ES–Espírito Santo (Vitória)
76031 Horizonte)	BR: Región Sudeste: MG–Minas Gerais (Belo
76032 Janeiro)	BR: Región Sudeste: RJ–Río de Janeiro (Río de
76033	BR: Región Sudeste: SP–São Paulo (São Paulo)
76040	BR: Región Sur: PR–Paraná (Curitiba)
76041 Alegre)	BR: Región Sur: RS–Rio Grande do Sul (Porto
76042	BR: Región Sur: SC–Santa Catarina (Florianópolis)
76050 (Brasilia)	BR: Región Centro-Oeste: DF–Distrito Federal
76051	BR: Región Centro-Oeste: GO–Goiás (Goiânia)
76052 (Cuiabá)	BR: Región Centro-Oeste: MT–Mato Grosso
76053 (Campo Grande)	BR: Región Centro-Oeste: MS–Mato Grosso do Sul

P35ST.C

Opinion: China

- 1.- Very good
- 2.- Good
- 3.- Bad
- 4.- Very bad
- 1.- Don't know
- 2.- No answer/Refused
- 4.- Not asked

P12TG.A

Satisfaction with democracy

- 1.- Very satisfied
- 2.- Quite satisfied
- 3.- Not very satisfied
- 4.- Not at all satisfied
- 1.- Don't know
- 2.- No answer/Refused

-3.- Not applicable

-4.- Not asked

S29

Perception of the respondent's socioeconomic status

1.- Very good

2.- Good

3.- Not bad

4.- Bad

5.- Very bad

-2.- No answer/Refused

-4.- Not asked

SEXO

SEXO

1.- Hombre

2.- Mujer

REEDAD

Summary of Respondent's Age

1.- 16-25

2.- 26-40

3.- 41-60

4.- 61 and more

P27ST

Self-positioning in Left- Right scale

0.- Left

1.- 1

2.- 2

3.- 3

4.- 4

5.- 5

6.- 6

7.- 7

8.- 8

9.- 9

10.- Right

-1.- Don't know

-2.- No answer/Refused

-3.- Not applicable

-4.- Not asked

-6.- None

S16

Religion

- 1.- Catholic
- 2.- Evangelic without specifications
- 3.- Evangelic Baptist
- 4.- Evangelic Methodist
- 5.- Evangelic Pentecostal
- 6.- Adventist
- 7.- Jehovah Witness
- 8.- Mormon
- 9.- Jewish
- 10.- Protestant
- 11.- Afro-American Cult, Umbanda, etc
- 12.- Believer, not belonging to any church
- 13.- Agnostic
- 14.- Atheist
- 96.- Others
- 97.- None
- 1.- Don't know
- 2.- No answer/Refused
- 4.- Not asked

S19

Respondent's Studies

- 1.- Without education
- 2.- 1 year
- 3.- 2 years
- 4.- 3 years
- 5.- 4 years
- 6.- 5 years
- 7.- 6 years
- 8.- 7 years
- 9.- 8 years
- 10.- 9 years
- 11.- 10 years
- 12.- 11 years
- 13.- 12 years
- 14.- Incomplete university
- 15.- Completed university
- 16.- High school/academies/Incomplete technical training
- 17.- High school/academies/Complete technical training
- 1.- Don't know



-2.- No answer/Refused

S23

Ethnic group

1.- Asian

2.- Black

3.- Indigenous

4.- Mestizo

5.- Mulatto

6.- White

7.- Other race

-1.- Don't know

-2.- No answer/Refused

-4.- Not asked

**ANEXO E – CODEBOOK LATINOBARÓMETRO 2016**

NUMINVES

Year of survey

2016.- 2016

IDENPA

Country

76.- Brasil

PREG

Region

Code

Label

-4-

No preguntada

76001

BR: Norte

76002

BR: Nordeste

76003

BR: Sudeste

76004

BR: Sul

76005

BR: Centro-Oeste

P46STC

Opinion of China

1.- Very good

2.- Good

3.- Bad

4.- Very bad

-4.- Not asked

-3.- Not applicable

-2.- No answer/Refused

-1.- Don't know

P9STGBSA

Satisfaction with democracy

- 1.- Very satisfied
- 2.- Rather satisfied
- 3.- Not very satisfied
- 4.- Not at all satisfied
- 1.- Don't know
- 2.- No answer/Refused
- 3.- Not applicable
- 4.- Not asked

S22

Perception of the respondent's socioeconomic status

- 1.- Very good
- 2.- Good
- 3.- Not bad
- 4.- Bad
- 5.- Very bad
- 2.- No answer/Refused
- 4.- Not asked

SEXO

Respondent's sex

- 1.- Male
- 2.- Female
- 2.- No answer/Refused

EDAD

Age

- 15-25.- 15-25
- 26-40.- 26-40
- 41-60.- 41-60
- 61-100.- 61 and more
- 2.- No answer/Refused

A\_008\_001

Self-positioning in Left- Right scale

- 0.- Left
- 1.- 1
- 2.- 2
- 3.- 3
- 4.- 4
- 5.- 5
- 6.- 6
- 7.- 7

- 8.- 8
- 9.- 9
- 10.- Right
- 1.- Don't know
- 2.- No answer/Refused
- 3.- Not applicable
- 4.- Not asked
- 6.- None

S8

Religion

- 1.- Catholic
- 2.- Evangelic without specifications
- 3.- Evangelic Baptist
- 4.- Evangelic Methodist
- 5.- Evangelic Pentecostal
- 6.- Adventist
- 7.- Jehovah Witness
- 8.- Mormon
- 9.- Jewish
- 10.- Protestant
- 11.- Afro-American Cult, Umbanda, etc
- 12.- Believer, not belonging to any church
- 13.- Agnostic
- 14.- Atheist
- 96.- Others
- 97.- None
- 1.- Don't know
- 2.- No answer/Refused
- 4.- Not asked

S13

Respondent Years/Type of education

- 1.- Without education
- 2.- 1 year
- 3.- 2 years
- 4.- 3 years
- 5.- 4 years
- 6.- 5 years
- 7.- 6 years
- 8.- 7 years
- 9.- 8 years
- 10.- 9 years
- 11.- 10 years

- 12.- 11 years
- 13.- 12 years
- 14.- Incomplete university
- 15.- Completed university
- 16.- High school/academies/Incomplete technical training
- 17.- High school/academies/Complete technical training
- 1.- Don't know
- 2.- No answer/Refused

- S9 Ethnicity or race with which you identify better
- 1.- Asian
  - 2.- Black
  - 3.- Indigenous
  - 4.- Mestizo
  - 5.- Mulato
  - 6.- White
  - 7.- Other race
  - 1.- Don't know
  - 2.- No answer/Refused
  - 4.- Not asked

#### ANEXO F – CODEBOOK LATINOBARÓMETRO 2017

NUMINVES Year of survey  
2017.- 2017

IDENPA Country  
76.- Brasil

PREG Region  
Code Label  
-5- Sin dato  
-4- No preguntada  
76010 BR: Región Norte: AC–Acre (Rio Branco)  
76011 BR: Región Norte: AM–Amazonas (Manaos)  
76012 BR: Región Norte: AP–Amapá (Macapá)  
76013 BR: Región Norte: PA–Pará (Belém)  
76014 BR: Región Norte: RO–Rondônia (Porto Velho)  
76015 BR: Región Norte: RR–Roraima (Boa Vista)  
76016 BR: Región Norte: TO–Tocantins (Palmas)

76020	BR: Región Nordeste: AL–Alagoas (Maceió)
76021	BR: Región Nordeste: BA–Bahía (Salvador)
76022	BR: Región Nordeste: CE–Ceará (Fortaleza)
76023	BR: Región Nordeste: MA–Maranhão (São Luís)
76024	BR: Región Nordeste: PB–Paraíba (João Pessoa)
76025	BR: Región Nordeste: PE–Pernambuco (Recife)
76026	BR: Región Nordeste: PI–Piauí (Teresina)
76027 (Natal)	BR: Región Nordeste: RN–Rio Grande do Norte
76028	BR: Región Nordeste: SE – Sergipe (Aracaju)
76030	BR: Región Sudeste: ES–Espírito Santo (Vitória)
76031 Horizonte)	BR: Región Sudeste: MG–Minas Gerais (Belo
76032 Janeiro)	BR: Región Sudeste: RJ–Río de Janeiro (Río de
76033	BR: Región Sudeste: SP–São Paulo (São Paulo)
76040	BR: Región Sur: PR–Paraná (Curitiba)
76041 Alegre)	BR: Región Sur: RS–Rio Grande do Sul (Porto
76042	BR: Región Sur: SC–Santa Catarina (Florianópolis)
76050 (Brasilia)	BR: Región Centro-Oeste: DF–Distrito Federal
76051	BR: Región Centro-Oeste: GO–Goiás (Goiânia)
76052 (Cuiabá)	BR: Región Centro-Oeste: MT–Mato Grosso
76053 (Campo Grande)	BR: Región Centro-Oeste: MS–Mato Grosso do Sul

P45ST.C

Opinion about China

- 1.- Very good
- 2.- Good
- 3.- Bad
- 4.- Very bad
- 1.- Don't know
- 2.- No answer/Refused
- 4.- Not asked

P9STGBSC.A

Satisfaction with democracy

- 1.- Very satisfied
- 2.- Rather satisfied
- 3.- Not very satisfied
- 4.- Not at all satisfied
- 1.- Don't know

- 2.- No answer/Refused
- 3.- Not applicable
- 4.- Not asked

S22

Perception of the respondent's socioeconomic status

- 1.- Very good
- 2.- Good
- 3.- Not bad
- 4.- Bad
- 5.- Very bad
- 2.- No answer/Refused
- 4.- Not asked

SEXO

Respondent's sex

- 1.- Male
- 2.- Female
- 2.- No answer/Refused

EDAD

Age

- 15-25.- 15-25
- 26-40.- 26-40
- 41-60.- 41-60
- 61-100.- 61 and more
- 2.- No answer/Refused

P19STC

Self-positioning in Left- Right scale

- 0.- Left
- 1.- 1
- 2.- 2
- 3.- 3
- 4.- 4
- 5.- 5
- 6.- 6
- 7.- 7
- 8.- 8
- 9.- 9
- 10.- Right
- 1.- Don't know
- 2.- No answer/Refused
- 3.- Not applicable
- 4.- Not asked

-6.- None

S9

Religion

- 1.- Catholic
- 2.- Evangelic without specifications
- 3.- Evangelic Baptist
- 4.- Evangelic Methodist
- 5.- Evangelic Pentecostal
- 6.- Adventist
- 7.- Jehovah Witness
- 8.- Mormon
- 9.- Jewish
- 10.- Protestant
- 11.- Afro-American Cult, Umbanda, etc
- 12.- Believer, not belonging to any church
- 13.- Agnostic
- 14.- Atheist
- 96.- Others
- 97.- None
- 1.- Don't know
- 2.- No answer/Refused
- 4.- Not asked

S14

Respondent Years/Type of education

- 1.- Without education
- 2.- 1 year
- 3.- 2 years
- 4.- 3 years
- 5.- 4 years
- 6.- 5 years
- 7.- 6 years
- 8.- 7 years
- 9.- 8 years
- 10.- 9 years
- 11.- 10 years
- 12.- 11 years
- 13.- 12 years
- 14.- Incomplete university
- 15.- Completed university
- 16.- High school/academies/Incomplete technical training

17.- High school/academies/Complete technical training

-1.- Don't know

-2.- No answer/Refused

S10

Ethnicity or race with which you identify better

1.- Asian

2.- Black

3.- Indigenous

4.- Mestizo

5.- Mulato

6.- White

7.- Other race

-1.- Don't know

-2.- No answer/Refused

-4.- Not asked

#### **ANEXO G – CODEBOOK LATINOBARÓMETRO 2018**

NUMINVES

Year of survey

2018.- 2018

IDENPA

Country

76.- Brasil

PREG

Region

Code

Label

-4-

No preguntada

76001

BR: Norte

76002

BR: Nordeste

76003

BR: Sudeste

76004

BR: Sul

76005

BR: Centro-Oeste

P40ST.C

Opinion about: China

1.- Very good

2.- Good

3.- Bad

4.- Very bad

-1.- Don't know



-2.- No answer/Refused

-4.- Not asked

P13STGBS.A

Satisfaction with democracy

1.- Very satisfied

2.- Rather satisfied

3.- Not very satisfied

4.- Not at all satisfied

-1.- Don't know

-2.- No answer/Refused

-3.- Not applicable

-4.- Not asked

S26

Perception of the respondent's socioeconomic status

1.- Very good

2.- Good

3.- Not bad

4.- Bad

5.- Very bad

-2.- No answer/Refused

-4.- Not asked

SEXO

Respondent's sex

1.- Male

2.- Female

-2.- No answer/Refused

EDAD

Age

15-25.- 15-25

26-40.- 26-40

41-60.- 41-60

61-100.- 61 and more

-2.- No answer/Refused

P22ST

Self-positioning in Left- Right scale

0.- Left

1.- 1

2.- 2

3.- 3

- 4.- 4
- 5.- 5
- 6.- 6
- 7.- 7
- 8.- 8
- 9.- 9
- 10.- Right
- 1.- Don't know
- 2.- No answer/Refused
- 3.- Not applicable
- 4.- Not asked
- 6.- None

S5

Religion

- 1.- Catholic
- 2.- Evangelic without specifications
- 3.- Evangelic Baptist
- 4.- Evangelic Methodist
- 5.- Evangelic Pentecostal
- 6.- Adventist
- 7.- Jehovah Witness
- 8.- Mormon
- 9.- Jewish
- 10.- Protestant
- 11.- Afro-American Cult, Umbanda, etc
- 12.- Believer, not belonging to any church
- 13.- Agnostic
- 14.- Atheist
- 96.- Others
- 97.- None
- 1.- Don't know
- 2.- No answer/Refused
- 4.- Not asked

S10

Respondent Years/Type of education

- 1.- Without education
- 2.- 1 year
- 3.- 2 years
- 4.- 3 years
- 5.- 4 years
- 6.- 5 years
- 7.- 6 years

- 8.- 7 years
- 9.- 8 years
- 10.- 9 years
- 11.- 10 years
- 12.- 11 years
- 13.- 12 years
- 14.- Incomplete university
- 15.- Completed university
- 16.- High school/academies/Incomplete technical training
- 17.- High school/academies/Complete technical training
- 1.- Don't know
- 2.- No answer/Refused

- S6 Ethnicity or race with which you identify better
- 1.- Asian
  - 2.- Black
  - 3.- Indigenous
  - 4.- Mestizo
  - 5.- Mulato
  - 6.- White
  - 7.- Other race
  - 1.- Don't know
  - 2.- No answer/Refused
  - 4.- Not asked

## **ANEXO H – CODEBOOK LATINOBARÓMETRO 2020**

NUMINVES	Research Number 2020- 2020
IDENPA Code 76	Country Identification Label Brasil
REG 76001 76002 76003 76004 76005	Region/Geographical Area BR: Norte BR: Nordeste BR: Sudeste BR: Sul BR: Centro-Oeste

P30ST.C

Opinion about China

- 1- very favorable
- 2- somewhat favorable
- 3- Somewhat unfavorable
- 4- very unfavorable
- 1-- Don't know
- 2-- No answer
- 3-- Not applicable
- 4-- Not asked
- 5-- Don't know / No answer

P11STGBS.A

Satisfaction with democracy

- 1- Very satisfied
- 2- Quite satisfied
- 3- Not very satisfied
- 4- Not at all satisfied
- 1-- Don't know
- 2-- No answer
- 3-- Not applicable
- 4-- Not asked
- 5-- Don't know / No answer

S30

Perception of the respondent's socioeconomic status

- 1- Very good
- 2- Good
- 3- Average
- 4- Bad
- 5- Very bad
- 1-- Don't know
- 2-- No answer
- 3-- Not applicable
- 4-- Not asked
- 5-- Don't know / No answer

SEXO

Respondent's gender

- 1- Man
- 2- Woman
- 1-- No sabe
- 2-- No contesta
- 3-- No aplicable

- 4-- No preguntada
- 5-- No sabe / No contesta

EDAD

- Respondent's age
- 15-25- 15-25
  - 26-40- 26-40
  - 41-60- 41-60
  - 61-100- 61 y más
  - 1-- No sabe
  - 2-- No contesta
  - 3-- No aplicable
  - 4-- No preguntada
  - 5-- No sabe / No contesta

P18ST

- Self-positioning in Left- Right scale
- 0- Left
  - 1- 1
  - 2- 2
  - 3- 3
  - 4- 4
  - 5- 5
  - 6- 6
  - 7- 7
  - 8- 8
  - 9- 9
  - 10- Right
  - 97- None
  - 1-- Don't know
  - 2-- No answer
  - 3-- Not applicable
  - 4-- Not asked
  - 5-- Don't know / No answer

S10  
Code

- Religion  
Label
- 1 Catholic
  - 2 Evangelical (no specific)
  - 3 Evangelical baptism
  - 4 Evangelical methodist
  - 5 Evangelical Pentecostal

6	Adventist
7	Jehovah's Witnesses
8	Mormón
9	Jewish
10	Protestant
11	African American Cults/umbanda
12	Believer, not belong to the church
13	Agnostic
14	Atheist
96	Other
97	None
-1	Don't know
-2	No answer
-3	Not applicable
-4	Not asked
-5	Don't know / No answer

S16	Respondent's level of education
Code	Label
0	DNA
1	No studies
2	1 year
3	2 years
4	3 years
5	4 years
6	5 years
7	6 years
8	7 years
9	8 years
10	9 years
11	10 years
12	11 years
13	12 years
14	Incomplete university studies
15	Complete university studies
16	Superior institute/ academy/ incomplete technical studies
17	Superior institute/ academy/ complete technical studies
-1	Don't know
-2	No answer
-3	Not applicable
-4	Not asked

-5

Don't know / No answer

S12

What ethnicity or race you identify best with?

1- Asian

2- Black

3- Indigenous

4- Mestizo

5- Mulatto

6- White

7- Other race

-1-- Don't know

-2-- No answer

-3-- Not applicable

-4-- Not asked

-5-- Don't know / No answer

#### ANEXO I – CODEBOOK LAPOP 2012

PAIS: 15. BRASIL.

ESTRATOPRI Região brasileira:

(1501) Norte (1502) Nordeste (1503) Centro-Oeste (1504) Sudeste (1505) Sul

MIL10A. O governo da China. Na sua opinião ele é muito confiável, algo confiável, pouco confiável, nada confiável, ou não tem opinião?

Muito confiável	Algo confiável	Pouco confiável	Nada confiável	NS/não tem opinião	NR	NSA
1	2	3	4	88	98	99

PN4. De uma maneira geral, o(a) sr./sra. está muito satisfeito(a), satisfeito(a), insatisfeito(a)

ou muito insatisfeito(a) com o funcionamento da democracia no Brasil?

Muito satisfeito	Satisfeito	Insatisfeito	Muito insatisfeito	NS/não tem opinião	NR	NSA
1	2	3	4	88	98	99

SOCT1. Agora, falando da economia...Como o(a) sr./sra. avalia a situação econômica do país? O(A) sr./sra. acha que é muito boa, boa, nem boa nem má, má ou muito má?

Muito boa	Boa	Nem boa, nem má (regular)	Má	Muito má (péssima)	NS	NR
1	2	3	4	5	88	98

Q1. Sexo: (1) Homem (2) Mulher

Q2D-Y Idade:

<p><b>Q2D-Y. Em que dia, mês e ano o(a) sr./sra. nasceu? [Se recusar dizer o dia e mês, pedir só o ano ou perguntar a idade e calcular o ano depois.]</b>          Dia: _____ Mês (01 = Janeiro): _____ Ano: _____          (Para Q2D e Q2M: 88 = NS y 98 = NR)          (Para Q2Y: 8888 = NS e 9888 = NR)</p>	<p>__ _ Q2D Dia __ _ Q2M Mês __ _ _ Q2Y Ano</p>
--	---

ED Educação:

<p><b>ED. Qual foi o último ano de escola que o(a) sr./sra. terminou</b>          ____ Ano do _____ (primário, secundário, universidade, superior não-universitário) =          total de anos <b>[Usar tabela abaixo para código]</b></p>								
	1 <sup>o</sup>	2 <sup>o</sup>	3 <sup>o</sup>	4 <sup>o</sup>	5 <sup>o</sup>	6 <sup>o</sup>	7 <sup>o</sup>	8 <sup>o</sup>
Nenhum	0							
Primário	1	2	3	4	5	6	7	8
Secundário	9	10	11					
Universidade	12	13	14	15	16	17+		
Ensino Superior não-universitário	12	13	14	15				
NS	88							
NR	98							

L1 Ideologia:

<p><b>[ENTREGUE CARTÃO "A" AO ENTREVISTADO]</b>  <b>L1. Agora, para mudar de assunto..... Nesse cartão há uma escala, de 1 a 10, na qual o número 1 significa "esquerda" e o 10 significa "direita". Hoje em dia, quando se conversa de tendências políticas, fala-se de pessoas que simpatizam mais com a esquerda e de pessoas que simpatizam mais com a direita. De acordo com o sentido político que os termos "esquerda" e "direita" têm para o(a) sr./sra, onde o(a) sr./sra. se situa nesta escala?</b></p>											
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	NS 88	NR 98
Esquerda									Direita		

Q3C Religião:



**Q3C. Qual a sua religião, se tiver? [Não leia as alternativas] [Se o entrevistado diz que não tem religião, explore para escolher se o entrevistado pretence à alternativa 4 ou 11]**

(1) Católica

(2) Protestante Tradicional ou Evangélica não pentecostal (adventista, batista, calvinista, luterano, metodista, presbiteriano, anglicano, episcopal, Discípulo de Cristo) **(especificar qual igreja/denominação)** \_\_\_\_\_

(3) Outra não cristã (Muçulmano, Budista, Indoísta, Taoísta, Confuciano, Baha'i)

(4) Nenhuma (Acredita em uma entidade suprema mas não pertence à religião nenhuma)

(5) Evangélica pentecostal (pentecostal, Igreja Universal, Sara Nossa Terra, etc) **(especificar qual igreja/denominação)** \_\_\_\_\_

(6) Mormom ou Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias ou SUD

(7) Religiões Tradicionais ou nativas (candomblé, umbanda, voodoo, rastafari, religiões mayas, Santo Daime, Esotérica)

(8) Espírita kardecista

(10) Judeu (Ortodoxo, reforma, conservador)

(11) É ateu/Não acredita em Deus

(12) Testemunha de Jeová

(88) NS (98) NR

ETID Etnia/Grupo étnico:

**ETID. Você se considera uma pessoa branca, preta, parda, indígena ou amarela? [Se diz Afro-brasileira, codificar como (4) Preta]**

(1) Branca (3) Indígena (4) Preta (5) Pardo (6) Amarela (7) Outra

(88) NS (98) NR

## ANEXO J – CODEBOOK LAPOP 2014

PAIS. 15. Brasil

ESTRATOPRI Região brasileira:

(1501) Norte (1502) Nordeste (1503) Centro-Oeste (1504) Sudeste (1505) Sul

MIL10A. O governo da China. Na sua opinião ele é muito confiável, algo confiável, pouco confiável, nada confiável, ou não tem opinião?

Muito confiável	Algo confiável	Pouco confiável	Nada confiável	NS/não tem opinião	NR
1	2	3	4	88	98

PN4. De uma maneira geral, o(a) sr./sra. está muito satisfeito(a), satisfeito(a), insatisfeito(a)

ou muito insatisfeito(a) com o funcionamento da democracia no Brasil?

Muito satisfeito	Satisfeito	Insatisfeito	Muito insatisfeito	NS/não tem opinião	NR
1	2	3	4	88	98

SOCT2. O(A) sr./sra. considera que a situação econômica atual do país está melhor, igual, ou pior que há doze meses?

Melhor	Igual	Pior	Não sabe	Não respondeu
1	2	3	88	98

Q1. Sexo [anote sem perguntar]: (1) Homem (2) Mulher

Q2Y. Idade: Em que ano o(a) sr./sra. nasceu? \_\_\_\_\_ ano (8888) NS (9888) NR

ED Educação:

<b>ED. Qual foi o último ano de escola que o(a) sr./sra. terminou</b> ____ Ano do _____ (primário, secundário, universidade, superior não-universitário) = total de anos <b>[Usar tabela abaixo para código]</b>									
	1 <sup>o</sup>	2 <sup>o</sup>	3 <sup>o</sup>	4 <sup>o</sup>	5 <sup>o</sup>	6 <sup>o</sup>	7 <sup>o</sup>	8 <sup>o</sup>	
Nenhum	0								
Primário	1	2	3	4	5	6	7	8	
Secundário	9	10	11						[[ ]]
Universidade	12	13	14	15	16	17+			
Ensino Superior não-universitário	12	13	14	15					
NS	88								
NR	98								

L1 Ideologia:

<b>[ENTREGUE CARTAO "A" AO ENTREVISTADO]</b>												
<b>L1. Agora, para mudar de assunto. Nesse cartão há uma escala, de 1 a 10, na qual o número 1 significa "esquerda" e o 10 significa "direita". Hoje em dia, quando se conversa de tendências políticas, fala-se de pessoas que simpatizam mais com a esquerda e de pessoas que simpatizam mais com a direita. De acordo com o sentido político que os termos "esquerda" e "direita" têm para o(a) sr./sra, onde o(a) sr./sra. se situa nesta escala?</b>												
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	NS 88	NR 98	[[ ]]
Esquerda										Direita		

Q3C Religião:

**Q3C. Qual a sua religião, se tiver? [Não leia as alternativas] [Se o entrevistado diz que não tem religião, explore para escolher se o entrevistado pertence à alternativa 4 ou 11]**

(1) Católica  
 (2) Protestante Tradicional ou Evangélica não pentecostal (Adventista, Batista, Calvinista, Luterano, Metodista, Presbiteriano, Anglicano, Episcopal, Discípulo de Cristo)  
 (3) Outra não cristã (Muçulmano, Budista, Induista, Taoísta, Confuciano, Baha'i)  
 (4) Nenhuma (Acredita em uma entidade suprema mas não pertence à religião nenhuma)  
 (5) Evangélica pentecostal (pentecostal, Igreja Universal, Sara Nossa Terra, Igreja Quadrangular, Congregação Cristã, Adventista do Sétimo Dia, Igreja Cristã Reformada, Adventista, Adventista de Sétimo Dia, etc)  
 (6) Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias ou SUD (Mórmon)  
 (7) Religiões Tradicionais ou nativas (Candomblé, Umbanda, Voodoo, Rastafari, religiões mayas, Santo Daime, Esotérica)  
 (8) Espírita kardecista  
 (10) Judeu (Ortodoxo, reforma, conservador)  
 (11) É agnóstico ou ateu/Não acredita em Deus  
 (88) NS  
 (98) NR

**COLORI.** Usando o cartão colorido, anote a cor da pele que mais se aproxima à sua:



**ANEXO K – CODEBOOK LAPOP 2017**

**PAÍS 15. BRASIL**

<b>PAIS. País:</b>				
01. México	02. Guatemala	03. El Salvador	04. Honduras	05. Nicaragua
06. Costa Rica	07. Panamá	08. Colombia	09. Ecuador	10. Bolivia
11. Perú	12. Paraguay	13. Chile	14. Uruguay	15. Brasil
16. Venezuela	17. Argentina	21. Rep. Dom.	22. Haití	23. Jamaica
24. Guyana	25. Trinidad & Tobago	26. Belice	40. Estados Unidos	41. Canadá
27. Surinam	28. Bahamas	29. Barbados	30. Granada	31. Santa Lucía
32. Dominica	33. Antigua y Barbuda	34. San Vicente y las Granadinas	35. San Kitts y Nevis	

ESTRATOPRI Região brasileira:

(1501) Norte (1502) Nordeste (1503) Centro-Oeste (1504) Sudeste (1505) Sul

MIL10A. O governo da China. Na sua opinião ele é muito confiável, algo confiável, pouco confiável, nada confiável, ou não tem opinião?

Muito confiável	Algo confiável	Pouco confiável	Nada confiável	Não sabe/não tem opinião	Não respondeu [NÃO LER]	Não se aplica [NÃO LER]
1	2	3	4	888888	988888	999999

PN4 Satisfação democrática

**PN4.** De uma maneira geral, o(a) sr./sra. está muito satisfeito(a), satisfeito(a), insatisfeito(a) ou muito insatisfeito(a) com o funcionamento da **democracia** no Brasil?  
(1) Muito satisfeito(a) (2) Satisfeito(a) (3) Insatisfeito(a) (4) Muito insatisfeito(a)  
(888888) Não sabe [NÃO LER] (988888) Não responde [NÃO LER]

SOCT2 Percepção econômica

**SOCT2.** O(A) sr./sra. considera que a situação econômica atual **do país** está melhor, igual, ou pior que há **doze meses**?  
(1) Melhor (2) Igual (3) Pior  
(888888) Não sabe [NÃO LER] (988888) Não responde [NÃO LER]

Q1. [anote sem perguntar] Sexo: (1) Homem (2) Mulher

Q2. Idade

**Q2.** Quantos anos o(a) sr./sra. tem? \_\_\_\_\_ anos [Anotar a idade. Não pode ser menos de 16 anos]  
(888888) Não sabe [NÃO LER]  
(988888) Não responde [NÃO LER]

ED Educação:

ED. Qual foi o último ano de escola que o(a) sr./sra. terminou \_\_\_\_\_ Ano do \_\_\_\_\_ (primário, secundário, universidade, superior não-universitário)

=

\_\_\_\_\_ total de anos [Usar tabela abaixo para código]

(0) - 0 Nenhum

(1) 1 ano 1º ano do primário (2º ano no sistema novo)

(2) 2 anos 2º ano do primário (3º ano no sistema novo)

(3) 3 anos 3º ano do primário (4º ano no sistema novo)

(4) 4 anos 4º ano do primário (5º ano no sistema novo)

(5) 5 anos 5º ano do primário (6º ano no sistema novo)

(6) 6 anos 6º ano do primário (7º ano no sistema novo)

- (7) 7 anos 7º ano do primário (8º ano no sistema novo)
- (8) 8 anos 8º ano do primário (9º ano no sistema novo)
- (9) 9 anos 1º ano do secundário
- (10) 10 anos 2º ano do secundário
- (11) 11 anos 3º ano do secundário
- (12) 12 anos 1º ano da universidade /superior não universitário
- (13) 13 anos 2º ano da universidade /superior não universitário
- (14) 14 anos 3º ano da universidade /superior não universitário
- (15) 15 anos 4º ano da universidade /superior não universitário
- (16) 16 anos 5º ano da universidade
- (17) 17 anos 6º ano da universidade ou mais
- (888888) Não sabe [NÃO LER]
- (988888) Não responde [NÃO LER]

L1. Agora, para mudar de assunto. Nesse cartão há uma escala, de 1 a 10, na qual o número 1 significa “esquerda” e o 10 significa “direita”. Hoje em dia, quando se conversa de tendências políticas, fala-se de pessoas que simpatizam mais com a esquerda e de pessoas que simpatizam mais com a direita. De acordo com o sentido político que os termos “esquerda” e “direita” têm para o(a) sr./sra, onde o(a) sr./sra. se situa nesta escala?

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Não sabe [NÃO LER] 888888	Não responde [NÃO LER] 988888
Esquerda										Direita	

Q3C Religião:

[Usar cartão "Q3C" como apoio. NAO mostrar o cartão ao entrevistado]

**Q3C. Qual a sua religião, se tiver? [Não leia as alternativas]**

**[Se o entrevistado diz que não tem religião, explore para escolher se o entrevistado pertence à alternativa 4 ou 11]**

**[Se o entrevistado diz "Cristão" ou "Evangélico", explore para verificar se é católico (opção 1), pentecostal (opção 5) ou evangélico não-pentecostal (opção 2). Se não tiver certeza, selecione (2).]**

(01) Católico

(02) Protestante Tradicional ou Evangélica não pentecostal (Batista, Calvinista, Luterano, Metodista, Presbiteriano, Discípulo de Cristo, Anglicano, Episcopal, Igreja Cristã Reformada, Igreja Morava, Menonita, Irmãos em Cristo; Igreja do Nazareno)

(03) Outra religião oriental não cristã (Muçulmano, Budista, Induista, Taoísta, Confuciano, Baha'i)

(05) Evangélica pentecostal (Pentecostal, Igreja de Deus, Assembleias de Deus, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Quadrangular, Igreja de Cristo, Congregação Cristã, Adventista, Adventista de Sétimo Dia, Sara Nossa Terra, Carismático não Católico, etc)

(06) Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias ou SUD (Mórmon)

(07) Religiões Tradicionais ou nativas (Santeria, Candomblé, Umbanda, Voodoo, Rastafari, religiões mayas, Santo Daime, Esotérica)

(1501) Espírita kardecista

(10) Judeu (Ortodoxo, reforma, conservador)

(12) Testemunha de Jeová

(04) Nenhuma (Acredita em uma entidade suprema mas não pertence à religião nenhuma)

(11) Agnóstico ou ateu/não acredita em Deus

(77) Outra

(888888) Não sabe **[NÃO LER]**

(988888) Não responde **[NÃO LER]**

**COLORI.** Usando o cartão colorido, anote a cor da pele que mais se aproxima à sua.



## ANEXO L – CODEBOOK LAPOP 2019

### PAÍS 15. BRASIL

PAIS. País:				
01. México	02. Guatemala	03. El Salvador	04. Honduras	05. Nicaragua
06. Costa Rica	07. Panamá	08. Colombia	09. Ecuador	10. Bolivia
11. Perú	12. Paraguay	13. Chile	14. Uruguay	15. Brasil
16. Venezuela	17. Argentina	21. Rep. Dom.	22. Haití	23. Jamaica
24. Guyana	25. Trinidad & Tobago	26. Belice	40. Estados Unidos	41. Canadá
27. Surinam	28. Bahamas	29. Barbados	30. Granada	31. Santa Lucía
32. Dominica	33. Antigua y Barbuda	34. San Vicente y las Granadinas	35. San Cristóbal y Nieves	

ESTRATOPRI Região brasileira:

(1501) Norte (1502) Nordeste (1503) Centro-Oeste (1504) Sudeste (1505) Sul

MIL10A. O governo da China. Na sua opinião ele é muito confiável, algo confiável, pouco confiável, nada confiável, ou não tem opinião?

Muito confiável	Algo confiável	Pouco confiável	Nada confiável	Não sabe/não tem opinião	Não respondeu [NÃO LER]	Não se aplica [NÃO LER]
1	2	3	4	888888	988888	999999

PN4 Satisfação com a democracia

<b>PN4.</b> De uma maneira geral, o(a) sr./sra. está muito satisfeito(a), satisfeito(a), insatisfeito(a) ou muito insatisfeito(a) com o funcionamento da democracia no Brasil?			
(1) Muito satisfeito(a)	(2) Satisfeito(a)	(3) Insatisfeito(a)	(4) Muito insatisfeito(a)
(888888) Não sabe [NÃO LER]	(988888) Não responde [NÃO LER]		

SOCT2 Percepção econômica

<b>SOCT2.</b> O(A) sr./sra. considera que a situação econômica atual do país está melhor, igual, ou pior que há doze meses?		
(1) Melhor	(2) Igual	(3) Pior
(888888) Não sabe [NÃO LER]	(988888) Não responde [NÃO LER]	

Q1. Sexo [anote sem perguntar]: (1) Homem (2) Mulher

Q2. Quantos anos o(a) sr./sra. tem? \_\_\_\_\_ anos [Anotar a idade. Não pode ser menos de 16 anos] (888888) Não sabe [NÃO LER] (988888) Não responde [NÃO LER]

ED. Qual foi o último ano ou série da escola que o(a) sr./sra. concluiu com aprovação? \_\_\_\_\_ Ano do \_\_\_\_\_ (primário, secundário, universidade, superior não-universitário) = \_\_\_\_\_ total de anos [Usar tabela abaixo para código].

(0) – 0 Nenhum

- (1) 1 ano 1º série do primário (2º ano no sistema novo/Ensino Fundamental)
- (2) 2 anos 2º série do primário (3º ano no sistema novo/Ensino Fundamental)
- (3) 3 anos 3º série do primário (4º ano no sistema novo/Ensino Fundamental)
- (4) 4 anos 4º série do primário (5º ano no sistema novo/Ensino Fundamental)
- (5) 5 anos 5º série do ginásio (6º ano no sistema novo/Ensino Fundamental)
- (6) 6 anos 6º série do ginásio (7º ano no sistema novo/Ensino Fundamental)
- (7) 7 anos 7º série do ginásio (8º ano no sistema novo/Ensino Fundamental)
- (8) 8 anos 8º série do ginásio (9º ano no sistema novo/Ensino Fundamental)
- (9) 9 anos 1º ano do colegial/ Ensino Médio
- (10) 10 anos 2º ano do colegial/ Ensino Médio
- (11) 11 anos 3º ano do colegial/ Ensino Médio
- (12) 12 anos 1º ano da universidade /superior não universitário
- (13) 13 anos 2º ano da universidade /superior não universitário
- (14) 14 anos 3º ano da universidade /superior não universitário
- (15) 15 anos 4º ano da universidade /superior não universitário
- (16) 16 anos 5º ano da universidade
- (17) 17 anos 6º ano da universidade ou mais
- (888888) Não sabe [NÃO LER]
- (988888) Não responde [NÃO LER]

L1 Ideologia

**L1.** Agora, para mudar de assunto. Nesse cartão há uma escala, de 1 a 10, na qual o número 1 significa "esquerda" e o 10 significa "direita". Hoje em dia, quando se conversa de tendências políticas, fala-se de pessoas que simpatizam mais com a esquerda e de pessoas que simpatizam mais com a direita. De acordo com o sentido político que os termos "esquerda" e "direita" têm para o(a) sr./sra, onde o(a) sr./sra. se situa nesta escala?

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Não sabe [NÃO LER] 888888	Não responde [NÃO LER] 988888
Esquerda										Direita	

Q3CN Religião:



**Q3CN. Qual a sua religião, se tiver? [Não leia as alternativas]**

**[Se o entrevistado diz que não tem religião, explore para identificar se o entrevistado pertence à alternativa 4 ou 11]**

**[Se o entrevistado diz "Cristão" ou "Evangélico", explore para verificar se é católico (opção 1), pentecostal (opção 5) ou evangélico não-pentecostal (opção 2). Se não tiver certeza, selecione (2).]**

(01) Católico **[Siga]**

(02) Protestante Tradicional ou Evangélica não pentecostal (Batista, Calvinista, Luterano, Metodista, Presbiteriano, Discípulo de Cristo, Anglicano, Episcopal, Igreja Cristã Reformada, Igreja Morava, Menonita, Irmãos em Cristo; Igreja do Nazareno) **[Siga]**

(03) Outra religião oriental não cristã (Muçulmano, Budista, Induísta, Taoísta, Confuciano, Baha'i) **[Siga]**

(05) Evangélica pentecostal (Pentecostal, Igreja de Deus, Assembleias de Deus, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Quadrangular, Igreja de Cristo, Congregação Cristã, Adventista, Adventista de Sétimo Dia, Sara Nossa Terra, Carismático não Católico, Bola de Neve, etc) **[Siga]**

(07) Religiões Tradicionais ou nativas (Santeria, Candomblé, Umbanda, Vodú, Rastafari, religiões mayas, Santo Daime, Esotérica) **[Siga]**

(1501) Espírita kardecista **[Siga]**

(04) Nenhuma (Acredita em uma entidade suprema mas não pertence à religião nenhuma) **[Siga]**

(11) Agnóstico ou ateu/não acredita em Deus **[VÁ PARA Q5B]**

(77) Outra **[Siga]**

(888888) Não sabe **[NÃO LER] [Siga]**

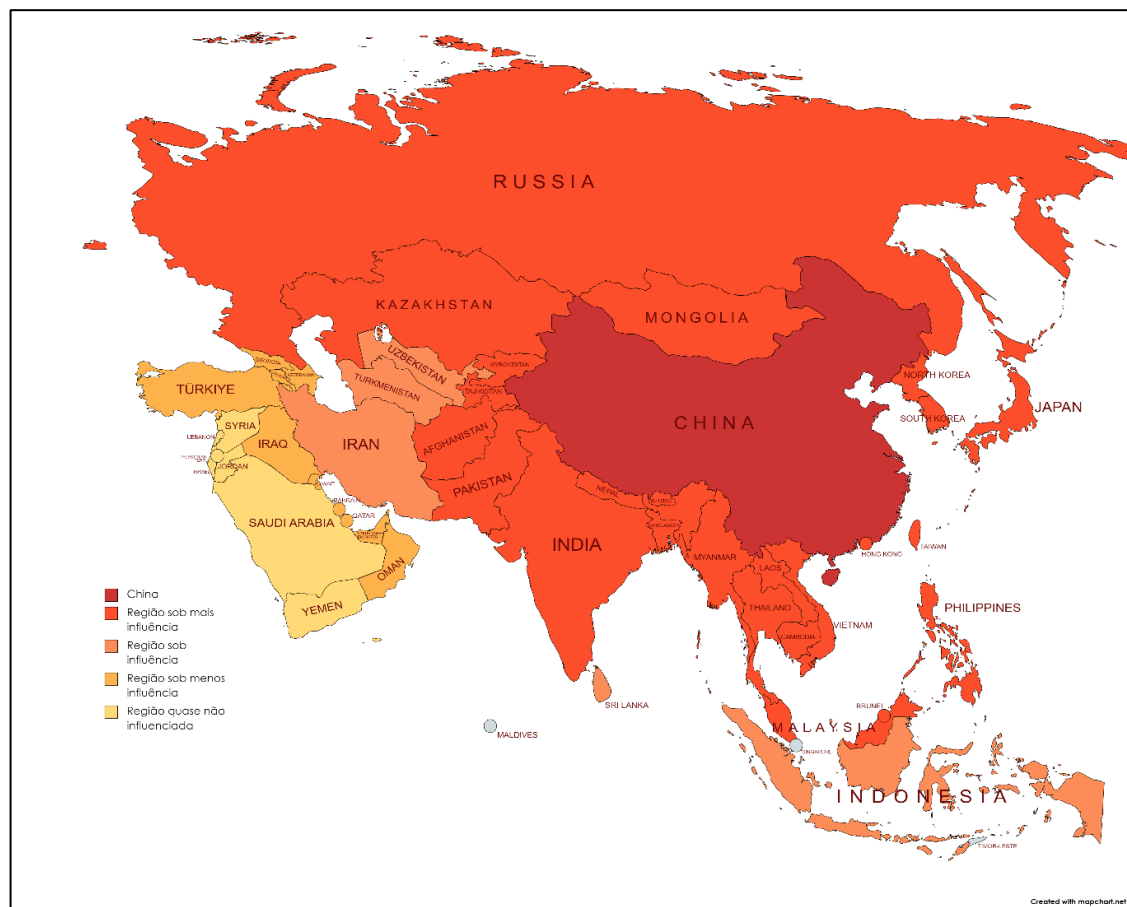
(988888) Não responde **[NÃO LER] [Siga]**

**COLORI.** Usando o cartão colorido, anote a cor da pele que mais se aproxima à sua.



## APÊNDICES

### APÊNDICE A – ZONA DE INFLUÊNCIA DA CHINA POR PROXIMIDADE GEOGRÁFICA



Nota: Legendas: Em vermelho escuro se encontra a China. Em vermelho mais claro são as zonas de influência mais próximas da China – aquelas que fazem fronteira com a RCP. Em vermelho claro se encontram países que ainda estão na zona de influência da China, mas não fazem fronteira. Em laranja escuro estão os países que estão na zona de influência da China, mas estão separados por 1 ou 2 países da fronteira chinesa. Por fim, o amarelo claro são países separados da China por 3 ou mais países.

Fonte: Elaboração da autora.

## APÊNDICE B – CODEBOOK LATINOBARÓMETRO (2011-2020)

### EDITADO

Codebook criado a partir das alterações realizadas nas bases de dados originais. Do lado esquerdo da página o nome da variável no banco de dados e do lado direito o rótulo de cada uma das variáveis.

Ano	Ano da pesquisa
	2011
	2013
	2015
	2016
	2017
	2018
	2020
País	País da entrevista
	Brasil
Região	Região geográfica
Código	Label
1	Norte
2	Nordeste
3	Sudeste
4	Sul
5	Centro-Oeste
OPChina	Opinião sobre a China
Código	Label
1	Muito boa
2	Boa
3	Ruim
4	Muito ruim
SatisDemocracia	Satisfação com a democracia
Código	Label
1	Muito satisfeito
2	Satisfeito
3	Não muito satisfeito

4 Insatisfeito

PercepEcono Código	Percepção econômica (últimos 12 meses) Label
1	Muito boa
2	Boa
3	Nada mal
4	Ruim
5	Muito ruim

Sexo Código	Sexo do respondente Label
0	Mulher
1	Homem

FaixaEtária Código	Faixa etária do respondente Label
1	15-25
2	26-40
3	41-60
4	61 +

Ideologia Código	Posição na escala de esquerda-direita Label
0	Esquerda
1	1
2	2
3	3
4	4
5	5
6	6
7	7
8	8
9	9
10	Direita

Religião Código	Religião do respondente Label
1	Católico

2	Evangélico sem especificações
3	Evangélico Batista
4	Evangélico Metodista
5	Evangélico Pentecostal
6	Adventista
7	Testemunha de Jeová
8	Mormon
9	Judeu
10	Protestante
11	Matriz africana
12	Crente, sem pertencer a uma igreja
13	Agnóstico
14	Ateu
15	Outra
16	Nenhuma

Educação	Nível de escolaridade do respondente
Código	Label
1	Sem educação formal
2	1 ano de educação formal
3	2 anos de educação formal
4	3 anos de educação formal
5	4 anos de educação formal
6	5 anos de educação formal
7	6 anos de educação formal
8	7 anos de educação formal
9	8 anos de educação formal
10	9 anos de educação formal
11	10 anos de educação formal
12	11 anos de educação formal
13	12 anos de educação formal
14	Ensino universitário incompleto
15	Ensino universitário concluído
16	Ensino técnico incompleto
17	Ensino técnico concluído

GrupoEtnico	Grupo étnico do respondente
1	Asiático
2	Preto
3	Indígena
4	Mestiço

5	Mulato
6	Branco
7	Outra raça

## APÊNDICE C – CODEBOOK LAPOP (2012-2019) EDITADO

Codebook criado a partir das alterações realizadas nas bases de dados originais. Do lado esquerdo da página o nome da variável no banco de dados e do lado direito o rótulo de cada uma das variáveis.

Ano	Ano de coleta dos dados
	2012
	2014
	2017
	2019

País	Brasil
------	--------

Região brasileira	Região geográfica
Código	Label
1	Norte
2	Nordeste
3	Sudeste
4	Sul
5	Centro-Oeste

OP_Gov_China	Opinião sobre o governo chinês
Código	Label
1	Muito confiável
2	Algo confiável
3	Pouco confiável
4	Nada confiável

SatisDemocracia	Satisfação com a democracia do Brasil
Código	Label
1	Muito satisfeito
2	Satisfeito
3	Insatisfeito
4	Muito insatisfeito

PercepEcono Código	Percepção econômica do respondente Label
1	Muito boa
2	Boa
3	Nem boa, nem má (regular)
4	Má
5	Muito má

Sexo Código	Sexo do respondente Label
0	Mulher
1	Homem

FaixaEtária Código	Faixa etária do respondente Label
1	15-25
2	25-40
3	40-60
4	60 +

Educação Código	Nível de escolaridade do respondente Label
1	Sem educação formal
2	1 ano de educação formal
3	2 anos de educação formal
4	3 anos de educação formal
5	4 anos de educação formal
6	5 anos de educação formal
7	6 anos de educação formal
8	7 anos de educação formal
9	8 anos de educação formal
10	9 anos de educação formal
11	10 anos de educação formal
12	11 anos de educação formal
13	12 anos de educação formal
14	Ensino universitário incompleto
15	Ensino universitário concluído
16	Ensino técnico incompleto
17	Ensino técnico concluído



Ideologia	Posição na escala de esquerda-direita
Código	Label
1	Esquerda
2	2
3	3
4	4
5	5
6	6
7	7
8	8
9	9
10	Direita

Religião	Religião do respondente
Código	Label
1	Católica
2	Protestante tradicional ou evangélica não pentecostal (adventista, batista, calvinista, luterano, metodista, presbiteriano, anglicano, episcopal, discípulo de Cristo)
3	Outra não cristã (Muçulmano, Budista, Indoísta, Taoísta, Confuciano, Baha'i)
4	Nenhuma (acredita em uma entidade suprema, mas não pertence à religião nenhuma)
5	Evangélica pentecostal (pentecostal, Igreja Universal, Sara Nossa Terra, etc)
6	Mormon ou Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias ou SUD
7	Religiões tradicionais ou nativas (candomblé, umbanda, voodoo, rastafaria, religiões mayas, Santo Daime, Esotérica)
8	Espirita kardecista
10	Judeu
11	Ateu
12	Testemunha de Jeová

GrupoEtnico*	Etnia/Grupo étnico
Código	Label
1	Branca
2	Indígena
3	Preta
4	Parda

5

Amarela

6

Outra

\*Nota: apesar de fornecerem um cartão de identificação para o respondente com 10 opções de cores para se identificar, o entrevistador possuía um espaço para identificar o respondente de acordo com sua percepção étnica. No fim, as respostas dos entrevistadores foram utilizadas nas bases de dados disponibilizados pelo LAPOP.